

COORDENAÇÃO

Ana Paula Avelar
e Luís Costa e Sousa

**Um tratado
português
do século XVI
revisitado**

O Regimento
de Guerra
de Martim
Afonso de Melo

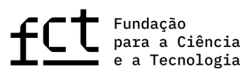

Edições Colibri

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Regimento da Gu
Que fez. Martim Affonso
Guarda. Mor da Lengua do
Rey Dom. João Primeiro
Para uso
Do. M.^o e Ex.^{mo} Sm.
Dom Francisco de Mel
nha Mendonça e Menez
quez de Othão da Restaur
Mis. rarissimo, e muito nec

Um tratado português do século XVI revisitado
O Regimento de Guerra de Martim Afonso de Melo



Ana Paula Avelar
Luís Costa e Sousa
(Coordenação)

Um tratado português do século XVI revisitado
O Regimento de Guerra de Martim Afonso de Melo



Edições Colibri

Obra publicada ao abrigo do projecto “*De Re Militari*: Da escrita da guerra à imagem do campo de batalha no espaço português (1521-1621)” (PTDC/ART-HIS/32459/2017), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Esta publicação contou com o apoio do CHAM (NOVA FCSH – UAc), através do projecto estratégico financiado pela FCT (UIDB/04666/2020)

Esta obra encontra-se em acesso aberto.

Os coordenadores da obra deixam o seu agradecimento à Doutora Inês Cordeiro, diretora da Biblioteca Nacional de Portugal, e à Doutora Ana Cristina Silva da seção de Reservados.

Título: Um tratado português do século XVI revisitado.
O Regimento de Guerra de Martim Afonso de Melo.

Coordenadores: Ana Paula Avelar (Universidade Aberta; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa), ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0482-3832>
Luís Costa e Sousa (CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa), ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5998-2438>

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Raquel Gil Ferreira

Transcrição do documento: Paulo Paixão
Luís Costa e Sousa

Digitalização e conversão em formato Word: Miguel Brilhante

ISBN 978-989-566-232-6

Depósito legal n.º 505 546/22

Lisboa, Janeiro de 2023

ÍNDICE

Introdução

Ana Paula Avelar.....9

1. A escrita militar em Portugal sobre a coisa da guerra

Luís Costa e Sousa..... 17

1.1 Do Renascimento da escrita da guerra na Europa 17

1.2 A tratadística militar em Portugal, uma realidade (ainda) obscura.....26

1.3. O Regimento de Guerra.....29

1.4 O *Prólogo de re militari*: cópia ou versão?.....43

2. Regimento de Guerra49

3. *Prólogo De Re Militari* (transcrição documental)

Paulo Paixão e Luís Costa e Sousa..... 101

4. Glossário

Luís Costa e Sousa..... 167

Bem sei que nam faltarão gozadores a esta obra, porque lhe falta o estilo de orador, a rethorica necessária; mas como minha tenção não é mostrar o que não sou, senão o que entendo, me devem levar em conta todos os erros que me acharem.

Martim Afonso de Melo, *Regimento de Guerra*

INTRODUÇÃO

Ana Paula Avelar

(Universidade Aberta; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

A *escrita* sobre a *ars bellica*, nomeadamente, a elaborada a partir da segunda metade do século XVI, surge no seio da construção de um imaginário imperial, devendo o *Regimento de Guerra* de Martim Afonso de Melo ser analisado exatamente neste contexto. A sua possível datação, de finais de 1560 a inícios de 1570, evoca um tempo em que a singularidade da presença portuguesa no Norte de África é uma das temáticas presentes no governo do império, visto a ameaça otomana aos reinos e impérios europeus, no espaço mediterrânico, ser uma constante.

Atente-se como, em 1565, uma força naval otomana sitiara Malta, e ainda que não tivesse tido sucesso, no ano seguinte, se assistiria à invasão de Quios e Naxos:

“Em Agosto de 1571, uma força otomana conquistou Chipre aos Venezianos e massacrou a população cristã da cidade de Famagusta. Seis anos depois, Samos sofreu um destino similar. Aos olhos dos desalentados observadores cristãos no Mediterrâneo Oriental, os Otomanos pareciam invencíveis no mar como em terra. Todavia, um mês depois da capitulação de Chipre, a Cristandade alcançou uma das suas maiores vitórias sobre os Otomanos, perto de Nafpaktos, então chamado Golfo de Lepanto”¹.

É exatamente neste mesmo ano de 1571 que Francisco de Holanda escreve a sua *Lembrança ao muito Serenissimo e Cristianissimo Rei Dom Sebastiam: De quanto Serve a Sciencia do Desegno e Êtendimêto da Arte da Pintura na Republica Christam Asi na Paz como na Guerra*, a qual integra a sua narrativa *Da Fabrica que Falece ha Cidade de Lisboa*. Re-

¹ Anthony Pagden, *Mundos em Guerra – 2500 anos de conflitos entre Ocidente e Oriente*, Lisboa, Edições 70, 2022, p. 267.

fira-se que, logo no primeiro texto que compõe esta obra, isto é, na *Lembrança ao muito Serenissimo e Christianissimo Rei D. Sebastiam Sobre a Fortificação e Repairo de Lisboa*, a par do esboço de uma tipologia da organização do espaço urbano, o autor expõe as intervenções que, segundo ele, conduziriam à sua melhoria. Holanda não descarta aquele que é o seu primeiro propósito, o de garantir a fortificação de uma cidade, que, como escreve, no seu capítulo III, domina o *Oriente e o Ponente*² e é a cabeça de um império, como, aliás, anteriormente Damião de Góis evocara, no seu elogio à cidade de Lisboa.

Nesta narrativa, na *Urbis Olisiponis Descriptio* (1554), Góis assinala o *arsenal de guerra*, o qual teria sido mandado construir por D. Manuel. Com muitas divisões adornadas e trabalhadas artisticamente, este oferece uma disposição algo labiríntica. Este edifício encontra-se repleto de todo o tipo de armas, *máquinas* de guerra, morteiros, e todo um conjunto de armamento necessário para combater, tanto no mar como em terra. Como escreve o autor, é em tão grande número que, quer: “(...) pela quantidade das máquinas bélicas quer pelo número infinito de armas e de lanças, facilmente ultrapassa todos os arsenais, aliás bem apetrechados e bem recheados, que atualmente existem na Europa ou na Ásia, a maior parte dos quais eu visitei”³. Góis elogia as *excelências* do governo do rei, D. João III, de seu nome, numa obra que percorre os círculos cultos da Europa de então.

Mas registre-se que o cronista não deixa de assinalar que o monarca necessitaria de mais de duzentas embarcações de diferentes categorias para as suas expedições navais *ordinárias* nos espaços europeu, africano e asiático, explicitando ainda que, em três das salas deste arsenal, estão cuidadosamente armazenadas:

“(...) quarenta mil armaduras de infantaria, mais de três mil armaduras completas de cavaleiros, além das que são movimentadas para exercícios quotidianos e extraordinários. Também aqui se guardam peças de artilharia de todas as espécies, morteiros, escorpiões, basiliscos, leões, colubrinas, camelos, pedreiros, dispersores, e bombardadas de descomunal grandeza e peso; assim como outras armas vulgares de arremesso, a que o povo dá o nome de falcões, berços, espingardas; e ainda pólvora e balas de pedra e de ferro (...)”⁴.

² Cf. Francisco de Holanda, *Da Fábrica que Falece ha çidadede Lysboa*, Lisboa, Público – Comunicação Social SA, 2021.

³ Damião de Góis, *Descrição da cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 58.

⁴ *Ibidem*.

Este seria o tipo de *arsenal* usado por aqueles que faziam exercícios quotidianos e extraordinários e são o objecto do *Regimento de Guerra*, que agora se publica. Nesta obra, pratica-se o princípio quinhentista da aliança entre a escrita e o desenho, naquela que será a descrição de um espaço e da sua eficaz organização⁵. Observe-se como se representam esquemáticamente as formaturas de companhias, recorrendo-se a figuras geométricas, partindo-se elipses... combinando-se espirais....

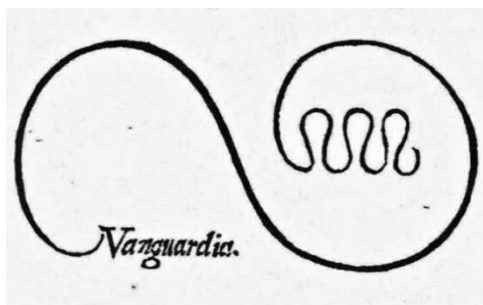


Fig. 1. De como se faz o caracol de caminho



Fig. 2. Como se faz o caracol cerrado por dentro

A palavra detalha o movimento expresso pelo esboço, como acontece no capítulo XLVIII, quando se descreve como *se faz o caracol de caminho*, ou ainda, no capítulo XLIX, quando se explicita *como se faz o caracol cerrado por dentro*. É o esquisso que predomina para visualmente transmitir uma exposição teórica, num tempo, em que como afirmou Rui Bebiano:

“(...) cada combatente, ou grupo de combatentes, movia-se no terreno, a maior parte das vezes, de acordo com objectivos – por vezes apenas determinados pela perspectiva do saque – que ele próprio escolhia. Neste contexto, o chefe militar apenas podia dar ordens muito gerais, acudindoo, com os seus homens de confiança, aos pontos mais difíceis, e deixando para o final do embate, se vitorioso para as suas cores, a complicada tarefa de voltar a reunir a massa já sem norte”⁶.

⁵ Cf. Ana Paula Avelar, “A construção de uma imagem de Oriente na escrita e no desenho do Portugal de Quinhentos: Gaspar Correia e Jerónimo Corte-Real”, in *Renascimentos na Europa do século XVI* [Recurso electrónico]: formas, ritmos e convergência: atas do colóquio. Lisboa: Fundação Gulbenkian (cd-rom), 2011.

⁶ Rui Bebiano, *A pena de Marte – Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, Minerva, 2000, p. 385.

Tal realidade também acontecia nos palcos de guerra portugueses. Contudo, vários são os exercícios e os diálogos entre a palavra e o desenho que procuram ordenar, ou melhor refletir sobre as contendas bélicas. Tome-se aquele que evoca a presença portuguesa no Norte de África e o projeto de D. Sebastião fortalecer a permanência da coroa portuguesa naquele espaço: o signo da guerra expõe-se alegoricamente, na figuração da defesa e alargamento do império português.

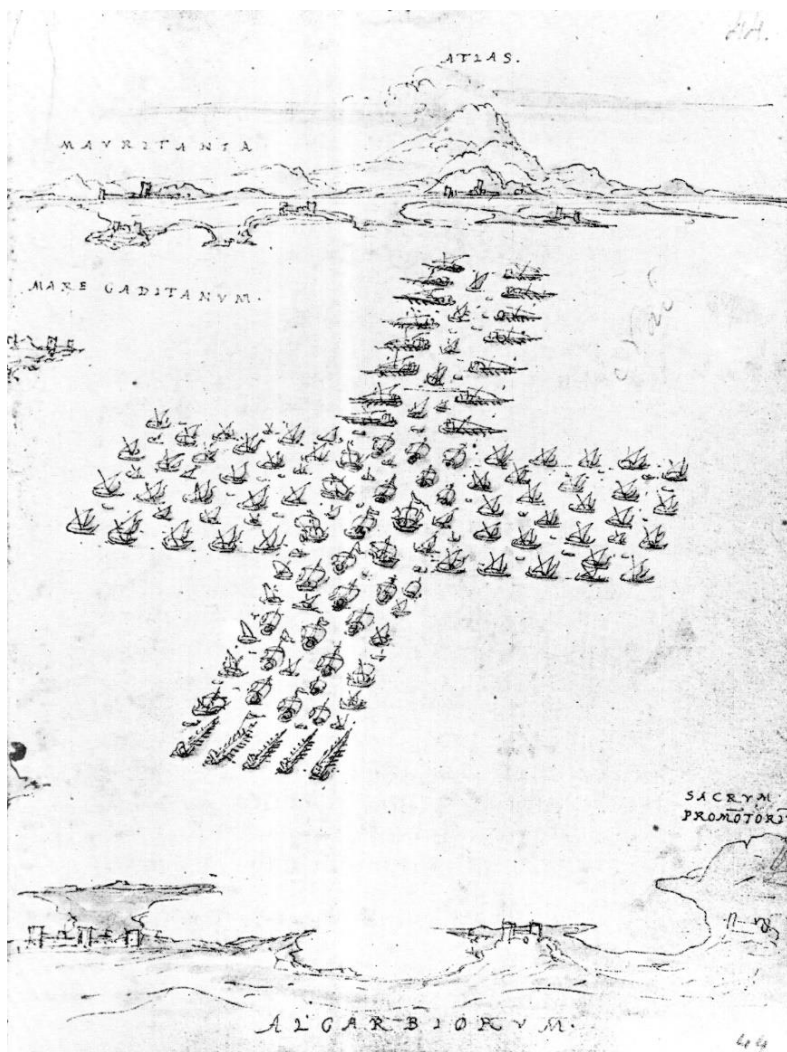


Fig. 3. A Armada.

Cap. III *De quãto serve o Êtendimêto do Desegno da Pintura...*

Tal acontece através de um fantasmático ideário cruzadístico plasmado pelo desenho da saída dos Algarves em direção à Mauritània, na já referida *Lembrança ao muito Serenissimo e Cristianissimo Rei Dom Sebastiam: De quãto Serve a Sçiencia do Desegno e Êtendimêto da Arte da Pintura na Republica Christam Asi na Paz como na Guerra.*

Contudo, aqui, a palavra de Francisco de Holanda meramente designa a apresentação das formas das galés, naus e galeões, ainda que um segundo desenho complete o desígnio de D. Sebastião tomar o reino de Fez e de Marrocos. No seu reinado, o monarca português continuaria os projetos anteriormente iniciados de reforçar as fortificações do reino, nomeadamente as praças de Tânger e Ceuta, devido aos mais ou menos constantes ataques.



Fig. 4. Os exércitos. Cap. III *De quãto serve o Êtendimêto do Desegno da Pintura*

Subjaz nesta representação dos exércitos o princípio renascentista de ligação orgânica entre micro e macrocosmo. Francisco de Holanda joga entre aqueles que são os microcosmos compostos por objetos realisticamente figurados, onde se descortinam acampamentos militares, canhões, estandartes... e uma alegórica representação antropomórfica da Guerra. É toda uma mensagem de transliteralidade e universo de significação que se transmite⁷. Provoca-se um dinâmico exercício de leitura, o de aproxima-

⁷ Cf. Ana Paula Menino Avelar, *Veredas da Modernidade – Escrevendo o Mundo no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2022, p. 133.

ção e distanciação do objeto, assegurando-se que: “(...) by this movement he will lose no meaning and that he will always remain in a vital relation with the image”⁸. Por seu turno, a palavra explicita aquele que é o propósito do autor, isto é, o uso que deve ter o desenho: “(...) na forma de como ha de ordenar os Esquadrões ou ã Triangolo, ou ã Quadro, ou noutras formas, E asi as Alas e Vaõgardas. E assi ã todas as mais ocorrências ou acõtecimẽtos q̃ podẽ acõtecer ã tal cõbate”⁹.

D. Sebastião, a par do propósito de reforçar as fortificações dos seus domínios, determina os modos de organizar as suas gentes de armas. Atente-se como o monarca legislou sobre os assuntos militares, pois a 9 de dezembro de 1569, ordenou que os homens entre 20 e 65 anos, que não possuíssem bens, tivessem meias lanças ou alardes, o que como que preconizava, como considerou Joaquim Romero de Magalhães, o início de uma “militarização geral da sociedade”¹⁰. Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz recorda que, logo em 1570, tal disposição foi posteriormente alterada, para a posse de piques ou lanças de, pelo menos, 24 palmos¹¹. Refira-se igualmente que, no *Regimento dos Capitães-Mores e mais Capitães e Oficiais das Companhias da gente de cavalo e de pé e da ordem que terão em se exercitarem*¹², o monarca viu a necessidade de esclarecer que:

“E porquanto na Lei que fiz no ano passado de 1569 sobre as armas e cavalos que hão de ter meus vassalos se contém que as pessoas que tiverem duzentos e cinquenta mil réis de fazenda para cima e não chegarem à quantia porque sejam obrigados a ter cavalo, também por cinquenta mil réis de fazenda um arcabuz ou espingarda aparelhada: Declaro que minha tenção não foi nem é obrigar as ditas pessoas a ter cada um mais de dois arcabuzes ou espingardas aparelhadas além das mais armas que são obrigados ter por virtude da dita Lei”¹³.

⁸ Roland Barthes, *The responsibility of the forms-critical essays on Music, Art and Representation*, California, University of California Press, 1985, p. 142.

⁹ Francisco de Holanda, *op. cit.*, fl. 44.

¹⁰ Interpretação dada por Joaquim Romero de Magalhães. Cf. António Manuel Hespanha (ed.), *Nova História Militar de Portugal*, 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, p. 245.

¹¹ Cf. Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo Cruz, *D. Sebastião – o Desejado*, Lisboa, Quidnovi, 2009, p. 32.

¹² Cf. <https://www.arqnet.pt/exercito/1570capitãesmores.html> [consultado a 12.10.2022]

¹³ *Ibidem*.

Ainda em 1569 fora criada a capitania-mor da cidade de Lisboa, sendo seu capitão-mor D. João de Mascarenhas, cuja ação, no segundo cerco Diu (1546), fora prova dos seus dotes militares¹⁴. A capital seria, então, dividida em capitánias, guarnecidas cada uma com 300 homens, e, a 10 de dezembro de 1570, sairia o já citado *Regimento dos Capitães-Mores...*¹⁵. Este era para ser aplicado a todo o reino. Nele se estipulava que cada capitania seria chefiada por um capitão-mor e organizar-se-ia em companhias, cada uma possuindo um capitão, alferes, sargento, meirinho, escrivão, dez cabos e 25 esquadras, constituídas por 10 homens. Aí ordenava-se que o treino militar deveria ocorrer de oito em oito dias, *em Domingo ou Dia Santo*, ou:

“(...) no lugar onde houver uma só Bandeira irão ao exercício duas Esquadras, que são cinquenta homens, a um domingo e outras duas ao outro, até irem todas. E a gente desta Bandeira se exercitará toda junta no cabo do mês. E onde houver duas Bandeiras irão cada domingo cinco Esquadras, de maneira que cada quinze dias se exercite uma Bandeira toda junta, e se forem mais Bandeiras que duas irá uma Bandeira cada domingo, de maneira que por esta ordem se exercitem todas as Companhias uma vez em cada mês”¹⁶.

Para além de estipular recompensas a quem for o melhor atirador, explicita-se como:

“Os Cabos de Esquadra terão cuidado de ajuntar cada um a gente da sua Esquadra e ir com ela em Ordenança de cinco em cinco, ou de três em três, todos com suas armas, assim arcabuzeiros e besteiros, com os lanceiros e piqueiros, onde estiver o Capitão de sua Companhia, e com ele na dita Ordenança irão com sua Bandeira e tambor ao lugar onde se houver de fazer exercício, que será no campo. E o dito Capitão fará fazer barreira, e cada um dos atiradores atirá um tiro por obrigação, fora os que mais quiserem atirar por sua vontade”¹⁷.

É exatamente neste contexto que surge o *Regimento de Guerra*, de Martim Afonso de Melo. Este corresponde a uma necessidade, a de apurar práticas militares numa conjuntura de reorganização dos contingentes

¹⁴ Sobre a ação deste militar, cf. Roger Lee Pessoa de Jesus, *O segundo Cerco de Diu (1546). Estudo de História Política e Militar*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2012. In <https://core.ac.uk/download/pdf/144025927.pdf> [consultado a 12.10.2022]

¹⁵ Cf. <https://www.arqnet.pt/exercito/1570capitãesmores.html> [consultado a 12.10.2022]

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

bélicos, sendo, precisamente, por isso que, sobre estes tempos específicos, importa ler o estudo introdutório que acompanha a presente publicação, a qual se enquadra no âmbito mais alargado de um *Imaginarus Bellica*, naquele que é o estudo *De Re Militari: (re)construção da imagem da guerra no espaço português (1521-1621): imagens e textos*¹⁸.

Bibliografia citada:

- Avelar, Ana Paula. «A construção de uma imagem de Oriente na escrita e no desenho do Portugal de Quinhentos: Gaspar Correia e Jerónimo Corte-Real», In *Renascimentos na Europa do século XVI [Recurso electrónico]: formas, ritmos e convergência: actas do colóquio*. Lisboa: Fundação Gulbenkian (cd-rom), 2011.
- Avelar, Ana Paula Menino. *Veredas da Modernidade – Escrevendo o Mundo no Portugal de Quinhentos*, Lisboa, Colibri, 2022.
- Barthes, Roland. *The responsibility of the forms-critical essays on Music, Art and Representation*, California, University of California Press, 1985.
- Bebiano, Rui. *A pena de Marte – Escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*, Coimbra, Minerva, 2000.
- Cruz, Maria do Rosário Themudo Barata de Azevedo. *D. Sebastião – o Desejado*, Lisboa, Quidnovi, 2009.
- Góis, Damião. *Descrição da cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- Hespanha, António Manuel (ed.), *Nova História Militar de Portugal*, 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004.
- Holanda, Francisco de. *Da Fábrica que Falece ha çidade de Lysboa*, Lisboa, Público – Comunicação Social SA, 2021.
- Jesus, Roger Lee Pessoa de. *O segundo Cerco de Diu (1546). Estudo de História Política e Militar*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2012. In <https://core.ac.uk/download/pdf/144025927.pdf> [consultado a 12.10.2022]
- Pagden, Anthony. *Mundos em Guerra – 2500 anos de conflitos entre Ocidente e Oriente*, Lisboa, Edições 70, 2022.
- Regimento dos Capitães-Mores e mais Capitães e Oficiais das Companhias da gente de cavalo e de pé e da ordem que terão em se exercitarem*. In <https://www.arqnet.pt/exercito/1570capitãesmores.html> [consultado a 12.10.2022]

¹⁸ Projeto “De Re Militari: (re)construção da imagem da guerra no espaço português (1521-1621): imagens e textos /Re Militari: From Military literature to the battlefield imagery in the Portuguese Space 1521-1621 (PTDC/ ART-HIS/32459/2017)” e CHAM (NOVA FCSH / UAc), através do projeto estratégico financiado pela FCT (UIDB/04666/2020).

1. A ESCRITA MILITAR EM PORTUGAL SOBRE A COISA DA GUERRA¹⁹

Luís Costa e Sousa

(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

Ainda na primeira metade do século XVI, Francisco de Holanda explicou, de forma notável, qual o papel do desenho no domínio das artes bélicas: este servia para projetar máquinas e engenhos, “*para a feição das bombardas trabucos, canhões reforçados e arcabuzes... para estranheza e desenho das armas*”²⁰, e para estudar novas propostas de fortificação. Algumas décadas mais tarde, um importante tratadista particularmente lido e referenciado, Girolamo Cataneo, defendia que, para “*dissegnar fortrezze*”, era indispensável “*di sapergli bem disegnare sopra carta*”²¹. É evidente que elaborar as peças gráficas que hoje se designam como desenho técnico – neste caso, a vista em planta – o domínio do desenho era fundamental, mas foi Francisco de Holanda que encarou esta necessidade de uma forma ainda mais abrangente, como ferramenta conceptual no traçado da “*forma e proporções de todas as fortalezas e rocas, bastiões, baluartes, fossados, minas, contraminas, trincheiras, bombardeiras, casamatas; para os reparos e cavaleiros, revelinos, gabiões, merlões, ameias*”²². O desenho seria, portanto, indispensável, tanto no registo cartográfico, destinado à análise da topografia em apoio de campanhas militares, como os mapas onde Bernardino Escalante traçou os principais eixos de um eventual ataque a Inglaterra²³, como ainda para elaborar a ordem de batalha de um exército.

¹⁹ This article had the support of CHAM (NOVA FCSH / UAc), through the strategic project sponsored by FCT (UIDB/04666/2020).

²⁰ Francisco de Holanda, *Da Pintura Antiga*, ed. Angel Gonzalez Garcia, Lisboa, I.N.C.M., 1983, p. 283.

²¹ Girolamo Cataneo, *Dell'Arte Militare, Libri tre*, Brescia, Tomaso Bozzola, 1571, p. 16.

²² *Ibid.*

²³ Geoffrey Parker, “Maps and Ministers: The Spanish Habsburgs”, in *Monarchie, Ministers and Maps. The Emergence of Cartography as a Tool of Government in Early Modern Europe*, ed. David Buisseret, Chicago, University of Chicago Press, 1992.

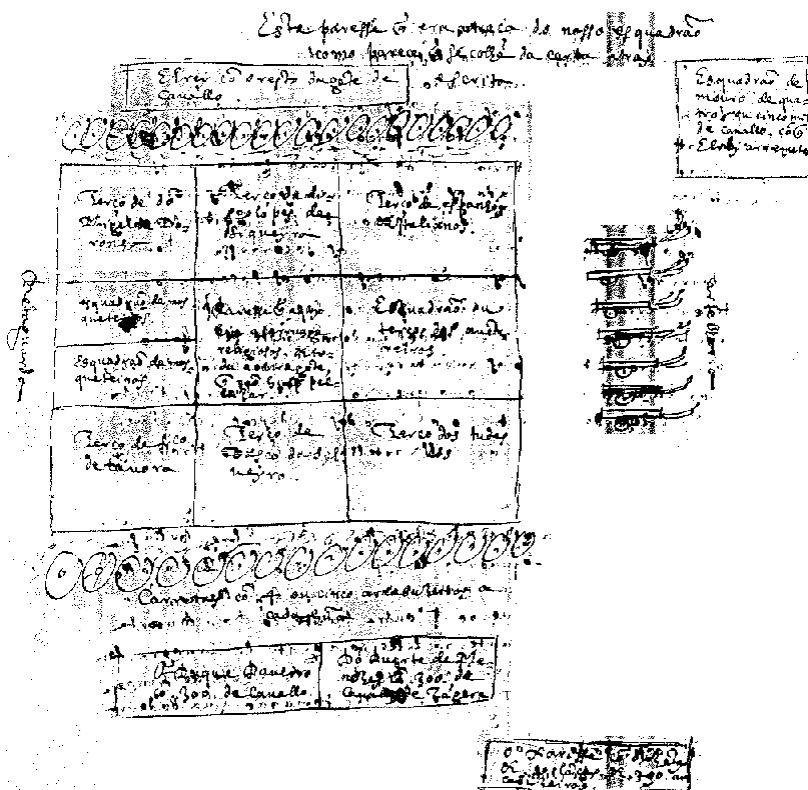


Imagem1: “Da forma dos exércitos”²⁴.

Anónimo, esboço com a ordem de batalha do exército português em Alcácer Quibir²⁵

1.1 Do Renascimento da escrita da guerra na Europa

Para além desta vertente essencialmente ligada aos “*modos de representação do espaço*”²⁶, a revisitação da tradição militar clássica consiste numa das vertentes fundamentais da guerra de Quinhentos. Curiosamente, foi a partir de um destes textos herdados da Antiguidade Clássica, a *Tacti-*

²⁴ Francisco de Holanda, *op. cit.*, p. 284.

²⁵ Anónimo, *Relação da rota de D. Sebastião feita por um captivo; plano schematico da batalha; rol dos captivos*, 1578, F.2354, B.N. Portugal.

²⁶ Rita Costa Gomes, *Castelos da Raia*, v. 2, Lisboa, IPPAR, 2003, p. 91.

ca, de Eliano²⁷, que se desenvolveu um tipo de representação gráfica que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da tratadística do século XVI. Paradoxalmente, a imagem encontra-se ausente no principal texto sobre a guerra, que acompanhou a atividade bélica europeia – e não só –, desde a época romana: Vegécio. A utilização da imagem como apoio da palavra é, assim, uma *conquista* do Renascimento, sinal do desenvolvimento e generalização dos instrumentos gráficos de simulação do espaço perceptível que ocupou esta época. Desde a tradução manuscrita de Eliano, apresentada no Vaticano pelo cardeal Bessarion, em 1468 (1403-1472), à versão impressa, editada por Francesco Robortello, em 1552 (**imagem 2**), que surgiu uma peça gráfica específica que iria ocupar um lugar de destaque, em muitos dos textos *re militari*: os diagramas.

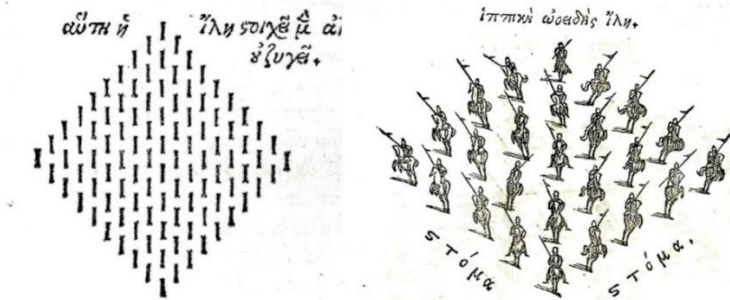


Imagem 2: Os diagramas de Eliano, edição de Robortello (1552)²⁸

Tal como as plantas e alçados, nos tratados *Dell'Architettura*, eram vertidos para a atividade construtiva (**imagem 3**), também os diagramas estavam ligados ao exercício da guerra, no seu plano operacional. Ainda que não estudado sistematicamente, o diagrama aparece – pelo menos, aparentemente – como uma realização oriunda de Itália, mas seja qual for a sua real origem, eventualmente tributária dos “*taccuinos*” que proliferaram no século XV, como o manuscrito de Francesco di Giorgio, e cuja raiz ainda se poderá encontrar nos cadernos de Villard de Honnecourt, os diagramas possibilitam representar e compreender, de forma expedita, o campo de batalha, nos seus mais ínfimos detalhes, como as táticas de combate, o armamento, ou a configuração das formaturas dos soldados.

²⁷ AELIANI et Leonis Imp., *Tactica*, Antuérpia, Ludovicum Elzevirum, 1613.

²⁸ *Táctica* de Eliano, manuscrito da segunda metade de Quatrocentos, cf. Guido Beltramini, “Palladio and Polybio’s Histories”, in *Andrea Palladio and the Architecture of Battle with the Unpublished Edition of Polybio’s Histories*, ed. Guido Beltramini, Veneza, Marsilio, 2010, p. 271.

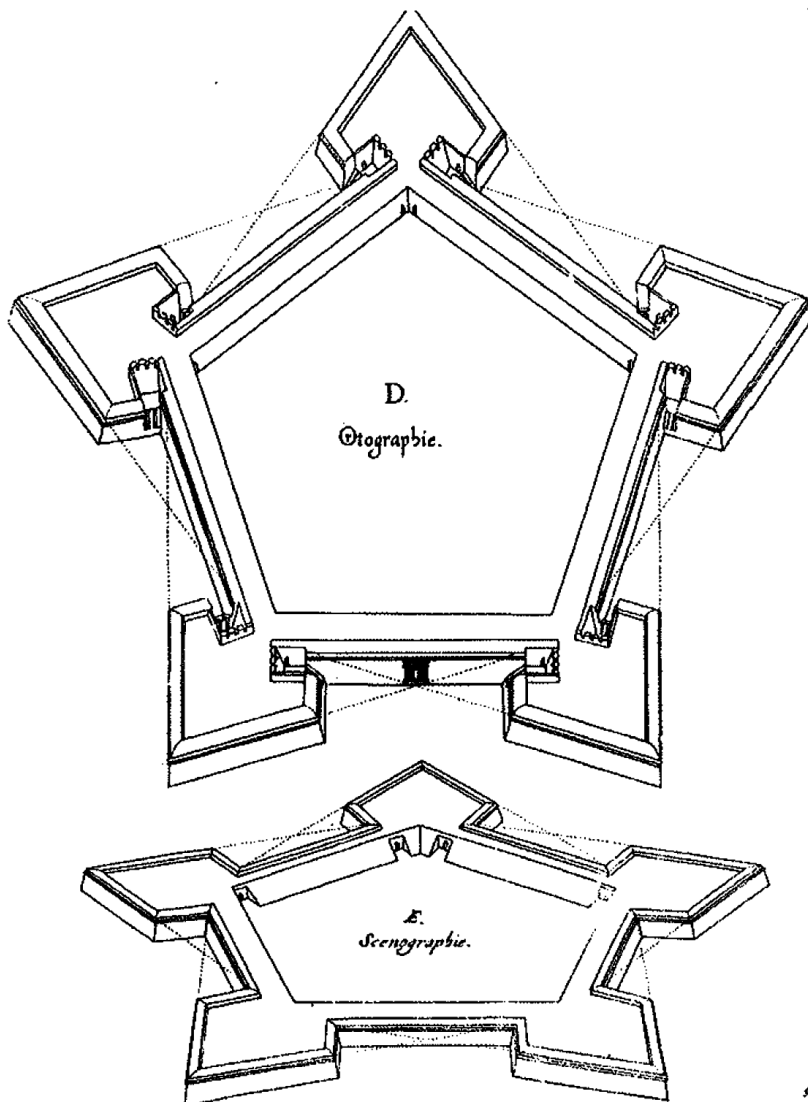


Imagem 3: Daniel Specklin, vistas “ortográfica” e “scenográfica” da cidade de Pacioto (1589)²⁹

²⁹ Hendrick Hondius, *Description et brève déclaration des règles générales de la fortification*, Haia, Ex officina Henri Hondi, 1625.

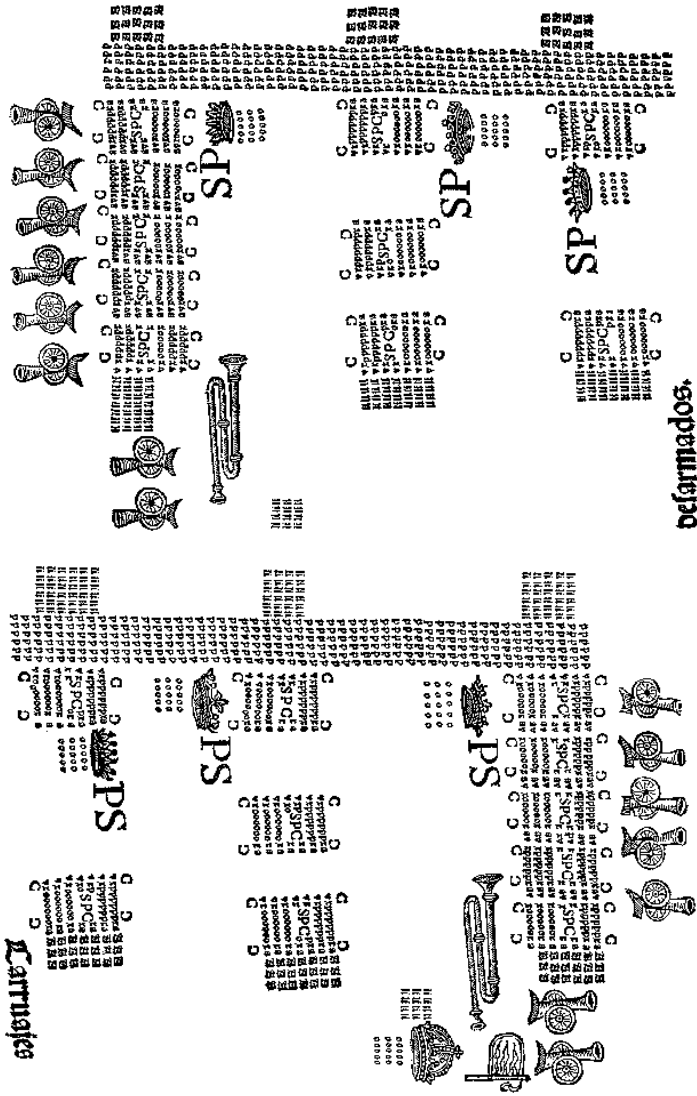


Imagem 5: Reprodução de um diagrama de Machiavelli pelo espanhol Diego Salazar (1536)³³

³³ Diego Salazar, *Tratado de Re Militari*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2000, pp. 173-74.

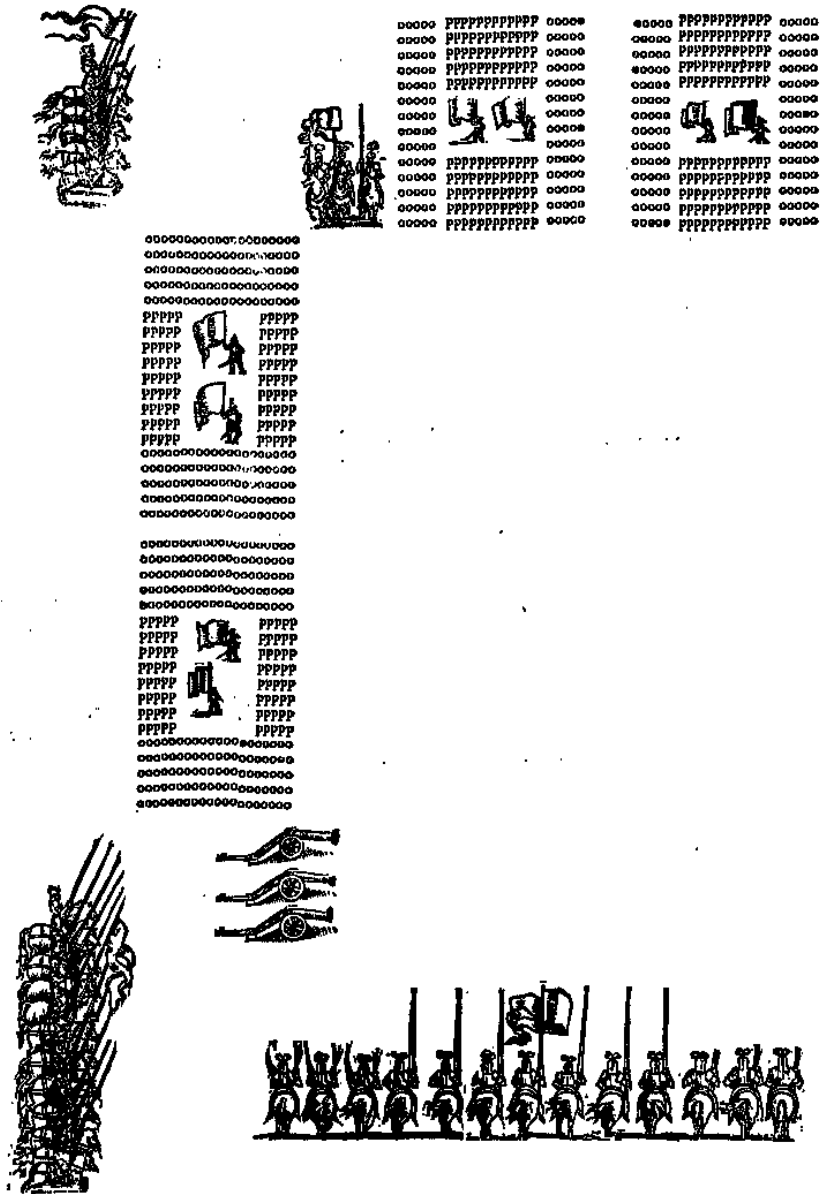


Imagem 6: Diagrama do manual de Giovanchino da Coliamo (1564)³⁴

³⁴ Giovanchino da Coliamo in Maggi, Girolamo, e Castriotto, Giacomo, *Della Fortificatione delle Città, libri tre*, Veneza, Rutilio Borgominieri, 1564, p. 122v.

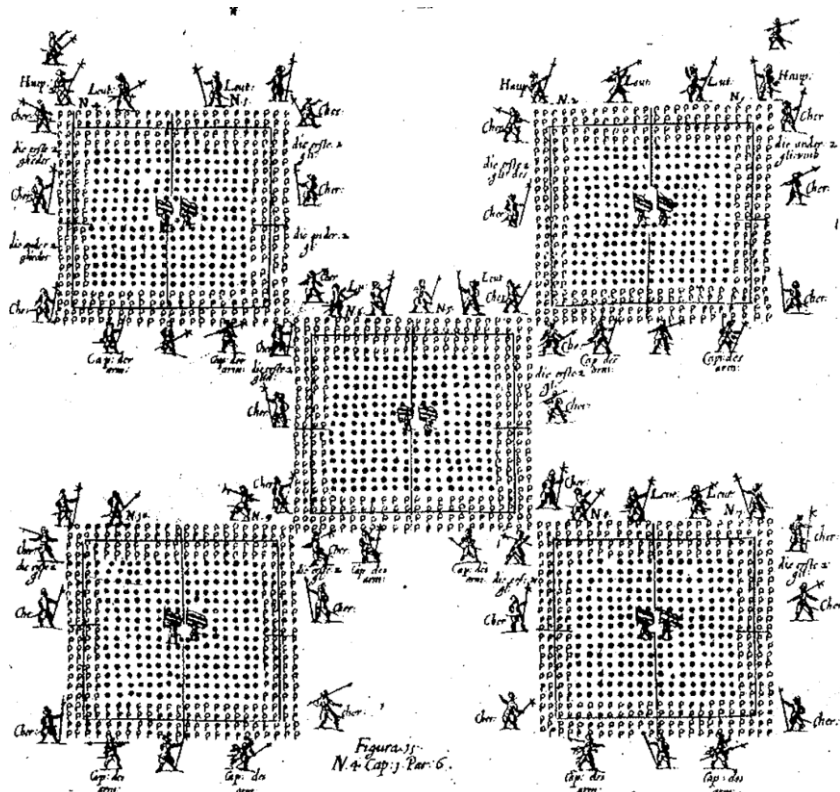


Imagem 7: Diagrama de um “esquadrão”, manual de Jacob Walhausen (1615)³⁵

A construção dos esquadrões aproximou-se cada vez mais do desenho da fortificação ou de um edifício, apoiando-se em suportes gráficos comuns. A este respeito, Mario Savorgnano (1513-1574)³⁶ referiu o papel estático e quase escultórico que o texto deixava no ânimo de cada um, ao passo que, através do desenho, se transmitia o dinamismo da realidade³⁷. Holanda discriminou com detalhe a função do desenho na guerra, para o “sitiar dos campos, para a ordem das fileiras, e medida dos esqua-

³⁵ Jacob Walhausen, *L'art militaire pour l'infanterie*, Oppenheim, H. Galler, 1615, fig. 22.

³⁶ Mario Savorgnano, conde de Belgrado, foi engenheiro militar, veterano da guerra da Liga de Cambrai, e escreveu um importante tratado intitulado *Arte militar terrestre e marítima* (1595).

³⁷ Guido Beltramini, *op. cit.*, p. 60.

drões”³⁸, descrição quase textualmente repetida por Castiglione³⁹ – “*per dissegnar paesi, siti, fiumi, ponti, rocche, fortrezze, e tale cose*”⁴⁰. A flexibilidade da narrativa visual abria, assim, novas possibilidades relativamente a um mesmo objetivo pedagógico de dissecar uma batalha e captar o dinamismo da ação militar retratada, situação recorrente à narrativa pictórica de um qualquer ato heroico ou individual.

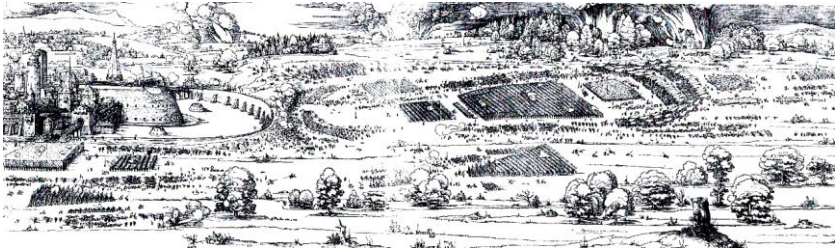


Imagem 8: A imagem como narrativa gráfica, Albrecht Dürer (1527)⁴¹

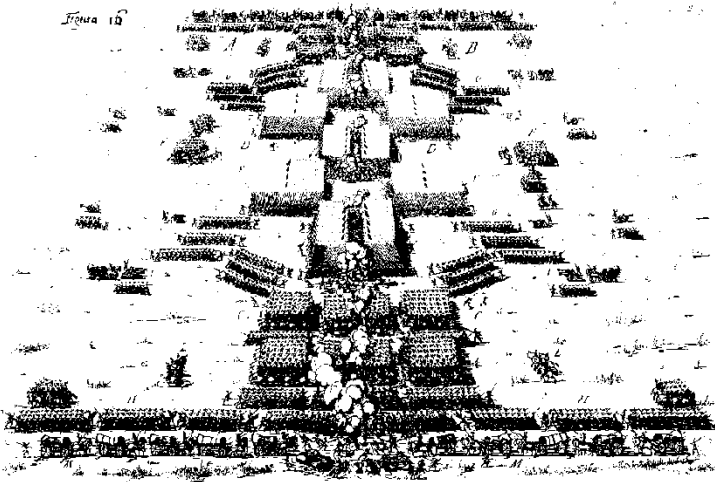


Imagem 9: Ordem de batalha idealizada, perspectiva “*schenographica*”, Lelio Brancaccio⁴²

³⁸ *Ibid.*

³⁹ Baldassare Castiglione, *Il libro del cortegiano*, Veneza, Gabriel Giolito, 1551.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 72.

⁴¹ J. R. Hale, *Artists and Warfare in the Renaissance Europe*, New Haven, Yale University, 1998, p. 171.

⁴² Lelio Brancaccio, “Cinco livros dos cargos militares”, in *Officina de Marte*, trad. António Vaz Boto, Tomar, 1683, p. 434v.

1.2 A tratadística militar em Portugal, uma realidade (ainda) obscura

A escrita da guerra, na sua vertente associada à tratadística, é um tema que oferece largas possibilidades de aprofundamento, dado a potencialidade que encerra como assunto em aberto. De facto, apesar dos poucos espécimes imediatamente disponíveis para análise, a simples referência a um conjunto de publicações realizadas a partir de meados do século XVI consiste num assunto merecedor de atenção.

Assim, excluindo a cronologia anterior a meados do século, sabe-se que foi escrito um manual de guerra por Francisco da Cunha, “*natural de Lisboa e filho do desembargador da Casa Cível António Figueira*”⁴³. Este homem, veterano de guerra, seria um “estudioso dos preceitos da Arte Militar”, e dedicou o seu texto ao próprio rei, D. João III. Mas é no reinado de D. Sebastião que teve lugar um surto de publicação. A afirmação da soberania por parte do jovem rei, tanto em relação à preponderância espanhola no concerto dos reinos europeus, como relativamente à situação político-militar no espaço colonial, teve resposta firme do rei. O jovem monarca encetou um esforço de reforma do potencial bélico do reino, que, como será natural, foi acompanhado pela divulgação dos modelos europeus, e resultante proliferação da escrita de traduções dos manuais mais divulgados, incluindo reapreciações elaboradas por autores portugueses. Apesar de maioritariamente em suporte manuscrito, esta produção autóctone não foi, de forma alguma, residual, e podemos mesmo compará-la com a produção editorial espanhola, durante esta cronologia.

Durante a primeira metade do século XVI, predominou a escrita *de re militari*, em língua italiana. Como sabemos, muitos italianos serviram os Habsburgos, como foi o caso de Alexandre Farnese (1545-1592)⁴⁴, general e governador dos Países Baixos, entre 1572 e 1592, um dos períodos de maior atividade militar. Esta ligação propiciou a proliferação de textos italianos, no ambiente militar – e cultural – espanhol, de tal modo que, mesmo depois da edição dos manuais espanhóis mais marcantes, o “*Espejo militar*”, de Francisco de Valdés, ou o “*Discurso*”, de Sancho de Londoño – que foram traduzidos noutras línguas –, a produção impressa castelhana não teve equivalência com a de Itália.

⁴³ Diogo Barbosa de Machado, *Biblioteca Lusitana*, t. 2, Lisboa, Antonio Isidro da Fonseca, 1747, p. 140.

⁴⁴ No início dos anos 80, Farnese conseguiu alguma estabilidade nos Países Baixos, em resultado de uma notável coordenação entre diplomacia e ações de guerra. Foi chamado a participar na campanha de 1588 contra a Inglaterra, no comando das tropas que deviam desembarcar em solo inglês. Mais tarde, Filipe II enviou-o em apoio dos católicos franceses.

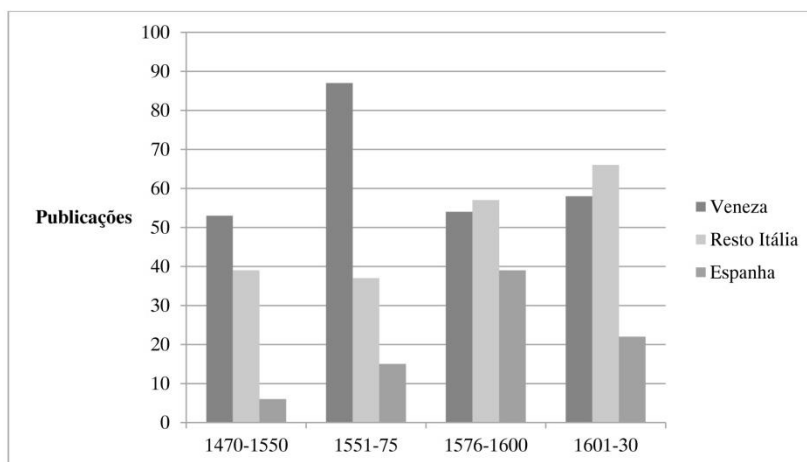


Gráfico 1 – Produção escrita militar italiana e espanhola entre 1470 e 1630
(cf. M. Cockle, A. Espiño Lopez e L. C. Sousa)

O reinado de D. Sebastião assinala um surto de escrita que acompanhou as reformas militares levadas a cabo por este monarca. Por volta de 1573, concentrava-se, em Portugal, um largo conjunto de veteranos de guerra provenientes dos campos de batalha europeus. Um dos testemunhos desta afluência provém da pena de Giovan António Levo⁴⁵, sargento-mor do ducado de Saboia, que terá chegado a Portugal por esta altura e que dirigiu o treino da milícia, em Évora⁴⁶. Este cadinho de conhecimento que se formava integrava, assim, veteranos portugueses chamados pelo rei, entre os quais se encontravam Diogo Álvares Correia e João da Fonseca, e especialistas italianos contratados – eventualmente, também espanhóis – como é o caso de Levo e dos capitães italianos que com ele vieram. O surgimento de um apreciável conjunto de escrita teórica atualizada foi uma das consequências desta afluência de especialistas nos “*novos modos da ordem da milícia*”⁴⁷. Levo terá, eventualmente, traduzido o seu texto⁴⁸, ao mesmo tempo que foram publicados a tradução (manuscrita) do tratado

⁴⁵ Walter Barberis, *Le armi del Principe. La tradizione militare sabauda*, Turim, Biblioteca Einaudi, 1988, p. 55.

⁴⁶ Joaquim Veríssimo Serrão, *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1958, pp. 115-116.

⁴⁷ *Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-rey D. Sebastião*, intr. e notas de Francisco de Sales Loureiro, Odivelas, Europress, p. 124.

⁴⁸ Barbieris, *op. cit.*

de Battista della Valle, por Diogo Álvares Correia⁴⁹, o “*Diálogo e discurso militar*”, de João da Fonseca, o impresso “*o quarto livro das instruções militares*”, de Isidoro de Almeida, e o “*Regimento de Guerra*”, de Martim Afonso de Melo, que agora revisitamos. A somar a este conjunto, já de si interessante, em termos quantitativos – e qualitativos –, terá ainda existido um texto escrito pelo próprio rei D. Sebastião, com o sugestivo título “*Da forma dos exércitos, d fortificação dos redutos, e trincheiras, do tempo de sair delas ao inimigo, do modo de assaltá-lo, e combatê-lo*”. Assim se confirma a “*afeição*” demonstrada pelo jovem monarca aos “*usos e estilos estrangeiros... das partes de Itália e doutras, onde a guerra florescia*”⁵⁰, apesar de a introdução, em Portugal, destes “*novos modos na ordem da milícia*” nem sempre agradar à elite mais tradicionalista⁵¹.

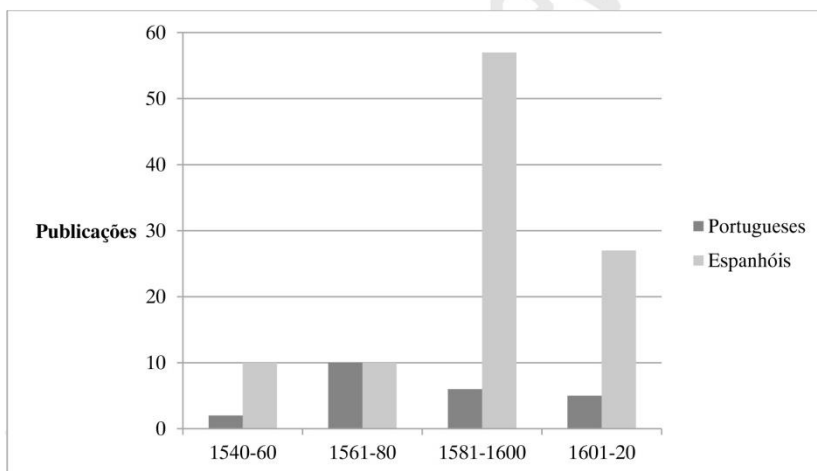


Gráfico 2 – Produção escrita militar portuguesa e espanhola, entre 1540 e 1620 (cf. M. Cockle, A. Espiño Lopez e L. C. Sousa)

Em todo o caso, esta produção teórica “nacional” viria a sobreviver ao desastre de Alcácer Quibir. O título do tratado de Carrion Pardo (1595), “[...] *los quatro esquadrones en que milita nuestra nación* [...]”, publicado em Lisboa, já em plena vigência da Monarquia Dual, tem implícita uma associação dos “*modos*” portugueses à praxis militar espanhola. Foi

⁴⁹ O *Livro de Vallo*, códice 2107, BNP.

⁵⁰ *Crónica do Xarife...*, *op. cit.*

⁵¹ Queirós Veloso, *D. Sebastião (1554-1578)*, 3.^a ed., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945, p. 242.

também na capital portuguesa que, em 1598, foi dado ao prelo o texto de Scarion de Pavia, e, oito anos antes, em 1590, o português Francisco António publicava, em Madrid, um texto sobre milícia, reeditado em Bruxelas, por duas vezes (1597 e 1606). Se juntarmos os manuscritos de António Mendes Caldeira (c. 1596) e Luís Álvaro Seco (1597), torna-se evidente que tinha lugar, em Portugal, um novo ciclo de escrita da guerra, que culminou, em 1612, com a publicação daquele que se considera o texto português de referência, a *Arte Militar*, de Luís Mendes de Vasconcelos.

1.3 O Regimento de Guerra

O *Regimento de Guerra*, de Martim Afonso de Melo, tem passado relativamente despercebido à análise historiográfica. O exemplar mais conhecido foi publicado por António Caetano de Sousa⁵², que apenas refere uma curta nota, quanto ao seu autor e respetiva redação: “*he raríssima a cópia delle*”, afirma, mas atribui a autoria a “*Martim Afonso de Melo, Guardamora da Pessoa d’ElRey D. João I*”⁵³. A datação é manifestamente incorreta, e a verdade é que estamos perante um dos primeiros manuais militares portugueses do século XVI. Outro exemplar encontra-se na Torre do Tombo, e consiste noutra cópia, curiosamente anterior a Caetano de Sousa, mas incompleta, por não incluir qualquer imagem⁵⁴. Assim, e dado constituir uma peça fundamental da escrita *de re militari* portuguesa da idade moderna, torna-se indispensável disponibilizá-la, na edição comentada, em função da investigação a que nos temos dedicado sobre este tema, e que se entrega agora ao prelo, no âmbito do projeto *De Re Militari – Da escrita da guerra à imagem do campo de batalha no espaço português (1521-1621)*.

Como tantos outros textos que foram escritos sobre a guerra, ao longo do século XVI, desde os dos italianos Battista della Valle e Girolamo Cataneo ou os dos castelhanos como Francisco Valdés, Sancho de Londoño ou Juan de Carrion Pardo, o *Regimento de Guerra* tem um caráter prático, deixando assim entrever um escritor possuidor de uma experiência militar consistente. Martim Afonso de Melo seria um veterano, cujo tirocínio teria passado pelos teatros de guerra onde os portugueses adquiriam expe-

⁵² D. António Caetano de Sousa, *Provas do livro IV da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. 3, p. 1, provas, Coimbra, Atlântida, 1948, pp. 318-382.

⁵³ *Id.*, p. 318.

⁵⁴ *Regimento de Guerra que fez Martim Afonso de Melo guarda mor da pessoa do senhor rei D. João I. Para uso do ilustrissimo e exmº Senhor D. Francisco de Melo da Cunha Mendonça de Meneses Marquês de Olhão da Restauração. Manuscrito rarissimo e muyto necessário ao militar*, A.N.T.T., PT/TT/MO/11/000024.

riência de combate, do Norte de África à Índia, eventualmente passando pela própria Europa. Podemos deduzi-lo, a partir de afirmações em que dá conta das características particulares da guerra no Oriente, “*como se costuma na Índia*”⁵⁵, ou a propósito do emprego das armas de fogo em combate, *arcabuzeiros soltos*, refere serem “*a cousa que mais em África serve, e a que mais usamos*”⁵⁶, frase que parece indicar que fala da sua vivência pessoal em batalha.

Martim Afonso de Melo seria, portanto, um soldado experimentado – como ele próprio afirma⁵⁷ –, que parece ter seguido um percurso típico no contexto português, tal como a sua obra, que consiste num típico manual militar do século XVI, idêntico a tantos outros escritos na mesma época, pleno de referências aos textos contemporâneos que então circulavam por toda a Europa. Mas quem seria este homem?

Por volta do ano de 1559, um certo Martim Afonso de Melo encontrava-se no Brasil, condenado a “*degredo perpétuo com perdição de seus bens, pelo assassínio da sua mulher D. Filipa de Mendonça*”⁵⁸. Este personagem serviu com D. Duarte de Meneses, o futuro capitão de Tânger, e com os irmãos Álvaro e Cristóvão de Távora, filhos do conhecido embaixador. Cristóvão de Távora esteve também na Índia, durante o vice-reinado de Ataíde, sendo capitão de Braçalor e depois de Damão, em substituição de D. Pedro de Almeida. Participou em diversas ações militares, entre as quais o cerco de Goa, de 1570-71. Foi companheiro muito próximo do rei D. Sebastião, e, tanto ele como o irmão Álvaro de Távora, morreram durante a batalha de Alcácer Quibir. Outro Martim Afonso de Melo comandou um dos “*seis galeões muito grandes armados*” que integraram a expedição de 1578⁵⁹. Terá, com toda a probabilidade, sobrevivido ao desastre, pois a frota manteve-se ancorada frente a Larache, enquanto a batalha decorria. Havia ainda outro homónimo, que se encontrava na ilha

⁵⁵ Martim Afonso de Melo, *op. cit.*, p. 351.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 334.

⁵⁷ “... *E porque bons costumes nunca sam mãos, os quaes sempre uzey na minha Companhia*”, *ibid.*

⁵⁸ “*Foi tal o sentimento que recebeo pela injusta morte de Dona Felippa de Mendonça. Mulher de Martim affonso de Mello, que a matou sem causa, nem razão, que logo mandou processar o crime para ser castigado, como merecia; e não sendo julgado a morte natural, pôe ter o Habito de Aviz, mas a degredo perpetuo para o Brasil, e perdição de seus bens*”, José Pereira Baião, *Portugal cuidadoso e lastimado com a vida e perda do senhor Rey D. Sebastião o desejado de saudosa memória*, Lisboa, António de Sousa Sylva, 1737, p. 33.

⁵⁹ Fr. Bernardo da Cruz, *Chronica d’el-rey D. Sebastião*, v. II, Lisboa, Escriptorio, 1903, p. 38.

de São Miguel, em 1582. O capitão-mor Ambrósio de Aguiar faleceu nas vésperas da batalha naval de Vila Franca, e foi substituído por Martim Afonso de Melo. No mesmo ano, na Índia, aparece ainda outro Martim Afonso de Melo, como capitão de Damão, então assediada por um exército Mogor. Outro veterano de Alcácer Quibir com o mesmo nome foi descrito por ocasião de uma ação punitiva, enviada a partir de Goa, contra o corsário Mirale Beque, no comando de uma frota substancial, compreendendo dois galeões, três galés e doze galeotas, servida por cerca de 650 soldados. Esta ação militar teve lugar em 1587 e, em 1601, vamos encontrar outro Martim Afonso de Melo em Amboino, o que nos leva a suspeitar poder tratar-se do mesmo personagem.

O *Regimento de Guerra* encontra-se dividido em 67 capítulos, cujos títulos remetem para os vários assuntos, permitindo ao leitor procurar rapidamente um tópico específico sem se necessitar de fazer a leitura da totalidade do texto. A estrutura é idêntica a vários outros textos contemporâneos, o que não constitui uma surpresa. De facto, os dois textos que deram início ao surto de publicação que se iria desenvolver ao longo do século XVI, o *Libro de Vallo* e *Dell'arte militare*, de Machiavelli, fixaram o formato deste tipo de escrita. A escrita italiana e, depois, a espanhola proliferaram pela Europa e chegaram em força a Portugal, especialmente durante o reinado do Desejado. Eram, aliás, as influências oriundas dos lugares “*onde a guerra florescia*” de que nos fala o cronista anónimo atrás referido. Naturalmente que a escrita portuguesa *de re militari* seguiria de perto esta produção latina. Como verificamos, no caso do *Regimento de Guerra*, este constrói-se em torno de dois impressos, o *Il primo libro del Trattato Militare*, do italiano Matteo Cicogna⁶⁰, e o *Nuevo Tratado e Compendio de Re Militari*, do espanhol Luís Gutierrez de la Vega⁶¹. A primeira semelhança diz respeito à estrutura dos capítulos, que quase repetem literalmente alguns dos títulos dos dois textos de referência; no caso do *Trattato* de Cicogna:

Capítulo VI – De quam afastado há de hi dos que levar á sua ilharga

Cicogna, capitulo 39 – *Regola, che nelle distanze da huomo a huomo, & da una fila all'altra...*

Capítulo VII – De quam afastada há de hir huma fileira da outra

Cicogna, capitulo 39 – *Regola, che nelle distanze da huomo a huomo, & da una fila all'altra...*

⁶⁰ Giovan Matteo Cicogna, *Il primo libro del Trattato Militare*, Veneza, Giovanni Bariletto, 1567.

⁶¹ Luís Gutierrez de la Vega, *Nuevo Tratado y Compendio de Re Militari*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2005.

Capítulo VIII – De como devem levar o pique, e em que compassoCicogna, capitolo 34 – *Come si deve portare la picca nell'ordinanza***Capítulo XII – Como deve levar o pique arvorado**Cicogna, capitolo 34 – *Come si deve portare la picca nell'ordinanza***Capítulo XXVII – De como se costuma caminhar em ordenança singella**Cicogna, capitolo 34 – *Come si deve portare la picca nell'ordinanza***Capítulo XXIX – Como se faz hum Esquadrão de 300 homens**Cicogna, capitolo XLV – *Battaglia quadra difanti trecento***Capítulo XLVII – De como se fazem os Caracões**Cicogna, capitolo 32 – *Regole per fare con ordinanza il caraguolo*

Em relação ao tratado de Gutierrez de la Veja, temos menos casos de repetições, mas, ainda assim, suficientemente significativas:

Capítulo XXVIII – Dos Arcabuzeiros, que deve ter huma companhia de SoldadosGutiérrez de la Vega, capítulo 26 – *Qué parte há de haber de piqueros, y qué parte de arcabuceros***Capítulo XLV – Como se desfaz hum Esquadram**Gutiérrez de la Vega, capítulo 46 – *Del orden como se ha de deshacer el escuadrón...***Capítulo LV – De como se deve formar hum Esquadram de poucos contra muytos**Gutiérrez de la Vega, capítulo 43 – *Como se han de ordenar los pocos contra los muchos*

Outro ponto de contacto do nosso texto com os dois *tratados* acima mencionados são os diagramas incluídos no texto de Martim Afonso de Melo. O texto encontra-se ilustrado com vários diagramas representando as tipologias geométricas mais comuns. Refere também duas tipologias mais invulgares, a “galé” e o “caracol”.

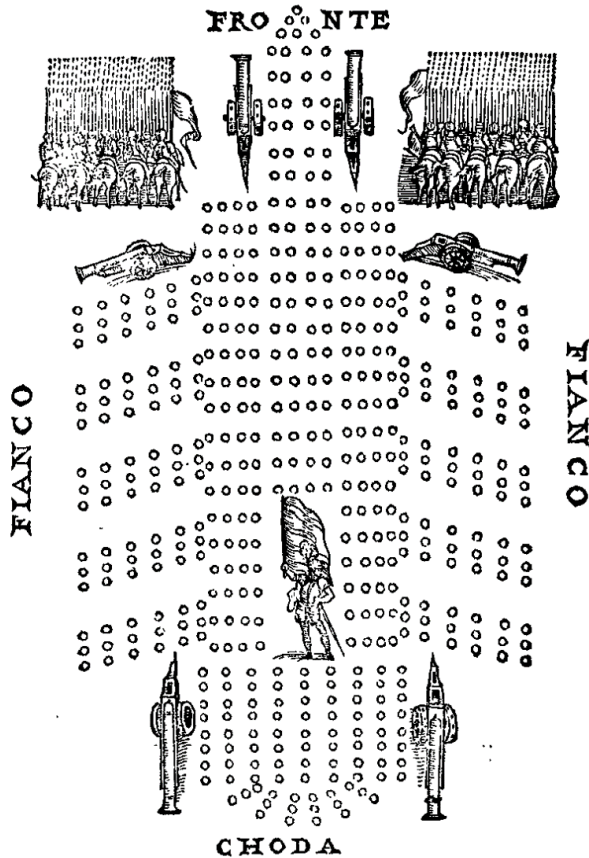


Imagem 10 – A formatura da “galé”, segundo Giovan Matteo Cicogna

A primeira está completamente ausente de todas as fontes que até agora foram estudadas, exceção feita – precisamente – ao tratado de Giovan Matteo Cicogna, e ambos são apresentados, nos dois textos, na mesma sequência cronológica. É curioso verificar a função que os dois autores atribuem a esta formatura militar; o italiano considera-a “*una fortissima battaglia*”⁶², enquanto Afonso de Melo a considera como um exercício de mero “*regozijo e passatempo*”⁶³. De facto, apenas conhecemos a utilização da galé em combate, durante a campanha para a conquista de Goa, em 1512⁶⁴; o *Regimento de Guerra* encontra-se, assim, algum tanto à frente

⁶² Giovan Matteo Cicogna, *op. cit.*, pp. 31-32.

⁶³ Martim Afonso de Melo, *op. cit.*, p. 365.

⁶⁴ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, v. 2, Porto, Lelo e Irmãos, 1975, pp. 303-4.

do italiano, pelo menos, num plano mais pragmático de atualização dos “*modos da milícia*”. Apesar destas considerações de cariz operacional, a descrição do método para construir a galé é idêntica nos dois textos, embora com algumas variantes, nomeadamente, na organização da retaguarda da formatura, como se pode verificar nos dois diagramas.

O “*caracol*” consiste em algo mais comum na prática bélica do século XVI. Há que esclarecer que não se trata de uma configuração com carácter estático, mas de uma série de manobras cuja sequência de movimento obedecia a uma forma espiralada, e daí a sua designação. São várias as fontes que se referem a esta movimentação tática, a maior parte das vezes apresentada como meio de adestramento dos soldados, ou como exibição da destreza das tropas. Foi o caso dos soldados, comandados por Pedro de Navarro, enviados como socorro à praça de Arzila, durante o cerco de Arzila, em 1508. Segundo o cronista Bernardo Rodrigues, terá sido a primeira vez que tal formatura foi ensaiada em território do Norte de África português⁶⁵. Encontrando-se em desuso na segunda metade do século XVI, pelo menos, como organização destinada ao combate, apenas se detetam representações gráficas no manuscrito de Henry Barrett (1562)⁶⁶ e no texto de Cicogna. O *Regimento de Guerra* dedica quatro capítulos aos “*caracóis*”, e é o último – o capítulo 50 – que vem acompanhado pelo diagrama que mais se assemelha às representações do italiano e do inglês (**imagem 11**). O método de Afonso de Melo para formar um caracol coincide, no essencial, com a descrição de Cicogna, a propósito do “*caracol de caminho*”, e cujo diagrama se baseia noutra figura do tratado italiano, a “*bissa doppia*”⁶⁷.

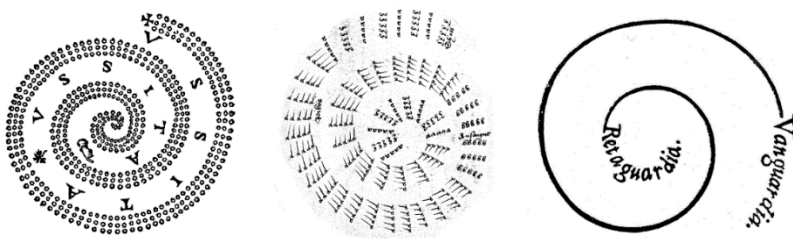


Imagem 11 – A formatura do “*caracol*”, Giovan Mattheo Cicogna (1567), Henry Barrett (1563-1564) e Martim Afonso de Melo

⁶⁵ Bernardo Rodrigues, *Anais de Arzila*, t. 1, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, p. 22.

⁶⁶ Jr. Hale, *Renaissance War Studies*, London, Hambledon Press, 1983, pp. 247-284.

⁶⁷ Giovan Mattheo Cicogna, *op. cit.*, cap 31.

fronte

horde nã ca de 300. pi ques ca pi tolo quarto

Esta é hua v de nã ca ara cami har por lu arcs sospei sus, parate gente de ca vallo dos in igus, nã bo y antre ter, menos ain nteria cõ raira, e ser intrã de to rares al gũ lu r alto q te fo ne co baris rate reduzi s. E lugar luo, ou ca inhãres por u caminho veito:

fronte

hor de nã ca de 200 pi ques capitulo quinto

des te modo se des mebra gume e bafa lha. este ter co seadi antã hit pon co

Este ter co se vai y goa lar con dres ta do primei ro

Este terco vai bus car os ou tros dous e n me se u elles e assi fi ca qua drado ues qua drã

fronte

fronte

Imagem 12 – Os diagramas do Livro de Vallo e do Regimento de Guerra

Outro dos diagramas do “*Regimento de Guerra*” remete ainda para outro tratado italiano, desta vez o *Libro de Vallo*, escrito por Giovan Battista della Valle e traduzido para português por Diogo Álvares Correia, por volta de 1576. Afonso de Melo descreve o mesmo método de “*dobrar fileira*”, usando como diagrama representativo um esquema idêntico ao do tratado de della Valle, a que o tradutor português dá um tratamento gráfico particularmente inovador⁶⁸ (**Imagem 12**).

A inclusão de tabelas numéricas no “*Regimento de Guerra*” consiste noutra evidência da influência dos tratados de Cicogna e de la Vega. O termo “*tabela*”, ou “*taboada*”, tanto servia para designar os índices de uma obra como os auxiliares de cálculo destinados à organização das formaturas de soldados. Torna-se necessário fazer uma rápida explicação sobre o processo de dispor as tropas no terreno, que, na época, se designava por “*ordenar o esquadrão*”⁶⁹. As unidades militares do século XVI possuíam dois tipos de soldados distintos, especializados em formas de combater diferenciadas: o “*piqueiro*”, armado destinado ao combate de proximidade – corpo a corpo –, e o “*arcabuzeiro*”, que atingia o inimigo à distância. O “*piqueiro*” usava o “*pique*” ou “*pica*”, lança comprida que podia atingir 5 metros de comprimento, e protegia-se com armadura na parte superior do corpo. O arcabuzeiro equipava-se com arma de fogo, o “*arcabuz*” (de uso generalizado entre os atiradores), ou o “*mosquete*” (mais pesado e com alcance de tiro e poder de impacto superiores, e distribuído em menor quantidade pelos soldados). Era com o efetivo de “*piqueiros*” que se construía a figura geométrica de base do “*esquadrão*”, herdeira da tradição clássica; de facto, o pique de 24 palmos emulava a arma de choque da Antiguidade helenística, a *sarissa* macedónia⁷⁰. Mas, voltando à construção do “*esquadrão*”. Na situação mais simples, organizar um “*esquadrão*” quadrangular, era necessário extrair a raiz quadrada do número total de soldados disponível, e o resultado desta operação determinava quantos homens o “*esquadrão*” teria em cada lado. Dando como exemplo um esquadrão de 400 homens, extraída a raiz quadrada de 400, o resultado – 20 – seria o número de soldados que a formatura deveria possuir em cada lado.

Os oficiais nem sempre tinham capacidade para efetuar estas operações aritméticas de forma expedita. A solução foi elaborar tabelas ou listagens

⁶⁸ *Um manual português do século XVI: o livro de Valo*, Coimbra, IUC, 2023, e-book.

⁶⁹ Para uma abordagem detalhada deste processo v. René Quatrefages, *Los tercios españoles (1567-1577)*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1979.

⁷⁰ Juan de Carrión Pardo, *Tratado de como se devem formar los quatro esquadrones en que milita nuestra nación española*, Lisboa, António Alvarez, p. 9.

de consulta rápida, associando um quantitativo determinado com a respectiva raiz quadrada. O título da divulgadíssima obra de Girolamo Cataneo, *Tavole brevissime per sapere con prestezza quante file uanno à formare una giustissima battaglia*, é revelador de que as tabelas – as *Tavole* – constituem a própria razão de ser da publicação deste e de outros impressos. Alguns oficiais levavam consigo estes manuais para as campanhas militares, talvez algumas folhas enroladas na bainha da espada⁷¹, para poderem consultá-los no ato de construir as formaturas de combate. Podemos imaginar que, na iminência de se iniciar uma batalha, todo o tempo era precioso e toda a ajuda seria bem-vinda para se conseguir dispor “*com presteza*” os soldados numa formatura regular. Aliás, a sorte de muitas das batalhas campais do século XVI dependeram da agilidade dos comandantes para “*ordenar*” os milhares de soldados de que dispunham.

Giovan Mattheo Cicogna publicou o seu tratado (1567) com um extenso lote de “*tariffe*” (**Imagem 13**), juntamente com um vasto rol de diagramas descritivos de configurações destinadas à construção das formaturas militares. Em comparação com as numerosas “*tariffe*” do italiano, Martim Afonso de Melo é parcimonioso; apenas inclui duas tabelas, resumindo a informação estritamente necessária para construir um “*esquadrão quadro de gente*”, a formatura mais comum (**imagem 14**). Na primeira coluna, encontra-se o total de soldados da companhia e, na segunda, o número de soldados piqueiros por fileira necessários para formar um esquadrão quadro de gente. A terceira e a quinta colunas identificam a “*ordenança*” dos atiradores, ou seja, o número de atiradores em cada fileira, a quarta e sexta colunas, o número de atiradores para cada uma destas “*ordenanças*”. Assim, o método de Battista della Valle para formar esquadrões foi seguido, quase sem alterações, por Giovan Mattheo Cicogna, mas Martim Afonso de Melo simplificou-o. Por exemplo, ao contrário do italiano, o português não indicou os quantitativos sobranes das operações aritméticas, situação que atormentaria os sargentos, ao observar o laborioso processo matemático para construir os esquadrões, argumentando que os soldados disponíveis “*não podem vir sempre certos*”⁷².

⁷¹ Martín de Eguiluz, *Discurso y regla militar*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2001, pp. 98-99.

⁷² Martim Afonso de Melo, *op. cit.*, p. 346.

TARIFFA DELLE BATTAGLIE QUADRE

perfette per ogni faccia.

4	in Batt. a File	2 sono Picche	4	auanza	0
9	in Batt. a File	3 sono Picche	9	auanza	0
16	in Batt. a File	4 sono Picche	16	auanza	0
25	in Batt. a File	5 sono Picche	25	auanza	0
36	in Batt. a File	6 sono Picche	36	auanza	0
50	in Batt. a File	7 sono Picche	49	auanza	1
100	in Batt. a File	8 sono Picche	64	auanza	36
100	in Batt. a File	9 sono Picche	81	auanza	19
100	in Batt. a File	10 sono Picche	100	auanza	0
150	in Batt. a File	11 sono Picche	121	auanza	29
150	in Batt. a File	12 sono Picche	144	auanza	6
200	in Batt. a File	13 sono Picche	169	auanza	31
200	in Batt. a File	14 sono Picche	196	auanza	4
250	in Batt. a File	15 sono Picche	225	auanza	25
300	in Batt. a File	16 sono Picche	256	auanza	44
300	in Batt. a File	17 sono Picche	289	auanza	11
350	in Batt. a File	18 sono Picche	324	auanza	26
400	in Batt. a File	19 sono Picche	361	auanza	39
400	in Batt. a File	20 sono Picche	400	auanza	0
450	in Batt. a File	21 sono Picche	441	auanza	9
500	in Batt. a File	22 sono Picche	484	auanza	16
550	in Batt. a File	23 sono Picche	529	auanza	21
600	in Batt. a File	24 sono Picche	576	auanza	24

N

P 2 Tariffa

Imagem 13 – “Tariffe delle ordinanze” de Mattheo Cicogna (I)

TABOA DE QUADROS.

A 1	861	A 5	2209		A 8	441		
A 2	3721	A 5	2025		A 9	361		
A 3	400	A 6	1849		A 9	289		
A 4	3421	A 6	1681		A 9	225		
A 4	3249	A 6	1521		A 11	2883	A 14	867
A 4	3025	A 6	1369		A 11	2525	A 15	675
A 4	2809	A 7	1225		A 12	2187	A 15	507
A 5	2601	A 7	1089		A 12	1875	A 16	363
A 5	2401	A 7	961		A 13	1587	A 16	243
A 7	841	A 9	169		A 13	1323	A 17	147
A 8	729	A 10	121		A 14	1083		
A 8	625	A 10	81		A 18	3844	A 20	900
A 8	529	A 10	49		A 18	3364	A 20	676

Imagem 14 – A segunda tabela do *Regimento de Guerra*

O segundo grupo de tabelas do texto italiano, intitulado “*tariffa delle battaglie quadre perfette per ogni faccia*”, é idêntico à tabela com que fecha o texto do *Regimento* – pelo menos, no que respeita ao título. Ainda assim, é no *Tratado* de Gutiérrez de la Vega que encontramos um conjunto de listagens muito próximo das que se encontram no manual português. O texto espanhol fecha com listagens numéricas que repetem séries subordinadas a três fatores – “*Pi*” (abreviado de “*picas*”), “*Art. 3*” e “*Art. 5*” (abreviados de “*arcabuzeiros*”). O primeiro fator dá o total de piqueiros no esquadrão e respetivo número de soldados em cada fileira; o segundo, o total de atiradores que garante o esquadrão pelos flancos e retaguarda, com ordenança de 3 em 3, isto é, a 3 soldados por fileira; o último especifica a mesma guarnição, mas para filas com 5 soldados de frente. Este esquema repete-se para cada esquadrão, desde um total que varia entre 529 soldados e 3.025, que corresponde a cada linha da primeira tabela do *Regimento de Guerra*⁷³. No manuscrito português, o quantitativo de piqueiros dos esquadrões vai de 144 a 3.025, portanto os valores máximos são iguais em ambos os textos. No *Regimento de Guerra*, o número de soldados em cada fileira do esquadrão é sequencial (1, 2, 3...), enquanto,

⁷³ Para uma lista das correspondências destes valores nos dois tratados, v. Luís Filipe Guerreiro da Costa e Sousa, *Escrita e Prática de Guerra em Portugal, 1573-1612*, tese de doutoramento policopiada, FLUL, 2013.

na *Nuevo Tratado*, segue de 2 em 2. Por exemplo, 25 soldados, 27 soldados, 29 soldados, 31, etc. As tabelas do *Regimento de Guerra* foram concebidas tendo em atenção não só a construção dos “*esquadrões*”, mas também a forma de desdobrar os atiradores. Os soldados com armas de fogo eram um elemento fundamental na guerra, “*que mais em África serve, e de que mais uzamos*” ou “*como se costuma na Índia*”⁷⁴, como o português afirma. Em resumo, o texto onde Afonso de Melo encontra inspiração num tratado *de re militari* hispânico, sem esquecer, todavia, a influência da escrita de guerra italiana e, em especial, o tratado de Giovan Mattheo Cicogna.

No final do *Regimento de Guerra*, a seguir ao capítulo 60, o autor introduziu o tema da “*gineta*”. A junção deste anexo sobre esta forma de montar, embora configurado como um capítulo em ordem sequencial, surge desfasado do plano geral da obra, pois, se o conteúdo possui uma coerência própria, não deixa de ser perfeitamente independente do resto do texto. Uma hipótese a considerar é consistir numa adição posterior à redação do texto principal, como se de uma adenda se tratasse. É o próprio Martim Afonso de Melo que nos sugere essa possibilidade, ao afirmar que se trata de um texto da autoria de outrem⁷⁵: Duarte da Costa.

Referido como “*muy conhecido nesta terra, por este, e por sua Cavallaria, y virtude*”⁷⁶, deveria ser pessoa com relevância e estatuto. O filho do armeiro-mor D. Álvaro da Costa, D. Duarte da Costa, poderia preencher este lugar. Duarte da Costa (século XV-1560) foi fidalgo da Casa Real e moço da câmara de D. João III. Comendador das ordens de Avis e Cristo. Em 1553, foi nomeado para governador-geral do Brasil, e a data do seu regresso a Portugal, 1557, deixa em aberto a possibilidade de ter escrito o texto sobre a “*gineta*”. De facto, a redação do *Roteyro*, de Duarte da Costa, segue na esteira de outros textos sobre a arte de cavalgar. O papel primordial da cavalaria ligeira, nas guarnições dos presídios de África, levou a uma revitalização da “*gineta*”, de inspiração árabe, que alguns autores da época consideravam a forma de montar tradicional da Península Ibérica. Dois autores espanhóis escreveram sobre o tema em 1551, e Pedro de Aguilar, em 1572, tal como a revisitação da “*gineta*” também parece ser a intenção de Duarte da Costa. Comparados os textos espanhóis com o português, nota-se uma semelhança na estrutura, nomeadamente, nos títulos de alguns dos capítulos:

⁷⁴ Martim Afonso de Melo, *op. cit.*, p. 334.

⁷⁵ “Roteyro, ou Regra, que deyxou escripta hum muyto bom Cavalleyro, y Ginetario”

⁷⁶ Martim Afonso de Melo, *op. cit.*, p. 375.

Martim Afonso de Melo – *Como se deve pôr hum home a cavallo*

Fernando Chacón – *De la manera que se ha de poner el cavallero en la silla, desde los pies hasta la cabeça*

Pedro de Aguilar – *De como se ha de poner el cavallero a cavallo, desde los pies a la cabeça, y de lo que en ello a de guardar necessariamente para poder parecer bien*

Martim Afonso de Melo – *Partes, que deve ter o que se pôde chamar bom Ginete, e sem ellas nam lhe cabe este nome, nem o tem*

Fernando Chacón – *Los Talles de los cavallos, qué tales han de ser*

Pedro de Aguilar – *Della forma y talle, proporcion y propiedades que han de tener delos cavallos*

Martim Afonso de Melo – *De como se ha de ferir com as esporas, que se chama Chaqueo*

Fernando Chacón – *Qué tales han de ser las espuelas de la gineta*

Pedro de Aguilar – *Del los estribos, y dellas espuelas com que se ha de andar a cavallo*

Martim Afonso de Melo – *Como se deve levar a lança, correndo a carreira*

Fernando Chacón – *Cómo se ha de correr la carrera con lança y sin ella*

Pedro de Aguilar – *Cómo se ha de correr la carrera con lança y sin ella*

Em conclusão, o *Regimento de Guerra* apresenta estreitas semelhanças de conteúdo com textos de meados do século, nomeadamente, a *Arte Militar*, de Giovan Mattheo Cicogna (na edição de 1567), e o *Breve Tratado e Compêndio de Re Militari*, de Luis Gutiérrez de la Vega (1569), e de Fernando Chacón (1551)⁷⁷. Outro aspeto significativo que também transparece é o facto de o *Regimento de Guerra* comportar influências de três dos principais tratados italianos que foram publicados a partir dos anos 20 até aos anos 60 do século XVI. Esta foi uma época em que a imagem desempenhou uma função primordial de apoio a uma tipologia de texto que se tornou cada vez mais especializada e técnica.

Trata-se de uma peça fundamental da escrita sobre guerra do século XVI, claramente impregnada de conceitos modernos, ainda referindo algumas das características de uma guerra formalmente mais rica e algo bizarra, mas que se assumem como já ultrapassadas no campo de batalha moderno – destinados “*apenas para regozijo*” e adestramento das tropas.

⁷⁷ Sendo que o texto de Pedro de Aguilar é subsidiário de Chacón.

A redação teria tido lugar no contexto da entrada em vigor das ordenanças sebásticas e das companhias de ordenança de Lisboa, assunto a que Martim Afonso de Melo alude logo na entrada do texto; portanto, um pouco antes ou depois de 1570. Enquadra perfeitamente os textos de referência, Mattheo Cicogna, publicado em 1567, Gutiérrez de la Veja, publicado em 1569. Não aludindo à traumática batalha de Alcácer Quibir, podemos concluir que Martim Afonso de Melo escreveu o texto antes de 1578. Assim, o nosso autor encontrava-se mergulhado no contexto do esforço de modernização militar de D. Sebastião, que lança pistas sobre quais os assuntos merecedores de reflexão por parte dos veteranos de guerra, e que então se entendia necessário divulgar entre pares.

1.4 O *Prólogo de re militari*: cópia ou versão?

Finalmente, importa sinalizar a eventual circulação do *Regimento de Guerra*. Na Biblioteca Nacional, encontra-se um conjunto de documentos microfilmados relacionados com a temática sebástica, onde se inclui um texto *de re militari* virtualmente desconhecido. O texto inicia-se com o título *Prólogo De Re Militari*, designação vulgarizada na escrita militar a partir da versão de Vegécio de 1475-1479, *Epithoma institutoru[m] rei militaris*. Foi adotado em vários dos tratados quinhentistas, nomeadamente espanhóis: Diego de Salazar, *Tratado de Re Militari* (1536), Francisco de Pedrosa, *Arte y Suplemento de Re Militari* (1541), Diego Gracián, *De Re Militari* (1566), ou Luís Gutiérrez de la Veja, *Nuevo Tratado y Compendio de Re Militari* (1569).

A marca de água do papel utilizado é muito semelhante à entrada 7140 de Briquet⁷⁸, o que aponta para papel produzido em 1589 (Navarrenx), 1600 (Angoulême) ou 1639 (Bayonne). É interessante tratar-se de papel com origem em França, profundamente envolvida no conflito da sucessão ao trono português. Como veremos mais á frente deste pequeno estudo, a primeira data – 1589 – será aquela que melhor se enquadra na época de redação deste manuscrito.

Não nos é possível descortinar qualquer pista sobre o autor deste manuscrito. O autor refere-se à batalha de Alcácer Quibir, na qualidade de participante – “*Destes descuidos tão grandes sucedeu a quatro dias de Agosto do Anno de mil quinhentos e setenta e oito a mizeria [fl. 1v.] que todos experimentamos pois ning[u]em escapou a que pouquo ou muito*

⁷⁸ C. M. Briquet, “Les Filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier. Dès leur apparition vers 1282 jusqu’en 1600, t.II, 2^a ed., Verlag Von Karl Hiersemenn, Leipzig, 1923.

*não tocasse da jornada infelice del Rey Dom Sebastião em Africa*⁷⁹ – mas, de entre os confrontos envolvendo portugueses, apenas cita o cerco de Mazagão (1562). As demais batalhas mencionadas dizem respeito ao envolvimento militar espanhol nos Países Baixos, em 1573-1576, como o cerco à cidade de Harlem (1573), o cerco de Leiden (Maio-Outubro de 1574) e o saque de Antuérpia (1576). Os nomes dos comandantes militares citados estão também em sintonia com esta cronologia: Lope de Figueroa (1520-1585), o duque de Alba, Hernando Álvarez de Toledo (1507-1582), Juan Osorio de Ulloa (séc. XVI), Julián Romero (1518-1577), Álvaro de Sande (1489-1573) e o filho do duque de Alba, Fradique de Toledo (1537-83). Sendo quase exclusivamente a experiência militar espanhola, poderá sugerir que já se teria consumado a união ibérica; salvo uma exceção, o “*capitão Gama*”⁸⁰, que poderia ser, eventualmente, o sargento-mor do exército real, João da Gama, falecido durante a batalha de Alcácer Quibir.

No capítulo final do manuscrito *De Re Militari*, intitulado “*O que toca a cada hũ dos despojos da guerra*”⁸¹, encontra-se um pequeno texto constituído por alguns versos em forma de quarteto. Estes mais não são que uma transcrição parcial do poema incluído no início do *Discurso*, de Sancho de Londoño – “*A la usanza de Francia, y de Castilla, El Reino, la província, y señorío*”⁸². O *Discurso*, de Londoño teve uma edição conjunta em 1589, juntando outro texto muito divulgado, o *Espejo e disciplina militar*, de Francisco Valdés. Embora organizado em forma de diálogo, portanto, muito diversa do manuscrito português, o conteúdo apresenta grande número de semelhanças, incluindo transcrições literais⁸³. O texto anónimo português descreve as operações aritméticas destinadas a “ordenar o esquadrão”, trancrevendo Valdés⁸⁴. É o caso do trecho “*há muitas sortes as que de ordenança mais usa á nação espanhola sam quatro [...] Esquadrão quadrado, Esquadrão prolongado, Esquadrão de grão fronte, Esquadrão quadro de terreno*”⁸⁵, que corresponde à passagem no texto de Valdés, “*al presente más se usan, como son cuadros de terreno, cuadros*

⁷⁹ *Prólogo de Re Militari*, BNPortugal, Cod. 1569, fl. 1.

⁸⁰ *Id.*, fl. 20.

⁸¹ *Id.*, fl. 88v.

⁸² Sancho de Londoño, *Discurso sobre la forma de reducir la disciplina militar e mejor y antiguo estado*, Madrid, Ministerio de Defensa, 1992, p. 29.

⁸³ Para uma lista comparativa de todas as transcrições literais nos dois textos, v. Luís Filipe Guerreiro da Costa e Sousa, *op. cit.*

⁸⁴ *Prologo De Re Militari*, *op. cit.*, fl. 32.

⁸⁵ *Id.*, fl. 88.

*de gente, prolongados, de gran frente [...] empero los que más se usan no solo de nuestra nación, sino de todas las demás donde al presente florece la milícia, son los cuatro que arriba dice*⁸⁶.

O manuscrito organiza-se em torno do tema dos cargos militares, matéria que, mais tarde, teria o seu paradigma com o tratado de Lelio Brancaccio⁸⁷, *I Carichi Militari*, tema esse que foi desenvolvido – algo precocemente – por Isidoro de Almeida, na altura de reforma do sistema militar português, com a entrada em vigor das ordenanças sebásticas. O manuscrito *De Re Militari* mantém a mesma estrutura do “*Regimento de guerra*” na forma de grandes capítulos, que descrevem as obrigações e funções “*do soldado, do furriel, do caporal*”, etc., desenvolvendo outros cargos que não foram contemplados por Isidoro de Almeida: capitão de campanha, capitão-general, auditor, furriel maior, mestre de campo geral, general da cavalaria, general da artilharia, comissário-geral e vigário do exército. O ponto de partida da exposição foi o grau mais baixo da hierarquia, “*Do soldado*”.

As partes [que] á de ter o bom soldado

A idade em que hũ deve comesar a ser soldado

Da maneira que o soldado [deve] governarse e tratar a sua pessoa

Da maneira que há de ter o soldado para passar a Itália e qual [...] he melhor para o soldado viver

Em seguida, define-se o “*nome que tem as couzas da ordenança e o que quere hũ dizer*”, para depois referir a forma de adestramento dos soldados no manejo das armas, “*como se deve levar hũ pique arvorado*” e “*como se trás hua alabarda e hũ arcabuz*”. A exposição prossegue, tratando da inserção do soldado na principal unidade administrativa e tática – “*Quantos soldados a de ter hua companhia*”. Desfilam, em seguida, os respetivos atores no campo de batalha, desde o soldado até ao capitão da companhia. Passamos depois para o escalão tático superior, ou seja, o agrupamento das companhias – “*De quantas companhias há de ser hũ terço e que couza he terço*”. A partir daqui, a abordagem da guerra transita para um âmbito mais geral, “*Da forma e tam[a]nho q Deve ser hu exersito com os demais adherentes e couzas tocantes a elle*”. De seguida, o autor referiu os cargos da hierarquia superior relacionados com o general do exército:

⁸⁶ Francisco de Valdés, *Espejo y Disciplina Militar*, Madrid, Ministerio de Defensa, 1989, p. 39.

⁸⁷ Lelio Brancaccio (1560-1636) iniciou a carreira militar na guerra contra o Turco, sendo depois enviado para a Flandres. O seu texto foi dedicado ao arquiduque Alberto, antigo governador de Portugal.

Do capitão general
Do mestre de campo geral
Do general da cavalaria
Do general da artilharia
Do comissario geral
Dos do cons[elh]o de g[u]erra
Dos gentis homes q[...] a pessoa do general
Dos oficiais do soldo maiores
Do vig[ario] de hu[m] exercito
Dos quatro instrum[en]tos gerais de hu[m] campo

Finalmente, o autor debruça-se sobre a organização do exército *per se*, primeiro, tratando da aproximação ao objetivo, a seguir, do alojamento – “*A man[ei]ra que há de ter hũ exercito em caminhar e camparse*” –, depois da construção da formatura operacional e prelúdio de uma batalha – “*Como presenta hũ exercito hũa batalha e como se há em ella*”. A terminar o principal tema do texto, o autor dedica a sua atenção às operações de cerco e defesa, um assunto ausente no *Regimento de Guerra*.

Os processos para “*defender e sitiar as ciudades*” foram contemplados nos tratados de fortificação e em muitos textos dedicados à milícia, como é o caso de Girolamo, Cataneo e Domenico Mora. O adestramento dos soldados encontra-se, igualmente, desenvolvido, numa abordagem pragmática, centrando-se na exposição dos procedimentos operacionais relativos à guerra. Assim, o manuscrito *De Re Militari* parece começar onde terminou o *Regimento de Guerra*.

No fim do texto, à semelhança do que sucede no *Regimento de Guerra*, foi incluída uma última parte dedicada à “*gineta*”. Não foi dividida em capítulos, como o fez Martim Afonso de Melo, mas a leitura revela que o texto é idêntico ao original do *Regimento*, tendo estes sido amalgamados integralmente no texto do primeiro capítulo. A inclusão da “*gineta*” aparece no mesmo lugar do *Regimento de Guerra*, o que leva a crer tratar-se de cópia do original.

O confronto com os textos espanhóis a que tivemos acesso permite-nos concluir que a redação do manuscrito *De Re Militari* teve lugar na segunda metade do século XVI. O vínculo com o *Discurso*, de Sancho de Londoño, e com o tratado de Valdés levam a crer que o autor do manuscrito teve acesso a uma das edições conjuntas, portanto, o manuscrito teria sido escrito antes de 1589. A orgânica dos “*terços*” proposta no manuscrito é de 3.000 homens a 12 companhias, um quantitativo mais próximo da legislação de 1570. Os acontecimentos militares relatados no manuscrito ficam pelo ano de 1578, pois não se menciona a guerra de anexação, que se prolongou até 1583. Apesar de se poder justificar este silêncio pelo natural melindre que a

invasão ainda provocava entre os portugueses, estes acontecimentos não deixaram de ser relatados tanto por tratadistas espanhóis cujas obras foram impressas em Lisboa, como por Pero Roiz Soares, cronista que acompanha a época sebástica e da anexação à coroa espanhola. Já não parece possível ignorar os ataques ingleses a Lisboa (1589) e Faro (1596), que envolveram o levantamento de um elevado número de soldados de ordenanças, e serviu como exemplo de que os Portugueses se encontravam preparados para a guerra. Em todo o caso, apesar das dúvidas que a data de redação deste texto suscita, trata-se do primeiro texto português escrito na transição entre a época sebástica e a União Ibérica.

Bibliografia citada

- AELIANI et Leonis Imp., *Tactica*, Antuérpia, Ludovicum Elzevirum, 1613.
- BAIÃO, José Pereira, *Portugal cuidadoso e lastimado com a vida e perda do senhor Rey D. Sebastião o desejado de saudosa memória*, Lisboa, António de Sousa Sylva, 1737.
- BARBERIS, Walter, *Le armi del Principe. La tradizione militare sabauda*, Turim, Biblioteca Einaudi, 1988.
- BELTRAMINI, Guido, “Palladio and Polybio’s Histories”, in *Andrea Palladio and the Architecture of Battle with the Unpublished Edition of Polybio’s Histories*, ed. Guido Beltramini, Veneza, Marsilio, 2010.
- BRANCACCIO, Lelio, *Cinco livros dos cargos militares*, in *Officina de Marte*, trad. António Vaz Boto, Tomar, 1683.
- CASTIGLIONE, Baldassare, *Il libro del cortegiano*, Veneza, Gabriel Giolito, 1551.
- C. M. Briquet, “Les Filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier. Dès leur apparition vers 1282 jusqu’en 1600”, t. II, 2.^a ed., Verlag Von Karl Hiersemenn, Leipzig, 1923.
- PARKER, Geoffrey, «Maps and Ministers: The Spanish Habsburgs», in *Monarchie, Ministers and Maps. The Emergence of Cartography as a Tool of Government in Early Modern Europe*, ed. David Buisseret, Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- CATANEO, Girolamo, *Dell’Arte Militare, Libri tre*, Brescia, Tomaso Bozzola, 1571.
- CICOGNA, Giovan Mattheo, *Il primo libro del Trattato Militare*, Veneza, Giovanni Bariletto, 1567.
- CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, v. 2, Porto, Lelo e Irmãos, 1975.
- Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-rey D. Sebastião*, intr. e notas de Francisco de Sales Loureiro, Odivelas, Europress.
- CRUZ, Fr. Bernardo da, *Chronica d’el-rey D. Sebastião*, v. II, Lisboa, Escriptorio, 1903.
- GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia*, v. 2, Lisboa, IPPAR, 2003.
- ERGUILUZ, Martín de, *Discurso y regla militar*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2001.

- HALE, J. R., *Artists and Warfare in the Renaissance Europe*, New Haven, Yale University, 1998.
- , *Renaissance War Studies*, London, Hambledon Press, 1983.
- HOLANDA, Francisco de, *Da Pintura Antiga*, ed. Angel Gonzalez Garcia, Lisboa, I.N.C.M., 1983.
- HONDIUS, Hendrick, *Description et breve declaration des règles generals de la fortification*, Haia, Ex officina Henri Hondi, 1625.
- LONDOÑO, Sancho de, *Discurso sobre la forma de reducir la Disciplina Militar a mejor y antiguo estado*, Madrid, Ministerio de Defensa, 1993.
- MACHADO, Diogo Barbosa de, *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, Antonio Isidro da Fonseca, 1747.
- MACCHIAVELLI, Niccolò, *Libro della arte della guerra*, Florença, Giunti, 1551.
- MAGGI, Girolamo e Castriotto, Giacomo, *Delle fortificatione delle città, libri tre*, Veneza, Rutilio Borgominiero, 1564.
- O Livro de Vallo*, códice 2107, BN Portugal.
- PARDO, Juan de Carrión, *Tratado de como se devem formar los quatro esquadrones en que milita nuestra nación espanhola*, Lisboa, António Alvarez.
- PAVIA, Bartolomé Scarion de, *Doctrina militar en la qual se trata de los principios y causas porque fue hallada en el mundo la milicia*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1598.
- Prólogo De Re Militari*, BN Portugal, cod. 1569, fols. 1-98.
- Relação da rota de D. Sebastião feita por um captivo; plano schematico da batalha; rol dos captivos*, 1578, F.2354, B.N.Portugal.
- QUATREFAGES, René, *Los tercios españoles (1567-1577)*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1979.
- RODRIGUES, Bernardo, *Anais de Arzila*, t. 1, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- SALAZAR, Salazar, *Tratado de Re Militari*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2000.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Documentos inéditos para a história do reinado de D. Sebastião*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1958.
- SOUSA, D. António Caetano de, *Provas do livro IV da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. 3 – 1.ª parte, provas, Coimbra, Atlântida, 1948.
- SOUSA, Luís Filipe Guerreiro da Costa e, *Escrita e Prática de Guerra em Portugal, 1573-1612*, tese de doutoramento policopiada, FLUL, 2013.
- Um manual português do século XVI: o Livro de Vallo*, eds. Ana Paula Avelar e Luís Costa e Sousa, IUC, 2022, e-book.
- VALDÉS, Francisco de, *Espejo y Disciplina Militar*, Madrid, Ministério de Defensa, 1989.
- VEGA, Luís Gutierrez de la Vega, *Nuevo Tratado y Compendio de Re Militari*, Madrid, Ministerio de Defensa, 2005.
- VELOSO, Queirós, *D. Sebastião (1554-1578)*, 3.ª ed., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- WALLHAUSEN, Jacob, *L'art militaire pour l'infanterie*, Oppenheim, H. Galler, 1615.

2. REGIMENTO DE GUERRA

O “*Regimento de Guerra*” foi transcrito por António Caetano de Sousa, a partir de “cópia raríssima”, que se supõe manuscrita. Procurou-se uniformizar a apresentação gráfica, com capítulo, título e texto de seguida. Manteve-se a grafia da cópia original e introduziram-se as imagens, nas mesmas posições relativas da transcrição original⁸⁸.

Relativamente à autoria e datação, Caetano de Sousa escreveu: “*Regimento da guerra, que fez Martim Affonso de Mello, Guarda mor da Pessoa d’ElRey D. Joaõ o I Este papel he taõ pouco vulgar, que he rarissima a copia delle: esta tirey de huma muy antiga*”. Ciente de que o texto não seria compaginável com a época medieval, acrescentou o seguinte: “*Advertencia ao Leitor. No principio se diz ser o Author deste Regimento Martim Affonso de Mello, guarda môr delRey D. Joaõ o I. o que parece naõ pode ser senaõ seu filho do mesmo nome, a quem chamaraõ o Moço, em differença de seu pay, o qual foi Guarda môr dos reys D. Duarte, e D. Affonso V, em cujo tempo se começaraõ a reglar as Milicias, e havia as Armas, que no Regimento se trata, e no tempo de seu avô naõ as usaraõ os Soldados, como se vê nas Histórias daquele tempo, pelo que entendemos, que quem lhe poz o nome de Martim Affonso de Mello, o Velho, se enganou, tal vez pelo afirmar assim D. Antonio de Lima, no seu Nobiliario, o que se convence com este Regimento fazer no Cap. XXXIX. E XLVII. Fala na guerra na India, que foy no delRey D. Manuel*”. Na verdade, como foi exposto no estudo introdutório, o texto é datável da época sebástica.

CAPITULO I.

Dos Privilegios, que são concedidos aos Soldados de Lisboa.

Que os piaens, que na dita hordenança entrarem, e servirem de Soldados, naõ possaõ elles, nem suas mulheres, por cazo algum que seja, con-

⁸⁸ *Regimento de Guerra*, in Sousa, António Caetano de, *Provas do Liv. IV. da Historia Genealogica*, t. III, I PARTE, Coimbra, Atlântida-Livraria Editora, L.^{da}, 1948, pp. 318-382.

denados em pena de vil. s. em assoutes, baraço, e o e pregaõ, salvo por furto, hou resistencia.

Que os Soldados, e suas mulheres, e filhas, em quanto sob seu poder estiverem, possaõ trazer em seus vestidos a seda, que pela hordenançaõ podem trazer as pessoas, que tem cavallo. Que por nenhumaõs dividas, que devaõ, de qualquer calidade, que sejaõ, possaõ ser penhorados, nem se faça execuçaõ nas Armas, nem nos vestidos de sua pessoa, nem de sua mulher, nem na ropa da cama, que for necessaria para seu uzo, serviço, posto que outros bens não tenhaõ.

Que os Officiaes maquanicos, que em cada huma das ditas companhias forem escritos, e assentados, e que em ella pessoal mente servir, lhe não sejaõ tomadas de apozentadoria as cazas, que tiverem alugadas, em que morarem, e tiverem suas tendas, durando o tempo de seus alugueres.

Que os que por hordenança da Cidade são obrigados a terem ganchos ás portas, sejaõ escuzos de os terem.

Que os Escudeiros, que na dita hordenança entrarem, e nella servirem, gozem de todos privilegios, e graças, e liberdades, que pelas hordenançaõs gozam, e pódem gozar os Cavalleiros confirmados por Sua A. posto que os taes Escudeiros não tenhaõ cavallo, e isto em quanto as taes pessoas servirem nas taes hordenanças, sem embargo da hordenançaõ, que o contrario dispoem.

CAPITULO II.

Das partes principaes, que hum Capitaõ deve ter para ser amado, obedecido, e temido.

Quatro cousas principalmente são necessarias aos Capitaens para serem amados e obedecidos dos seus Soldados, sem as quaes tenho por impossivel ser bom Capitaõ. A 1. liberal de condiçaõ: a 2. abondoço de palavras: a 3. humano a todos: a 4 grave no que mandar. Largo para dar do seu, palavras obrigaõ muito. Humanidade cria amor, gravidade temor: de maneira que se der a todos, e tiver boas palavras, e for piedozo, e grave, será amado, e obedecido, louvado, e temido.

Outras 4. deve ter para bom Capitaõ: sabio no que manda: atentado no que emprehende: diligente no que faz: precatado no que espera. O sabio sabe mandar: o atentado entender: o diligente obedecer: o precatado prover; porque se for sabio, não mandará couza mal feita: e se for atentado no que emprehende, não cometerá couza incerta: e se for diligente no que fizer, acabará o que cometer: e se for precatado do que lhe pode succeder, se proverá do necessario.

CAPITULO III.

Das partes principaes, que deve ter hum Soldado.

O que quizer ser bom. Soldado, deve de trabalhar por ter 4. couzas principaes: a 1. obediencia: a 2. sofrimento: a 3. esforço: a 4. Boas Armas, e prezarse dellas; e com estas 4. virá a ser valeroso Soldado, e animozo Capitaõ.

Deve de ser taõ obediente ao seu Capitaõ, e Officiaes da companhia, que quando ouvir o atambor, seja o primeiro que tome as Armas, e acuda, e assim o será em tudo, porque os primeiros tem o melhor lugar, e de mais valor, e nisso se mostra parte do esforço, que cada hum tem, e trabalhar por tomar lugar para pelejar em huma 'dianteira. Se tiver sofrimento, facilmente sofrerá os trabalhos da guerra, e cazos, que nella acontecerem. E se tiver esforço, tudo lhe será facil de fazer, e cometer, e com elle se ganha grande louvor, e alcança grandes boas venturas. E se tiver boas Armas, e se prezarse dellas, o porá o Capitaõ no lugar de mais honra; e esta he a que se deve de estimar mais que todo-los averes do mundo, e sem ella se não deve dezejar nada.

CAPITULO IV.

Do nome, que tem as couzas da hordenança; que querem dizer.

Primeiro que tudo, parece necessario entender os que não sabem os nomes, que tem as couzas n'um Esquadraõ, que querem dizer, e se uza nelle para que entendaõ melhor o que haõ de fazer, e lhe não fique nada, que possaõ ignorar, por isso o declaro aqui para aquelles, que o não souberem, estar avizados, que todo o Soldado he obrigado a entender.

Bando, he quando o tambor dá algum recado da parte do Capitaõ, ao qual devem estar todos attentos, como se ouvir, para o cumprir.

Passa palavra, he tomar a primeira fileira o recado do Capitaõ, e da-lo a outra, de huma na outra, até chegar n'um instante, aonde vay, como dizer: Arcabuzeiros á Vanguardia, passa palavra depressa d'uma fileira na outra, e de outra n'outra; e todos *haõ de dizer o mesmo. E assi qualquer outro recado, que o Capitaõ mandar.*

Vaãguardia, he a dianteira da hordenança, ou Esquadraõ, a onde vay o Capitaõ.

Retraguardia, a trazeira, onde levaõ as costas os Soldados.

Os Costados, e *Alas* saõ as Ilhargas do Esquadraõ.

Fazer da retraguardia vaãguardia, he passarse o Capitaõ á retraguardia, e virarem os Soldados os rostros, para onde o Capitaõ vay; e o mesmo he das *Alas*.

Virar as caras, he virar os rostos, e as armas atrás, ou para onde o Capitaõ manda.

Dobra, he que se faça o Esquadraõ, e meta huma fileira na outra.

Marcha, he caminhar.

Forte, he estar quedos, e não se fazer mais o que se fazia.

Retira, he tornar a trás com o rosto no inimigo, se està perto.

Arma, Arma, he que se façã prestes para pelear.

Carga, he quando se dà alguma sorriada d'arcabuzaria toda junta.

Tudo isto he obrigado saber, e entender o bom Soldado, e entendelo no tambor, e o tambor saber tocar cada couza destas por si, e o Capitaõ sabe-lo mandar a seu tempo.

CAPITULO V.

Como não deve o Soldado aguardar que o mandem.

E Para que em tudo obedeça, não deve d'aguardar, que o mandem nas couzas da sua obrigação, porque assás de afronta he dizer hum Sargento a hum bom Soldado, que se meta em ordem: para isto escuzar, deve fazer as couzas seguintes, indo nella; e terá tanta conta comsigo, que sempre vâ direito em fileira, emparelhado com o que levar à sua ilharga, e com o que leva diante de si, contando na sua fileira a quantos Soldados vay, para que se indireitem na outra com o que for a outros tantos, como dizer; *vou na minha fileira a dous Soldados, heydeme indireitar com o que for na dianteyra de mim a outros dous*; e pelo consequente 3. com 3. e 4. com 4. e por esta conta devem caminhar todos em hordenança simples, e em Esquadraõ de maneira, que o bom Soldado deve ter conta com o que levar à sua ilharga, e com o que leva diante de si, que os nam perca nunca em seu compasso.

CAPITULO VI.

De quam afastado ha de hir dos que levar da sua ilharga.

A Fileira, em que for não deve de hir mais afastado, nem menos dos que levar à sua ilharga, que quanto lhe chegue com a maõ às maõs do que levar à sua ilharga; e desta maneira devem de hir todos arcabuzeiros, como piqueyros, antes mais largos, que chegados, mas não será muito.

CAPITULO VII.

De quaõ afastada ha de hir huma fileira da outra.

As fileiras dos Arcabuzeiros, caminhando por esta ordem, e compasso, devem de hir afastadas humas das, como 8. ou 9. palmos pouco mais, ou menos; porque se vaõ muyto largos, vaõ fracos, e facilmente se podem romper; e se juntos, se embaraçaõ huns com os outros, e não podem manear as armas, que levaõ. Isto se entende tambem nos piqueiros, mas antes nelles he mais necessario, pelas armas serem mais compridas.

CAPITULO VIII.

De como devem levar o pique, e em que compasso

Os piqueiros devem levar os piques pelo meyo com os contos delles direitos em fileiras huns dos outros, afastados das curvas do que levarem diante de si direitos dellas 5. ou 6. palmos pouco mais, ou menos, e a maõ, com que levar o pique bem acima do hombro; porque vay mais ayrozo, e mais direyto, e em nenhuma maneira devem traveçar o pique, nem arvorar, quando os outros estiverem arvorados de maneira, que todos haõ de fazer huma couza, e haõ-se de reger pelo que fizer a primeira fileira da vãguardia; e nisto não vay taõ pouco, como parece, por quanto esfea muyto hum Esquadraõ, e mostra não serem os Soldados praticos.

CAPITULO IX.

Do compasso, que deve ter em Esquadraõ.

Estando em Esquadraõ quedo, deve de estar huma fileira da outra 7. ou 8. palmos, assim piqueiros, como arcabuzeiros, ainda que entaõ devem de ficar as fileiras dos arcabuzeiros mais chegadas humas ás outras, porque estaõ em guarniçaõ, para que os piqueiros os cubraõ melhor.

CAPITULO X.

Como se não deve mudar da sua fileira, sem o mandarem.

Em nenhuma maneira se não deve tirar, nem mudar o bom Sol dado da fileira, em que vay, para se mudar a outra, se os Officiaes o não mandarem; e mandando-o, o deve logo fazer; porque se honra obedecer aos Officiaes da companhia, e não taõ sómente aos da companhia, mas a todos os que forem d'outras, estando juntas em hum esquadraõ; porque entaõ tudo he huma couza, e fica hum corpo mystico, e os Officiaes saõ os membros, que os governaõ.

CAPITULO XI.

Como se não deve meter em fileira, que vay já feita.

Deve ter tal avizo, que se tardar hum pouco, e não acudir ao tambor tam depreça, que se não meta de vanguardia em fileira, que vá já caminhando em sua ordem; mas vá-se demandar a retaguardia; para dalli se meter aonde vir, que vay falta alguma fileira; ou começala de novo; porque sempre se ordenaõ as fileiras de vanguardia em sua conta, e ordem, que hão de levar, que as faltas, que houver, fiquem sempre na retaguardia.

CAPITULO XII.

Como deve levar o pique arvorado.

Quando o Capitaõ mandar caminhar com os piques arvorados, deve o bom Soldado levar o seu com o conto na mão direita encostado ao hombro, e braço, e se não puder com elle por causa do vento, abaialohá mais hum pouco da mão, que não vá muito chegado ao chaõ; porque não toque em alguma couza, que o embarace.

CAPITULO XIII.

Como se deve o Soldado prezar mais de pique, que de arcabuz.

Deve-se de prezar muito de trazer seu pique comprido, e groço, ainda que lhe seja trabalhoso em trazelo; e sempre deve de ser de 26. palmos para cima, e deve-se prezar mais de piqueiro, que arcabuzeiro; porque onde ha Soldados de preço, e valor, saõ todos piqueiros; porque está claro fazer ventagem o pique ao arcabuz; porque o officio de Soldado piqueiro he aguardar a pé quedo, e do arcabuzeiro fogir de huma parte para outra, e acolherse debaixo dos piques: por onde fica claro, que he mór onra defender quem foge, que fogir offendido: porque nunca fogir foy bom, e mais á força de hum esquadrão está nos piques: logo se segue, que he de mais preço pique, que arcabuz, e por esta causa os trazem todos os Capitaens, e Soldados valerosos.

CAPITULO XIV.

De como deve de levar a sua arma da banda de fora.

Soldado, que ficar da banda de fóra em fileira assim hindo em Ordenança, como em Esquadrão sempre deve de trazer sua arma no hombro da banda de fóra, e seguir o primeiro da fileira, para que os do meyo se endireitem com elles, e o Capitaõ o deve dar á primeira fileira da vanguardia o

que hade ter de Soldado a Soldado, e ter tento, que o levem; porque naturalmente se ajuntaõ os Soldados, quando caminhaõ.

E quando hum Esquadraõ começa a caminhar, nam se deve mover todo junto, mas a segunda fileira se moverá depois de começar a caminhar a primeira; e assim huma tras outra, e não devem caminhar os Soldados mais depreça do compasso, que levar o tambor, e ao som delle devem de caminhar todos depreça, ou devagar, lançando os pés á pancada do tambor todos à huma, em cada fileira, e assim haõ de hir em ordem, para que vaõ ayrosos, e bem ordenados, assim como fazem os mariolas, quando levaõ algum pezo, que todos lançaõ os pés a la una.

CAPITULO XV.

Como deve estar calado.

O bom Soldado em nenhuma maneira deve gritar, apupar, nem fallar alto, hindo em Ordenança, e estando em Esquadraõ, ou pelejando, ou em outro qualquer exercicio, porque se não haõ de ouvir, se não com os instrumentos de guerra, e os instrumentos das armas, e o que mandar o Capitaõ, para cumprir seu mandado, assim por palavra, como pelo tambor, ou trombeta.

CAPITULO XVI.

De como se traz huma alabarda, e arcabuz.

Huma alabarda se traz no hombro direito atraveçada hum pouco, que lhe veja, o que a traz, o ferro pela banda esquerda, com o conto della dentro na maõ, e o braço afastado hum pouco: desta maneira vay hum homem ayroso, e com muita arte; e desta maneira se deve tomar o arcabuz pela boca, e trazer no hombro direito atraveçado hum pouco com o braço afastado para hum Soldado.

Nam pareça isto pouco necessario, porque vay muyto para huma pessoa se aformoear, ter ar, e graça; que sem isto, pouco lhe aproveitaõ boas feçoens; e Soldados bem tratados, e bem postos, parecem mais, dam mais esperança de si, e tem-se em mais conta, que os desmazelados, e desairosos, quanto a mim: o soldado, que vay em ordem, e não vay a tempo, e com muito ar, e graça, pouco espero delle; porque toda pessoa, que se não preza de si, e do que faz, não pôde acertar em nada, nem fazer couza bem feita; quanto mais nas armas, que aquelles, que lhe estaõ bem na cinta, e na maõ, saõ para ellas.

CAPITULO XVII.

Dos arcabuzes, que não devem ser compridos para escaramuça.

Os arcabuzes não devem de ser muito compridos, para que se sirva melhor o Soldado d'elle em huma escaramuça, porque mais facilmente se manea huma arma leve, que pezada, e curta, que comprida; e a causa, porque os piques são compridos, e grossos, he por acharem ao inimigo de mais longe, e por sustentarem a força de hum tropel de cavallos: servem tambem compridos, porque cobrem melhor os arcabuzes. O bom Arcabuzeiro deve trazer arcabuz de 4. palmos, e meyo de cano, e os fechos de pancada, porque poucas vezes deixaõ de tomar fogo, ainda que tenhaõ roim murraõ; porque a pancada sempre faz faiscas, e chega o murraõ á escova, o que muitas vezes não faz o fecho. E se me algum disser, que a paga o murraõ á força da pancada, dir-lhe-hey, que poucas vezes, e que o bom Soldado se não deve fiar de trazer acenza huma só ponta de murraõ, se não duas, e tres.

CAPITULO XVIII.

Como deve trazer o arcabuz em huma escaramuça.

Em huma escaramuça deve trazer o arcabuz, e terçado na maõ esquerda, e em parte, que o não mude nunca; e com elle assim tem 3. tempos: hum para cevar, outro para atacar, e outro para apontar, e os pilouros devem andar na boca aquelles, que couberem, e o murrar no braço esquerdo com 3. pontas acezas; e para que sejaõ mais prestes, e lhe tomar sempre fogo, deve cevar primeiro o arcabuz, que atacar; porque naturalmente toma melhor o fogo o polvarim, que a polvora, e como desta maneira fica o polvarim debaixo da polvora do que entra pelo buraco da escorva, impossivel he não tomar fogo, porque não tem nada, que lhe impida o buraco pelo polvarim ser muito meudo, he regra de experiencia.

CAPITULO XIX.

De como deve de escaramuçar.

O soldado, que andar em huma escaramuça, nunca deve de estar quedo, e sempre andar de huma parte para outra, porque o inimigo não faça pontaria nelle, e desta maneira ande carregando seu arcabuz, e tirando, e nunca se deve tirar com elle, sem o levar ao rosto, no qual o não deve ter mais, que em mentes descobrir a mira, e o que tirar, e logo dar á chave, e tornar á obra de novo.

De duas maneiras se escaramuça, estando em Esquadraõ, huma, que o Soldado anda fóra delle de huma parte para outra, carregando, e tirando ao inimigo em mentes o deixaõ, e se não enfada, e se recolhe ao Esquadraõ quando quer ao seu lugar: a outra maneira de escaramuça he sahir a primeira fileira de guarniçaõ junta, e vay tirar, e em se recolhendo, vay a segunda, e poem-se no posto, e a que vem se mete debaixo dos piques para alli carregar, e em se recolhendo a segunda, sahe a terceira a fazer o mesmo; e sempre desta maneira sahindo huma, e entrando outra, anda huma roda viva de fogo; mas sempre haõ de aguardar huns pelos outros, e a que se recolhe, ha-se de meter de traz de todos pegado aos piques: alli deve carregar, e dar lugar á que vier, que se meta de traz delle; desta maneira póde hum Esquadraõ pelejar por todas as partes, se estiver cercado de gente de cavallo, e se o apertarem muito, não se deve o Arcabuzeiro sahir debaixo dos piques: tambem se fazem mangas delles, com que se escaramuça com ellas.

CAPITULO XX.

Das obrigaçoens, que tem hum Soldado particular, principalmente Arcabuzeiro.

Muitas obrigaçoens tem hum Arcabuzeiro para ter este nome, e andar como deve, e se deve esmerar, e trazer bom arcabuz, bem aparelhado, o qual saberá desencavalgar, e alimpar, e tirar os fechos da Coronha, e torna-los a pôr, concerta-los semaneira, que andem limpos, e destros; e ha de trazer na bolça dos pilouros, fuzir, pedreneira, e isca, saca-pilouro, saca-trapo, rexa, e bons frascos de pancada, e polvarim de mole, que feche por si, largando-o da maõ, o qual andar´a ao pescoço, e o frasco na cinta heyo de polvora refinada enxuta, e deve saber refina-la. O polvarim ser´a muito bom, e meudo, que não seja pô refinado com agua ardente muito enxuto; porque nisso está tomar-lhe sempre fogo. Tambem trará bom murraõ, e isto he mais necessario, que tudo, que seja tal, que lhe faça boa braza: os melhores saõ de cirga velha de pescadores, porque anda já buida, e bem lavada em agua doce, e bem enxuto, fica hum a braza muito dura, e viva, sem nenhuma cinza por cima, o que não tem os outros murroens, ou murraõ de linho de 4. fios; porque se não desfaz a braza com a pancada, cozido em cenrada forte, ou em salitre, e depois lavado em agua limpa, he muito bom coido, que se lhe tire o cotaõ de cima, e ser´a todo igual de huma grossura, que não seja muyto, nem pouco. Tambem o bom Arcabuzeiro deve de ter huma certa medida do murraõ, que poem na serpe, que lhe fique dentro na escorva, quando der a chave, da qual medida uzará sempre, e a serpe sempre aberta na grossura do murraõ, porque se não detenha em abrir, e fechar, e nam deve de pôr o murraõ na serpe com a

escorva aberta, senão fechado, por que lhe não aconteça deazastre, e desta maneira lhe tomará o arca-buz sempre fogo, e se fará destro nelle, e com estas achegas, gozará do nome de bom soldado, e bom arcabuzeyro, e se-lo-ha com muita razaõ.

CAPITULO XXI.

No que deve obedecer mais da obrigaçaõ.

Outras obrigaçoens tem muitas o bom Soldado, que he obri gado fazer: obedecer a tudo, que o Capitaõ, e Officiaes mandarem, como guardar, vigiar, trabalhar, e outras couzas necessarias na guerra: sempre deve ser o mais diligente, e o que primeiro acode, e obedece; porque na obediencia está o ser de todas as couzas, que sem ella, tudo he divizo, e mal ordenado: não se deve assentar em mentes o Capitaõ estiver em pé: estando em Esquadraõ, não deve de abater sua arma, em mentes a bandeira estiver arvorada: não se sahirá da fileira, em mentes estiver em ordem: não se tirará da centinella, ou estancia, sem o tirarem: não se deve vir do campo, sem o mandarem: finalmente ha de acompanhar o seu Capitaõ, e bandeira até os deixar em caza; porque he deshonra, e affronta cahir em qualquer destas; e d'outras muitas, que deixo de dizer, por não ser mais porluxo, ainda que antes o devera ser, que deixar alguma couza por lembrar, quem não quizer errar, que pela ventura seja a causa de a não saber.

CAPITULO XXII.

Das couzas necessárias ao Soldado para alcançar a graça do Capitaõ.

Outras couzas muitas ha necessarias, que ajudaõ muito para alcançar nome de bom Soldado, e grande Capitaõ, Alferes, Sargento, e Caporal, que são grãos, que se alcançaõ por preço, e valor da pessoa, s. aprender a jogar de todas as armas: em todas ellas ser muito destro; porque o que as sabe faz muita ventagem ao que as não aprendeo; e são tam boas, que aos esforçados faz mais afoutos, e aos que o não são, faz mais ouzados, confiados, no que sabem; e de huma maneira, e d'outra fazem ventagem áquelles, que as não aprenderaõ, pelo que as deve aprender todo o homem; porque além de serem necessarias na guerra, servem muito para acrescentamento da vida, sande, e despoziçaõ, porque todos los exercícios ajuda muito a natureza, e mais de huma manha onroza, estimada antre os grandes Senhores, que muitos alcançáraõ grandes onras com ellas, e fazem hum homem enxuto, rijo, e incansavel, e para muito trabalho, e sofredor delles; e por isso diz o graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes, que o Soldado para a guerra deve ser criado no campo, e em trabalhos, e costumado a a

muitos exercícius. Tambem ajuda a isto ser hum homem Cavalgador, Fragueiro, Monteiro, Caçador; porque o faz esforçado, artiloso, esperto, soffredor pela cobiça da caça, e gosto, que se della tem. Tambem deve d'uzar muito lutar, correr, saltar, tirar á barra, lança, dardo, pedra, jogar a pella, bolla, choca, e outros jogos deste theor. De tudo deve d'andar exercitado, e uzar muito, porque isto ajuda muito aos homens serem manhozos, e para muito, e cria animo, esforço, e opiniaõ naquelles, que sabem. De todas estas couzas, e com ellas estabalecido para todo o cargo de guerra, principalmente para Capitaõ, que sempre deve ser tal, que em valor, e manhas preceda aos mais Soldados; e tenho por impossível não alcançar este grão, quem destas couzas tiver a mór parte, porque são ellas muito para alcançar este cargo, que tam estimado he, aonde se conhece o preço das couzas, e valor de cada huma, e as premidas delle, e se deve ter em muito quem o alcança por merecimento de sua pessoa, e não por adherencia, ou affeição; e não digo taõ sómente Capitaõ, mas Caporal, Sargento, Alferes, e o que vay sobindo por estes degrãos, vem a ser melhor Capitaõ pelo discurso do tempo, que anda na guerra, e pelo que conhece della, e de cada cargo destes, que são muito para se estimar nas partes, aonde se ella uza, e conhece o preço, e valor de cada hum.

CAPITULO XXIII.

Do remate da obrigaçãõ, que tem o Soldado.

O Soldado, que fizer as couzas a traz, que são de sua obrigaçãõ, fará muito o que deve, e todos o louvarãõ, e estimarãõ, e terãõ em muita conta, e alcançará por isso muito; e o que isto não per tende fazer, fora-lhe melhor nam -no ser; e carece de razaõ, e d'onra; porque quanto mais onrado for, se deve correr mandarem-lhe o que he obrigado fazer; e se tiver razaõ, quererá fazer antes o que obrigado, que aguardar, que o mandem: quanto mais o que isto não fizer, não espere por onra, nem proveito, que he o que homem mais pertende; e quem o cumprir, tenha por certo alcançala, porque nunca ninguem fez em seu officio o que devia, que ficasse sem premio delle, mormente neste tempo, que ElRey nosso Senhor tanto os estima os que fazem o que devem principalmente os bons Soldados, que tem necessidade delles, que isto nos devia dar alento para todos os sermos.

CAPITULO XXIV.

Como se deve vestir hun Soldado.

Todas as couzas do bom Soldado haõ de ser conforme a necessidade, que pôde ter nellas, e que lhe dê menos pejo, e pouco trabalho para a guerra.

s. Armas leves, e maneiras, vestido curto, e despejado, pouco fato, e bem estofado.

O vestido deve ser calçoens largos, jibaõ de olanda, ou de cafoens estofados, porque lhe servem de muitas couzas, como de colchaõ, e de lhe matar o frio de noite, e calma de dia; e tambem fica servindo em alguma maneira d'armas; e para que lhe não façaõ nojo as que trouxer de ferro; pelo que o mais necessario vestido ao Soldado deve ser todo bem estofado, e curto, para que se aproveite melhor das armas, deve trazer em cima couza de couro, e se puder d'anta muito melhor, para as necessidades do corpo, espada, e talabartes, na cabeça chapeo para o Sol lhe não fazer tanto mal, e para a chuva o não molhar: nos pes botas, que sofrem mais trabalho, e trataõ melhor as pernas; assim que em tudo andarã confôrme ao que lhe he mais necessario, e proveitoso para a guerra: isto se entende, andando em campanha, que nas Cidades de guarniçaõ, se pôde servir de muitas galantarias, segundo sua possibilidade.

CAPITULO XXV.

*De quanto se estima o Soldado, que traz boas armas,
e quam necessarias saõ.*

Em toda a parte se estima, conhece o Soldado, que traz boas armas, e se diferença antre os outros assim na paga, como na reputaçã, e ha muitas razoens para isso; porque o que as traz, determina pelear, e ganhar com ellas onra, e fama; e por ellas se diz: Homem apercebido, meyo combatido; por onde os mais trabalhaõ por terem antes boas armas na guerra, que boa capa na paz; porque a capa mata sómente o frio, e as armas o escapaõ muitas vezes na morte; porque os mais, que della morrem he a ferro; e se anda bem forrado d'elle, se salva de grandes perigos, e ganha onra assaz; que claro está, que mais afouto se comete hum feito onrozo bem armado, que sem armas; e tambem nellas se conhece o preço de cada hum, e por isso tem o melhor lugar o que está melhor armado, que sem armas, e lhe daõ dobrada paga do que a tem o que as não traz: assim que por todalas vias deve o bom soldado andar bem armado; pois he onra, e proveito o telas, e trazellas; e se attentassemos de quanto proveito sejaõ, não haverem tantos retratos nas paredes de panos pintados, e o que se nisto gasta, se gastaria em armas, que saõ mais lustre a huma caza, e mais ser a quem a tem armada dellas; por onde hum dos principaes signaes de hum Soldado ser valeroso, he ter boas armas, e prezar-se dellas, offensivas, e defensivas; pelo que nos devemos de prezar todos dellas; pois saõ de tanta onra, e proveito; e não tem nenhum desculpa, que dar pelas não ter, se lhe faltaõ; pois lhe sobejaõ muitas couzas de pouco ser, e de muita vaidade, e menos necessidade.

CAPITULO XXVI.

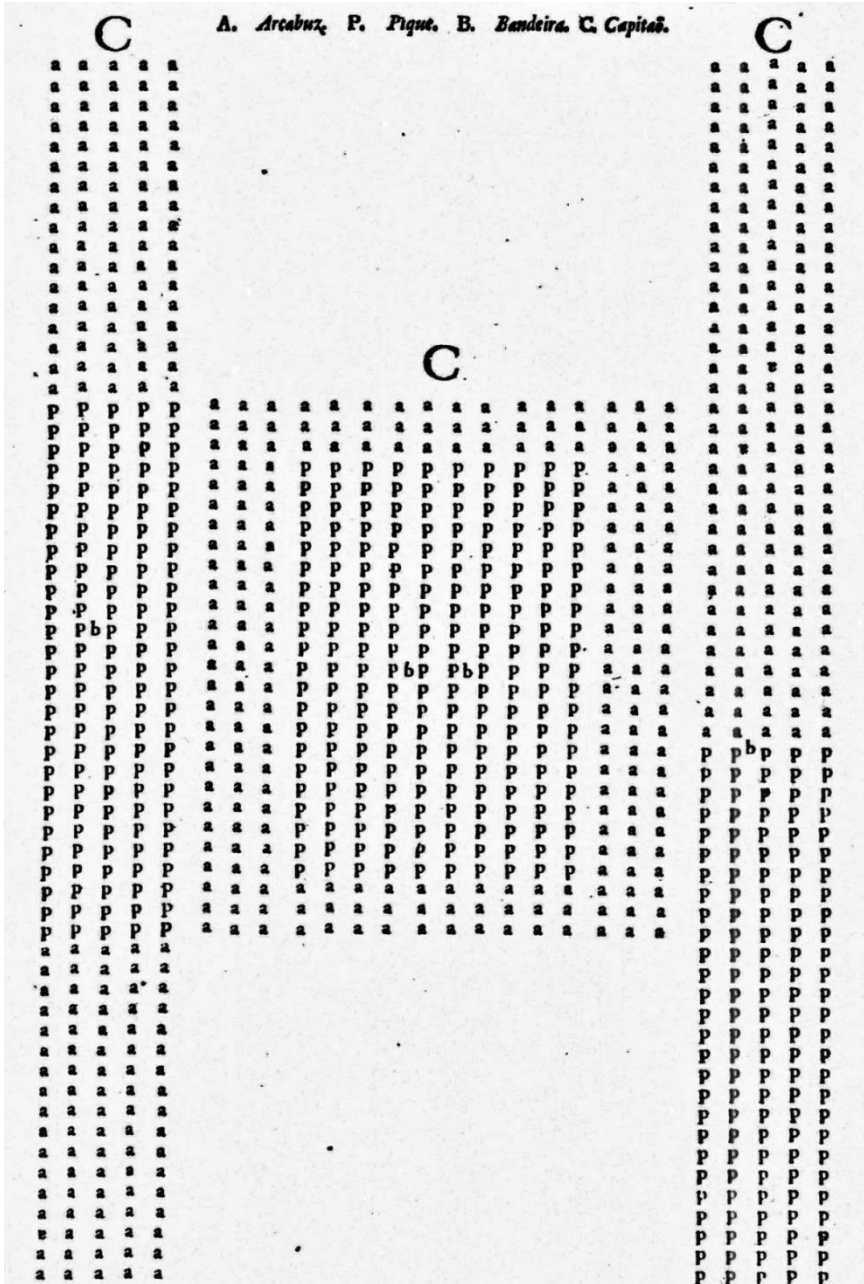
De como se fazem Esquadroens.

A maneira que se deve ter em fazer hum Esquadraõ de pouca, e muita gente me parece necessario escrever aqui para aquelles, que não o sabem pelo pouco uzo, que tem de ordenar gente de pé, porque em muitas partes esteja escrito por excellentes Capitaens; mas porque todos trataõ de ordenar gente, que vay em algum campo a ordem, que ha de ter, e se meter nella, que a nós ao presente não faz ao cazo, que começamos a aprender esta milícia, nam nos serve, senaõ começar no A. B. C. em ordenar, e adestrar cada hum os Soldados, que tem em sua companhia, para que mais facilmente possaõ os muitos, quando for necessario, e os Soldados facilitar a ordem, que lhe derem, que este he o meu principal intento.

CAPITULO XXVII.

De como se costuma caminhar em ordenança singella.

De duas maneiras costuma caminhar huma companhia em ordenança. f. de 5. em 5. ou de 3. em 3. mas eu não acho inconveniente algum caminhar de 4. nem de 6. em fileira, nem doutro nenhum numero; porque não fazem ao cazo serem mais nones, que pares. (Tambem caminhaõ na mesma ordem d'outras duas maneiras, huma que se leva toda a arcabuzaria de vanguardia, e a bandeira ante os piques, e os arcabuzes; outra, que leva ametade da arcabuzaria da vanguardia, outra da retaguardia, e a bandeira no meyo dos piques, a qual a mim mais quadra para a maneira de ordenar hum Esquadraõ; e tambem porque vay caminhando assim mais forte, e em mais ordem, e mais formozza huma companhia, da qual ordem tratarey, sem embargo, que d'ambas nos podemos servir: a figura, que levaõ he a seguinte.



CAPITULO XXVIII.

Dos Arcabuzeiros, que deve ter huma companhia de Soldados.

Alguns Capitaens querem, e se costuma, que haja em huma companhia de Soldados a 3. parte sómente d'arcabuzeiros, e as duas de piqueiros, e a causa disto he, porque onde se costuma pelear com homens d'armas, e gente bem armada, e porque em cada terço de Soldados ha duas companhias de Arcabuzeiros, a fora os que ha em cada companhia, os quaes não servem de mais, que guarnecer os Esquadroens, e as Companhias de mangas, e doutras necessarias na guerra, como he para tomar hum passo, e começar huma escaramuça, e fazer huma emboscada, e fazer guarda, e reconhecer huma gente, e outras couzas muito necessarias, para que servem; mas nós, que não pelejamos, senão com gente dezarmada, pouca força nos basta de piques, e temos necessidade de mais arcabuzes, para com elles offender-mos ao inimigo de mais longe, e por isso dou mais arcabuzes ás Companhias, que piques, segundo meu juizo; porque se o discreto se deve acomodar á terra, e costume, onde se acha, e segundo que nella se uza, e he mais necessario, e proveitosa; e posto que nos achemos em campo de inimigos, nem por isso seremos mais fracos, levando mais arcabuzeiros, que piqueiros, nem tambem se uzaria por isso companhias de arcabuzeiros por si, para o effeito, que acima digo, que nestas partes mais serve o homem de arcabuzaria, que piqueria; e por estas razoes, e outras, que deixo, dou a cada companhia de 300. homens, como são estas que tratamos, 170. arcabuzeiros, e 130. piqueiros, porque feito hum Esquadraõ delles, possa ficar guarnecido todo de 3. em 3 que he o melhor modo, que deve ter, e para poder fazer arcabuzeiros soltos, que he a couza, que mais em Africa serve, e de que mais uzamos.

CAPITULO XXIX.

Como se faz hum Esquadraõ de 300. homens.

Caminhando huma Companhia de 5. pela maneira a trás dita, o Sargento della meterá a segunda fileira na primeira, e a quarta na terceira, e a sexta na quinta; e por esta conta hirá metendo huma na outra até ao cabo da Companhia, e ficarão desta maneira a dez por fileira, arcabuzeiros com arcabuzeiros, piques com piques; deixarão 3. fileiras de vanguardia, e dos que lhe sobrarem arcabuzeiros, guarnecerá de 3. em 3. as fileiras dos piques por huma ilharga do Esquadraõ: outro tanto fará da vanguardia, e fica o Esquadraõ formado da maneira que deve estar, e terá 16. Soldados por fileira, e ficará quadrado pouco mais, ou menos, em que haverá a 288. pela conta a traz, que é a cópia das companhias, que aqui temos, e se levar

mais, ou menos gente, tudo he mais, ou menos huma fileira, ou duas, que não faz ao cazo.

E se esta companhia tem pouca gente, e caminha de 3. em 3. e quer fazer Esquadraõ, meterá na primeira fileira a segunda, e terceira na quarta, e a quinta, e a sexta, pela mesma maneira hirá metendo em huma fileira duas até as acabar todas, entãõ ficarãõ 9. por fileira: dos Arcabuzeiros fará o acima dito, e se forem menos, fará guarniçaõ a dous por fileira, e por esta conta fica o Esquadraõ de 15. ou 13. em fileira, e fica quadrado pouco mais, ou menos; mas não he bom ordenar pelos grandes espassos, que faz de huma fileira a outra, e haõ de correr de força, e enfraquece ao Esquadraõ, que não se fazem taõ breves, como da maneira, que abaixo a ponto, que tenho por melhor ordem, posto que acima saõ uzados: estas companhias, depois de estarem de 10. em ro. ou de 9. em 9. se podem dobrar pela mesma ordem a trás; mas entendese, que deve ser cada companhia destas de mais de 400. Piqueiros, ou pouco menos; porque entãõ ficarã quadrado, e a guarniçaõ será, segundo tiver arcabuzaria, e se tiver 400. ou mais por todos, caminhará de 6. ou 7. para que dobrando a ordem singela lhe fiquem certos, para o que deve fazer primeiro conta, que mande caminhar.

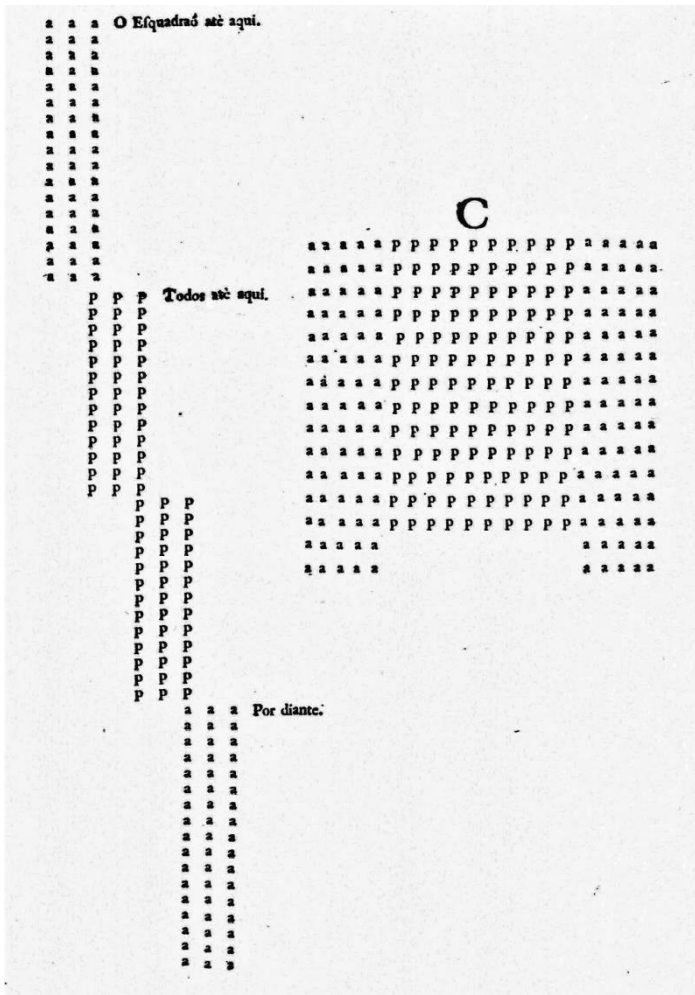
CAPITULO XXX.

Da segunda maneira de ordenar Esquadraõ.

Vay esta companhia de 5. em 5. em fileira 1: contará o Sargento as fileiras dos piques, partilasha pelo meyo em duas partes iguaes: a primeira caminhará devagar, ou estará queda, com a segunda se emparelhará por huma ilharga com a que está queda, assim como vaõ, até que fique fileira com fileira, e a bandeira meter-se-ha no meyo do Esquadraõ, que já fica feito, de 10. por fileira; e para brevidade, o Capitaõ deve partir os Arcabuzeiros da vanguardia, e Alferes de retaguardia pela ordem dos Piqueiros, e em esta maneira em hum instante fica o Esquadraõ feito: deixará o Alferes de retaguardia tres fileiras darcabuzeiros, com os que lhe sobejarem, guarnerá huma ilharga do Esquadraõ, e o Sargento fará outro tanto da vanguardia, e desta maneira fica Esquadraõ formado, e quadrado com 16. Soldados por fileira; e se lhe crescer alguns Piqueiros; porque não pode sempre vir o pano taõ certo, que não sobeje, ou falte, fará mais huma fileira de retaguardia, e enche-las-ha de Arcabuzeiros; e se crescerem, ou mingoarem Arcabuzeiros, fará mais, ou menos huma fileira de retaguardia.

E esta ordem se pode ter em muita, e pouca gente: se for muita levará mais de 5. em fileira, hindo em ordenança singella aquelles, que lhe couberem por sua conta.

Tem esta companhia pouca gente: vay caminhando de 3. em 3. para se fazer o Esquadraõ, o Sargento contará as fileiras dos piques, e fará dellas 3. partes iguaes: a primeira de vanguardia, estará queda, e tomará parte da da retaguardia, e caminhará com ella por huma banda da que está queda; e o Alferes caminhará com a outra parte do meyo pela outra banda até emparelhar, com a que está da maneira dito; e para mais formoso, e forte, o Alferes não deve de caminhar com a parte, que tem do meyo, até que o Sargento não o aparelhe com elle com a que traz da retaguardia, e entaõ ambos juntos haõ de hir investir por huma banda, e por outra com a que está queda; e dos Arcabuzeiros fará o mesmo, que tenho acima dito, tem esta forma.



CAPITULO XXXI.

Da terceira maneira de ordenar mais gente.

Se o Esquadraõ não houver de ser guarnecido de vanguardia, nem de retaguardia, como são os que temse terá esta maneira no fazer della de pois de ter contadas as fileiras dos piques por onde se deve de partir para se fazer Esquadraõ delles, caminharão com as fileiras dos Arcabuzeiros de retaguardia sobre a mão direita ao longo dos piques até chegar ao lugar por onde os hade partir, e emparelhará as fileiras, que trouxer dos Arcabuzeiros com as que estão de piques, então os partirá, e caminhará por diante com todas ellas até vanguardia dos piques, emparelhando fileira com fileira, e logo caminhará sobre a propria mão direita com todo o Esquadraõ com todos os Arcabuzeiros de vanguardia até á derradeira fileira delles, e ficará o Esquadraõ bem formado, e guarnecido pelos costadas sómente; isto se faz, com muyta brevidade: tem esta fórma seguinte.

Outra maneira se ordena mais gente da que está dito; sabendo o Capitão, ou Sargento mór, quantos piques tem, lança conta quantos lhe cabem por fileira, e manda fazer as fileiras logo compridas na conta, em que haõ de hir, como dizer: tenho nesta companhia 121. piques, cabem 11. por fileira. Ou tenho 186. cabe a 14. porque 11. vezes 11. são 121. e 14. vezes 14. são 186; porque sempre se deve fazer conta aos piques, que venhaõ certos, que dos arcabuzes farey o que quizer na guarnição, para os fazer ficar certos, porque como guarnecer tantos de vanguardia, como de retaguardia, e tantos de hum costado, como de outro, de força ha de ficar certo, e quadrado o Esquadraõ, se o estiver nos piques.

E para esta conta o Sargento mór, e os Capitaens devem ter huma ta- boada desta maneira, ainda que isto compete a Sargento mór, mas he razaõ, que todos o saibaõ fazer, e ordenar, por isso o ponho aqui.

E se quereis saber, quantos Arcabuzeiros haveis mister para guarnecer cada Esquadraõ destes, na mesma tavoada o declara, aonde diz a 3. achareis a somma adiante, que ha mister, e aonde diz a 5. a somma, que está adiante, de maneira, que a primeira somma he da copia, que ha mister hum Esquadraõ de piques, e a segunda quantos cabem em fileira; e a terceira quantos arcabuzeiros ha de mister para o guarnecer de 3. e na quarta de 5. guarnecendo os costados, e retaguardia sómente, que he a fórma, em que deve ser formado, tendo cosoletes de maneira, que a copia de piqueiros, que tiverdes, buscareis na primeira somma, e mandareis fazer cada fileira da segunda somma; e se houverdes de guarnecer de 3. em 3. será a terceira; e se houver de ser de 5. em 5. será a quarta; e não vos embarace se não achardes a copia certa dos piques; porque não podem sempre vir certos, mas sempre haveis de tomar a somma mais chegada á copia, que tendes: e se alguma fileira ficar manca, supri-a darcabuzeiros na retaguardia, como adiante digo.

<i>Em 100. Soldados piqueiros, cabem a 10. por fileira.</i>				100	10
<i>Em 121. cabem 11. por fileira.</i>				121	11
144	12	a 3	126	a 5	130
169	13	a 3	135	a 5	245
186	14	a 3	144	a 5	260
225	15	a 3	153	a 5	275
256	16	a 3	162	a 5	290
289	17	a 3	171	a 5	305
324	18	a 3	180	a 5	320
361	19	a 3	189	a 5	325
400	20	a 3	198	a 5	350
431	21	a 3	207	a 5	365
484	22	a 3	216	a 5	380
555	23	a 3	225	a 5	395
576	24	a 3	234	a 5	410
625	25	a 3	243	a 5	425
676	26	a 3	252	a 5	444
739	27	a 3	261	a 5	455
784	28	a 3	270	a 5	470
841	29	a 3	279	a 5	489
900	30	a 3	288	a 5	500
961	31	a 3	297	a 5	515
1240	32	a 3	260	a 5	530
1089	33	a 3	315	a 5	545

1156	34	a 3	324	a 5	560
1225	35	a 3	333	a 5	575
1296	36	a 3	342	a 5	590
1369	37	a 3	351	a 5	605
1444	38	a 3	360	a 5	620
1525	39	a 3	369	a 5	635
1600	40	a 3	378	a 5	650
1681	41	a 3	387	a 5	665
1764	42	a 3	396	a 5	680
1849	43	a 3	405	a 5	695
1936	44	a 3	414	a 5	710
2116	45	a 3	423	a 5	725
2209	46	a 3	432	a 5	740
2304	47	a 3	441	a 5	755
2401	48	a 3	450	a 5	770
2500	49	a 3	459	a 5	785
2601	50	a 3	465	a 5	800
2704	51	a 3	477	a 5	815
2809	52	a 3	486	a 5	830
2916	53	a 3	495	a 5	845
3025	54	a 3	504	a 5	860

Por esta pequena conta multiplicando o numero, que quizerdes, fareis a quantos forem a conta, e sempre ficará quadrado o Esquadraõ, que he a conta, em que deve ser formado para bom; mas não pode vir taõ certo, que não falte, ou sobeje na derradeira fileira, a qual falta se deve supprir darcabuzeiros na fileira, em que faltar por encher de piqueiros, porque sempre se esta conta deve fazer dos piqueiros, porque dos arcabuzeiros faço o que quero, como tenho dito.

Ora para facilitar isto, diz-me o meu Sargento, que tenho tantos piqueiros: vou buscar aquella contia na tavoada; acho que cabe a tantos por fileiras; disso a mando fazer: de força me sahe certo, e assim fica muy facil mandado, e faze-lo, e acerta-lo assim de muitas companhias, como de poucas, porque ajunto todos os piques de todas as companhias em huma somma, e por elles me rejo.

Mas resta saber mandar fazer estas fileiras, que fique cada Capitaõ com seus Soldados juntos, e ainda disto se faz pouco cazo; mas podendo ser, he muito bom ordenar, e para isto se deve ter esta maneira, havendo vagar, que a mim parece facil, digo, que tenho neste campo 7. companhias, ou as que forem, cabe-me em fileira 31. pessoas, digo a cada Capitaõ destes: vós entray em fileira com tantos Soldados, e vós com tantos, como dizer 5. delles, que entrem a 5. cada hum, e os dous, que entrem com 3. cada hum, e desta maneira faço a somma dos 31. que me cabe em fileira.

E por este pequeno numero de Capitaens, se pôde fazer toda a mais contia, para que fique cada Capitaõ com toda a sua gente junta em Esquadraõ; e se nas derradeiras fileiras faltar a alguns Capitaens, que meter nellas da sua gente, tome-os das outras companhias, que tiver mais; isto sempre se entende nos piqueiros, que nos arcabuzeiros devem caminhar todos em huma manga em mentes se faz o Esquadraõ pela ordem do Sargento mór com hum Capitaõ com ella, para o guarnecer de pois de feito, e fazer delles o que lhe mandarem, e desta maneira se faz muyto depressa hum Esquadraõ, e muy to bem formado; porque cada Capitaõ mete os seus em seu lugar, e as couzas, que correm por muytas mãos se fazem mais depressa, que por huma só, e os Capitaens, e Officiaes são obrigados a fazerem os Esquadroens, e sustentarem, e pelejarem com elles, e o Sargento mór a dar ordem, que haõ de ter, e ajudallos a ella.

CAPITULO XXXII.

De ordenarem Esquadraõ de muytas bandeiraz.

O Sargento mór se sabe quantos piqueiros tem cada Capitaõ das companhias, que ha em seu Terço, e quer fazer Esquadraõ, manda a cada Capitaõ, que saya em ordenança singella pela ordem, que lhe dá, como dizer,

tem dez bandeiras, cada huma tem noventa piques, manda a cada Capitaõ que saya, caminhando de 3. em 3. e se ha de ser guarnecido de vanguardia, que leve 5. fileiras de arcabuzeiros, e a bandeira a 15. fileiras de piqueiros, e toda a mais arcabuzaria de retaguardia, e que no campo se emparelhe huns com os outros, emparelhando vanguardia com vanguardia, e fileira com fileira, assim darcabuzeiros, como piqueiros, ficaõ certos assim as bandeiras, tambem ficaõ em fileira, porque todos vaõ de huma maneira, e o Esquadraõ fica quadrado; e dos arcabuzeiros, que sobejaõ de retaguardia, se guarnece o Esquadraõ, e se faz delles mangas, ou o que querem, e fica de 40. Soldados por fileira, e certo; e assim o será de outro qualquer numero; mas este ordenar naõ he taõ certo, como o que aponto a traz; porque posto que saiba quantos piqueiros ha em cada companhia, sempre faltaõ n'huns, e sobejaõ noutros por cazos, que acontece.

CAPITULO XXXIII.

Do que deve de fazer o Sargento mór, e donde ha de estar quando ajunta muitas companhias em hum Esquadraõ.

Primeiramente deve o Sargento mór prantar huma companhia no compasso, em que deve estar, assim do que ha de ter de Soldado a Soldado, como de fileira a fileira: e posta nesta ordem, mandará vir outra de retaguardia, que se venha encostando á que está prantada, da maneira dita, e como chegar á fileira da bandeira fará auto donde o Sargento mór deve de estar; e dali mandará fileira, e fileira a vanguardia, e os Capitaens, e Sargentos as devem endireitar com as fileiras, que já estão prantadas da primeira companhia até ficarem todos em seu lugar, acabando de meter esta companhia, mandar vir outra pela mesma ordem, e todas as mais por ella haõ de estar; e para fazer este Esquadraõ mais depressa depois da primeira companhia prantada, póde entrar nella pela ordem, que tenho dito, duas companhias, huma por huma banda, outra por outra, com estar o Sargento onde tenho dito, e hum Capitaõ da outra banda fazendo o mesmo effeito, e cada vez pódem entrar 2. companhias, e faz-se hum Esquadraõ de muitas bandeiras muito depressa, e bem ordenado. A mesma ordem se deve de ter, quando se ajuntarem muitos Esquadroens em hum só, para ficar bem ordenado.

A arcabuzaria destas companhias deve-se meter em huma manga toda pela conta, que diz o Sargento mór, e com ella andar hum Capitaõ, para depois do Esquadraõ feito, vir guarnecer com ella, e fazer mangas, e se as houver de ter desta maneira ordenado hum Esquadraõ, he empossivel, que naõ fique bem formado, se os Soldados se deixarem estar no lugar onde os puzerem, e forem nelle, e correrão as fileiras da vanguardia, e de hum cos-

tado a outro, que he o que hum Esquadraõ hade ter para estar bem ordenado, e para se poder fazer de todas as partes vanguardia.

Póde algum dizer, que para esta maneira de ordenar Esquadraõ de muitas bandeiras, como a traz digo, he necessario, que haja muitas fileiras de piques em huma companhia, como na outra; porque faltando, ou crescendo, não fica em boa conta, e não póde ser, que deixe de sobejar n'umas, e faltar n'outras, por cazos, que acontecem. Ao que respondo, que assim he, que não pôdem vir as companhias todas certas; mas para as fazer ficar certas, se deve de ter esta maneira: de pois de prantada a primeira companhia, como acima digo, se na segunda, que entra, faltarem fileiras para emparelhar com a que está prantada, suprireis aquella falta da terceira companhia, que vem depois entrar; e depois fareis correr as mais fileiras á vanguardia, emparelhando fileira com fileira, pela ordem a traz, e da quarta companhia fareis o mesmo, e assim pelo consequente a mesma ordem tereis na segunda companhia, se crescer nella; porque tudo he huma conta, crescendo, ou mingando; e se faltar na derradeira companhia, que entra, algumas fileiras suprirão darcabuzeiros, se forem poucos, se não fareis della huma fileira mais de retaguardia, e ficará o Esquadraõ certo, e bem ordenado.

CAPITULO XXXIV.

Do Lugar, que tem cada Official no Esquadraõ.

Os lugares, que tem os Officiaes das companhias, estando em Esquadraõ, nos he necessario saber, para que cada hum esteja nelle, e faça o que deve. O Capitaõ, nem Alferes não tem lugar; porque o seu he visitar o Esquadraõ, para ver as faltas, e remediar, e ordenar o que estiver mal ordenado, e animar os Soldados com palavras, e promeças, até que venha tempo de romper, entaõ he o seu lugar da vanguardia diante de todos, e o mesmo he dos Alferes, que se haõ de meter nas fileiras dos Capitaens, salvante quando lhes o Capitaõ mandar outra couza.

O lugar do Sargento he andar antre as fileiras, e por fora dellas fazendo, que todos estejaõ direitos, e nas escaramuças tirar mangas, e meter mangas de arcabuzeiros, e nisto deve de ser muito esperto, e sollicito, que veja as faltas, e acuda a ellas.

O lugar dos Caporaes he o das pontas das fileiras, que haõ de hir da banda de fora em fileira, os quaes devem dar compasso á fileira, para que se endireitem os Soldados do meyo com elles, e para dalli reprehenderem o que não for direito.

O lugar dos atambores, he hum com as bandeiras, e outro com a vanguardia 5. fileiras a traz, o qual deve de estar atento ao que lhe o Capitaõ

mandar tocar, e não deve tocar outra couza. O lugar do Pífaro o mesmo: o lugar do Embandeirado he na fileira das bandeiras, sem se mudar, nem abater por nenhum cazo: o lugar do Escrivão, e Meyrinho he em fileira com suas armas como Soldado.

CAPITULO XXXV.

Como o Capitão deve exercitar a gente em Esquadraõ.

Posto o Esquadraõ nesta ordem, o Capitão delle deve caminhar de huma para outra parte, e fazer da retaguardia vanguardia, e caminhar com elle por lugares embaraçados, para que ensine aos Soldados a não perder fileira, e mete-los assim em ordem por antre olivaes, para que a não percaõ, e fazer-lhe passar barrancos, e outras partes embaraçadas; e para passar hum regato, ou barranco, deve esperar o Esquadraõ, que passe a primeira fileira, e se meta em ordem da banda d'alem, entaõ passar a segunda, e terceira, e todo o mais, e não deve passar todo juntos; porque se dezordenará de todo: desta maneira se deve de exercitar, que não perca a ordem, que leva, e fazer virar o Esquadraõ em pequena praça, e com fazer caracois de caminhos errados por dentro, e por fóra, e em escaramuças, e com investir hum Esquadraõ com outro, e tornar-se a retirar, sempre em ordem, que nam percaõ os Soldados as fileiras, nem o seu lugar, sempre com o rosto no inimigo, e em arremeter com elle com os piques baixos depreça, e de vagar, sem se embaraçar.

Nas barreiras, que lhe fizer, lhe ensine, que sejaõ destros no atacar o arcabuz, e tirar muytos em pouco tempo, e não ter o arcabuz muito no rosto; porque o homem arcabuzeiro não está em acertar o alvo, se não ser em destro no carregar, e tirar, por que quem tira a muitos, não nos póde errar.

CAPITULO XXXVI.

De como deve passar hum Esquadraõ lugares estreitos.

Se hum Esquadraõ de 3U. homens, ou mais vay caminhando, e acerta de topar huma parte taõ estreita, que não cabe por ella bem ordenado, deve o Esquadraõ fazer alto, antes que chegue a elle, e se deve partir naquellas partes, que for necessario, e puder caber pelo estreito, cada parte destas, como dizer; levo 50. e tantos soldados por fileira; nam me cabem por este caminho mais que 20. fazer 3. partes deste Esquadraõ: com a primeira começaraõ a caminhar alguns Capitaens com ella até chegar ao lugar largo, e logo a traz ella outros Capitaens com a segunda parte, em chegando a primeira envistirá com ella pela banda donde antes vinha; e

apoz a segunda, caminhará a terceira, e fará o mesmo, e tornará a ficar o Esquadraõ da maneira, que d'antes estava.

A mesma ordem se póde ter em lugares mais estreitos, com partir o Esquadraõ nas partes, que forem necessarias pela ordem acima dita; e para se fazer bem, o Sargento mór, ou Sargentos se devem pôr de vanguardia do Esquadraõ, e não cabendo mais que 10. em fileira, deve-se de meter antre os 10. e 11. Soldados, e por alli hir caminhando por entre ellas para a retaguardia, fazendo caminhar traz os Capitaens aquelles 10. que leva partidos, e tornar com a derradeira fileira até vanguardia, e logo fazer caminhar outros 10. com outros Capitaens, e assim hirá desfazendo o Esquadraõ por esta ordem até acabar: e os Capitaens o devem tornar a formar no lugar largo da maneira, que dantes estava pela ordem acima dita, e por ella se póde fazer, e desfazer de poucos, e de muytos.

E se fosse cazo, que coubessem muitos, e sobejassem poucos pelo estreito lugar, em tal cazo não ha necessidade de se desfazer o Esquadraõ, mas mandar caminhar as pontas das fileiras por diante, para que vaõ as fileiras ordenadas em meyo arco, e desta maneira podem caminhar todas até o lugar largo, onde se devem tornar a indireitar.

CAPITULO XXXVII

De como devem caminhar muitos Esquadroens, para se virem ajuntar em hum sò

Se dous, ou tres Esquadroens, ou os que forem, houverem de hir caminhando com determinação de se fazer de todos elles hum só Esquadraõ, logo devem hir formados de maneira, que ajuntando se huns com outros pela ordem acima dita, fiquem certas as fileiras dos piqueiros, e as bandeiras em fileiras todas, para que fique formado o Esquadraõ em sua conta certa, como dizer: vaõ 6U. homens caminhando em 3. Esquadroens, ou os que forem, devem caminhar 2U. em cada Esquadraõ, e levar cada hum de testa, ou frente 26. Soldados, e as bandeiras a tantas fileiras em hum Esquadraõ, como nos outros. s. a 39. fileiras para que ao tempo de se ajuntar todos 3. emparelhando hum pela ilharga do outro fique o Esquadraõ quadrado, e as bandeiras em fileira, e assim deve de ser de qualquer outro numero, lançando conta primeiro, que se ordene, a quantos cabe por fileira, para que depois de juntos os Esquadroens, fique certo, pouco mais, ou menos, e fique quadrado, que a conta, em que deve de ser formado, hávendo sitio para isso; e não no havendo, segundo for assim se deva de ordenar, e por esta conta, que digo em hum Esquadraõ de 6U. homens, cabem por fileira 78. pessoas: o terço de 78. são 26. porque 3. vezes 26. são 78. logo ajuntando-se todos 3. pela maneira acima dita, fica o Esquadraõ certo, e bem formado em sua conta.

E se este Esquadraõ, ou Esquadroens for necessario caminhar guarnecido de arcabuzeiros com proposito de se ajuntarem todos 3. em hum, como acima tenho dito, cumpre, que hum delles não leve guarnição dos costados, se não da retaguardia sómente, ou tambem da vanguardia, se nella houver de ter guarnição, para ao tempo de se ajuntar, se meta antre os dous Esquadroens, que devem de hir guarnecidos de hum costado sómente, e desta maneira fica o Esquadraõ todo guarnecido, e bem formado em sua conta. A mesma ordem se deve ter com toda a mais gente, que for, e sempre será bom ordenar-se, segundo vejo.

CAPITULO XXXVIII.

Como o Capitaõ deve sargentear a sua Companhia.

O bom Capitaõ se deve prezar de trazer a sua gente muyto destra, e bem ordenada, a qual elle deve de sargentear, e ensinar, e não se confiará em seu Sargento, que lhe vay pouco nisso; porque muito melhor tomará o Soldado o que lhe ensinar o seu Capitaõ, que o Sargento, que pela ventura sabe menos, que o Soldado; e posto que saiba muito, muito melhor se aprende qualquer couza de Official grave, e honrado, que daquelle, que o não he; por onde os Sargentos devem de ser taes, que o Soldado aceite delles o que lhe ensinar com gosto, e sem pejo; e se isto fizer o Capitaõ, trará tudo posto em seu lugar, e verá as faltas de sua companhia, para as remedear, e o Soldado terá vergonha de cahir nellas.

CAPITULO XXXIX.

De Como investe hum Esquadraõ com outro.

Costuma-se, e he necessario, que em se querendo dar huma batalha, ou hum salto, ao tempo do remeter, fazer oração a Deos primeiro, que tudo, pondo todos os olhos no Ceo, e os giolhos na terra, e acertas pancadas, que os tambores dam, onde todos se agiolhaõ a ellas, e se tornaõ a alevantar todos à huma a outras, que o Tambor torna a fazer, para que deve estar todo o Soldado advertido, e com muita devoção encomendar a Deos sua alma, e o bom successo da tal empreza, e dirá aquella Oração, de que for mais devoto, invocando o nome de Samtiago, que he o Padroeiro, e Capitaõ das Batalhas, e depois lhe fica tempo para nomear sua patria, e appellido.

Taõ grande he o zello de todos aprenderem, o que devem fazer em hum Esquadraõ, e tamanho pezar de o não quererem saber, que determino de me não ficar nada por ensinar; porque se me não diga, que me ficou por fazer, pois o ensina a quem o não quer aprender, pola ventura, que o tomára melhor quem este livro ler.

Cada hum Esquadraõ arremete a outro, ou quer dar hum salto em ordem, não deve d'arremeter todo junto a quem primeiro chegar, porque se assim fora necessario, pouca necessidade havia de ordem, como se costuma na Índia, onde a não ha, pela guerra ser defenderemse da nossa, e por isso ha ordem nestas partes, por que temos necessidade della, e tambem algumas vezes se uzará te-la, segundo tempo, e sitio, e conjunção; mas havendo necessidade, como pelo mais do tempo ha della, a devemos ter, e pelejar de maneira, que adiante aponto no Capítulo *de como se haõ de haver os Soldados, em ajudar huns aos outros quando pelejaõ*; para isto poder ser, ha-se de guardar esta ordem.

A segunda fileira não se deve mover para arremeter, se não quando a primeira for já afastada della, como 12. ou 13. palmos, pouco mais, ou menos, e entaõ se deve mover com a preça, ou vagar, que a primeira leva. O mesmo deve de fazer a terceira, e todo o mais Esquadraõ, não perdendo nenhuma fileira, em que vay, e haõ de remeter tanto a tento, que se a primeira fileira estiver queda, que a segunda faça o mesmo, e assim as mais, e se começar a retirar, se retirem todas na mesma ordem, como o rosto no inimigo, de maneira, que o que fizer a primeira fileira, fará todo Esquadraõ na mayor ordem, que poder ser, a qual será facil, se os Soldados estiverem atento, o que faz a primeira fileira.

Quando hum Esquadraõ de Soldados enviste com outro pelejando, não se deve de calar mais piques delle, que aquelles, que chegarem ao inimigo, e os outros estarem armados, até lhes ser necessario serviremse delles para pelejar, porque não servem de nada todos calados, mas antes embaração, e não daõ lugar aos que pelejaõ, para maneamem bem os seus piques, e batalharem com elles, como cumpre. E se gente de cavallo comete, entaõ servem todos calados, ou a mor parte delles com os contos debaixo do pê, ou em parte, que estará mais forte, para que tenha a furia dos cavallos a fortaleza dos piques; mas não hade ser tanto atraz de si, que lhe fique o pique curto: e se o Esquadraõ for cometido por todas as partes, entaõ haõ de calar todos para todas as partes, que fique o Esquadraõ hum porco Espim; e se for cometido por huma só, para ali se haõ de calar todos.

O Esquadraõ deve de ser quadrado assim de pouca gente, como de muita; porque este he o que serve em todas as partes, e a todo o tempo; que os mais estam reprovados, por desnecessarios, por Capitaens, que o bem entendem, como he redondo, de cruz, e triangulo, e de pontas, que parece, que mais se pintaraõ por curiosidade, e brinco, que por serem necessarios, de que nestes nossos tempos se faz pouco cazo.

CAPITULO XL.

De como se devem de haver os Soldados pelejando em Esquadraõ, e ajudar huns aos outros.

Dizem alguns Capitaens, que quando algum Esquadraõ batalha com outro, estando aferrados pelejando, que tem obrigaçãõ o Soldado, que vé matar o seu companheiro na fileira, que está adiante de si, de se meter naquelle lugar, que fica vazio, e pelejar valerosamente d'elle. Assim o tenho, que está na fileira a traz de encher aquelle lugar, donde o outro passou para o lugar do outro, e por esta conta todos se devem de hir metendo huns em lugar dos outros até se encher, ou consumir o Esquadraõ.

Outros Capitaens nam querem, que seja assim, mas que como a primeyra fileyra se vir tam fraca, que nam possa rezistir à do inimigo, que se retire a segunda, e que desta maneyra se retirando huma noutra, porque fique esta fileyra mais reforçada com a que tiraram a ella, do que está sempre nûm ser, passando-se cada Soldado ao lugar doutro, como atraz digo; e parece, que tem alguma razam; porque ficam desta maneyra as fileyras mais reforçadas, e muyto d'ventagem dos que estam menos em fileyra; mas a minha opiniam nam he esta, porque nunca retirar foy bom; nem se pode fazer com tanta ordem, como he necessario.

Eu antes mandaria aos meus Soldados, que pelejando a primeyra fileyra valerosamente, que quando a segunda visse, que a primeyra nam podia sofrer a furia do inimigo, que toda junta se metesse nella, e fizesse força, e ali pelejasse, porque he ganhar terra, e nam perdella; e a terceyra fileyra se pas sasse no lugar da segunda, e a quarta no da terceyra; e assim se fosse metendo huma no lugar da outra até vencer; porque desta maneyra haverá sempre na primeyra fileyra força para rezistir, e vencer; e pode-se fazer mais facilmente, que retirar-se a fileira, e mais o cometer cria animo, e o retirar perde-o; e falo perder aos companheyros, e dá animo aos inimigos, por onde fica claro, que he melhor ir por diante, que tornar a traz; mas neste tempo o bom he dar com os terços com muyto animo, e esforço, e quem o tem, nam aguarda talho, nem ordem; mas podendo ser, como pode, será couza santa.

CAPITULO XLI.

De quam necessaria he a ordem de guerra em tudo, e com que se conserva.

Pareceme a mim, que todo ser, e toda authoridade, que se espera de hum Esquadram, que peleja, está em boa ordem, e conserva-la, como de feyto estou no certo, que por isso se chama esta milícia de gente de pé, Orde-

nança, a qual se conserva com duas couzas principaes, que repugnam huma a outra, que he animo, e vagar; porque animo está agudo com cólera, e vagar com fleuma; mas o bom Soldado, quanto mais animozo for, tanto mais deve d'aguardar o medo com mais vagar, para nam retirar, senam a tempo, e ordem, e aguardar a fúria do inimigo, sem fazer pá a traz, porque muytas vezes de acontece, que por se retirar fora de tempo, se rompe uma batalha; para o que he necessário muyta ordem, e vagar nella em tanto; e assim que depois de hum Esquadram entrado, e roto se com dezordem se segue a victoria, e desbaratado, torna a vencer, se em alguma maneyra se ajunta nella; pelo que se nam deve de perder nunca, ganhando, e perdendo; porque eu tenho por impossível poderse romper hum Esquadram bem ordenado, se os piqueyros aguardarem a fúria dos inimigos com animo e vagar, ainda que sejam cavallo d'armas que he a mais forte couza, que há no mundo, para romper hum Esquadram, como se tem visto algumas vezes de Tudescos, que nam fazem pé atraz; e pois que isto he assim, quanto mais fácil será aguardar gente dezarmada, como sam os Mouros, que nem eles, nem seus cavallos trazem armas; e por isso os Tudescos sam os mais valerosos Soldados piqueiros, que ahi há, porque nelles nam há tornar a traz, e com isso esperam todo o pezo da gente, que lhe vem, se a vencem; e nam porque tem mais animo, que as outras Nações, senam porque sabem, que está sua salvação em aguardarem o medo em ordem, e tanto a tem, que se huma, ou muytas peças de Artelharia dá entre eles, e lhes mata muytos, se nam desmancham nem desordenam, mas antes se tornam a cerrar em sua ordem, e nunca perdem, pois seria grande vergonha nossa haver Naçam de gente, que nos fizesse vantagem em nada, pois nós as fazemos em animo as mais; e o peço nam está em outra couza, que em aguardar o medo, quanto mais, que pois eles tem animo para aguardar gente d'armas, o havemos nós de ter dobrado, para nam nos retirar a Mouros desarmados, e gente fraca, mas aguardalos com muito esforço nas pontas dos piques, para o que bastam 4. Ou 5. Fileyras para os ter, que nam rompam o Esquadram: he tanta necessidade de aguardar hum tropel de cavallos, com animo, e esforço, que se fosse cazo haver fraqueza nos piqueyros, bastariam muito poucos para romper hum Esquadram; porque como hum só de cavallo entrasse dentro deles, bastava a facilmente se romper, e perder toda a gente delle, e por esta cauza os mais valerosos Soldados sam piqueyros; porque toda a força de hum Esquadram esta nos piques; no que se deve prover, porque os melhores soldados os tragam, e os obriguem a isso, porque he mais honra, como a traz digo, e mais necessário, como aqui provo.

CAPITULO XLII.

De como he necessario serem guarnecidos os Esquadroens.

A figura, que ham de ter os Esquadroens a traz o mostrey: costuma-se em algumas partes nam serem guarnecidos de vangloria, quando os piqueyros vam armados de cossoletes, e quando he de piques secos, se guarnece, mas eu nam acho inconveniente ser sempre guarnecido de todas as partes por muytas razoens, que darey a quem mo perguntar. A primeyra he, que a carga darcabuzaria, que dá no inimigo, lhe faz quebrar a furia, que traz, e quando chega às mãos, e romper vem ja meyo desbaratado, e os arcabuzeyros nam embaraçam os piques; porque se pode meter por dentro delles, acabando de tirar, e poremse em parte, que os nam embarasse, e fica a piqueria embaraçada, e o inimigo meyo desbaratadoa; porque de força lhe deve de matar muytos os arcabuzeyros antes que chegue o Esquadram, que tiver guarniçam, fica muyto da ventagem, do que a nam trazer, assim para gente de cavallo, como de pé. Alguns dizem, que o Esquadram nam he tam forte guarnecido de vanguardia, senam das alas somente, e nam estam no certo, porque o inimigo nam comete senam pelo mais fraco, e se isto he assim virá cometer pela parte guarnecida, mas eu nam nos fazia assim pela cauza acima dita antes cometeria pela parte desarmada darcabuzes; dirmeham, que a guarniçam dos costados faz o mesmo nojo, digo, que muyto mais o fará huma couza, e outra, e que a guarniçaõ deve-se guardar para depois de hum Esquadram estar afferrado com outro, e para seu tempo, mas a carga de vanguardia se deve dar toda junta no inimigo antes que chegue, e para isto deve ser melhor que a tiro darcabuz, a primeyra fileyra se ponha de jiolhos, e a segunda em pé, e a terceyra por antre huns Soldados, e outros desparem todos juntos a tiro darcabuz, e desta maneyra ficarám taes os inimigos, que facilmente se desbaratem, e os rompam com pouca perda do que estiver guarnecido.

CAPITULO XLIII.

Donde ham de ir os cossoletes, havendo nas Companhias picas secas, e cossoletes para ficarem em seu lugar no Esquadram.

Sempre nas batalhas se poem os melhores armados na dianteyra, para que mais facilmente rebatam o inimigo, e lhe façam quebrar a furia, que traza: muyto mais necessario he nos Esquadroens de gente de pé estarem os armados diante de todos, onde está a força toda, pelo que os armados de cossoletes devem hir de vanguardia, e retaguardia, e das alas de maneyra, que assim como hum Esquadram de piqueyros está guarnecido darcabuzeyros, para mais forte assim devem tambem estar os cossoletes como

guarniçam das piquas secas, que se chamam homens dezarmados; porque o inimigo gaste sua potencia nas primeyras fileyras, e nam possa romper facilmente os dezarmados, e por esta cauza estam os arcabuzes diante dos piques; porque a carga, que dam nos inimigos, os traz meyo desbaratados, e ja quando chegam aos cossoletes trazem tam pouca força, que facilmente os rebatem, e rompem, assim que os cossoletes devem de estar em Esquadram pelas bandas de fora, como tenho dito; e para isto poder ser em melhor ordem, ham de caminhar nas Companhias, que vam em Ordenança singella na vanguardia, e retaguardia, e assim formar o Esquadram pela maneyra a traz dita, e depois de formado se ham de tirar os que forem necessarios de cada parte destas para guarnecer os costados, mandando virar as caras àquellas fileyras, que se houverem de tirar para o costado, que se houver de guarnecer delles, e assim hiram caminhando ao longo delle, ate que emparelhe fileyra com fileyra os que se tirarem de retaguardia, caminharão para vanguardia, e se meterão pela ordem a traz dita de como devem entrar as Companhias em hum Esquadram, e os que se tirarem de vanguardia, caminharão para a retaguardia, e depois de prantados, como devem de hir, virarão as caras para a vanguardia, e ficará tudo em seu lugar, e bem formado o Esquadram, e depois disto feyto, virá o Capitam, que traz a manga darcabuzeyros guarnecer com elles, e dos que lhe ficarem fará o que lhe mandarem.

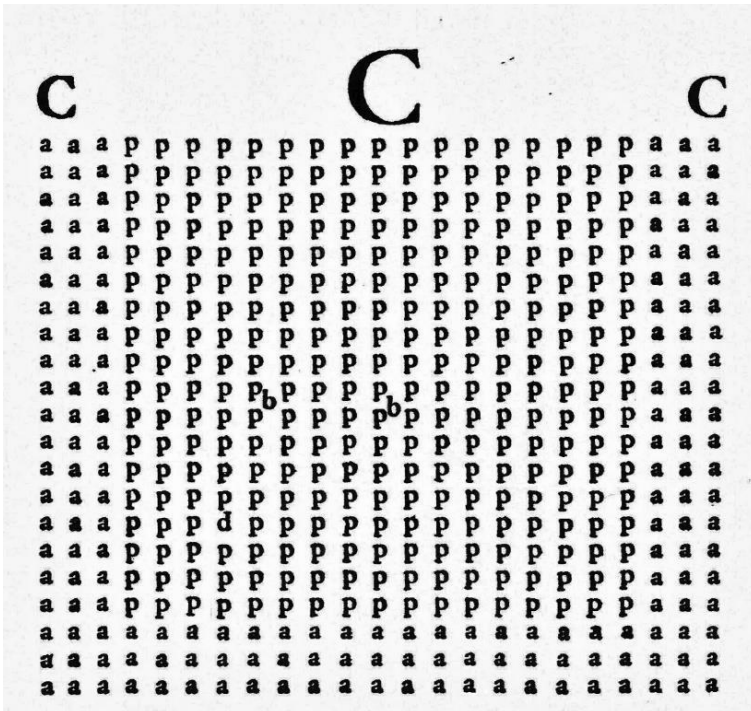
CAPITULO XLIV.

*Da maneyra, que deve ter o Capitam darcabuzeyros
para guarnecer a manga, que traz delles.*

Ao tempo, que vier guarnecer o Esquadram o virá investir de vangloria ao longo do Esquadram de vagar até chegar a fileyra das bandeyras da outra banda, onde o Sargento Mor deve estar, e dali mandará fileyra, e fileyra, à vanguardia, e os Sargentos as devem de emparelhar com as fileyras do Esquadram, que está feyto, e desta maneyra guarnecerá até o lugar donde o começou a investir, e ficará guarnecido por 3. partes, e se a vanguardia houver de ser guarnecida, partirá as fileyras, por donde começou a guarnecer, e caminhará com ellas para outra ponta do Esquadram, e no meyo delle fará alto, e dali mandará fileyra, e fileyra a seu lugar, como tenho dito; e depois de tudo guarnecido lhe mandará viar as caras para o campo, e este he o mais breve, e mais certo guarnecer, e que mais a mim quadra.

Esta maneyra de mandar fileyra, e fileyra, e nam hirem todas juntas, como vem, assim de guarniçam, como quando se forma o Esquadram, e porque se nam embarasse humas fileyras com outras; porque se vam caminhando juntas, nam podem em nenhuma maneyra ficar logo certas as

fileyras, porque nam podem fazer alto cada huma em seu lugar, e de força ha de tornar a traz em busca da fileyra, que lhe cabe, e se huma só a vier buscar de força, todas se ham de retirar, e he hum grande embaraço, e da maneyra, que em cima aponto, vay cada fileyra por diante a buscar a que lhe cabe, e huma a traz outra, e nam se pode errar, nem embaraçar, e faz-se mais de preça, e mais breve hum Esquadram desta maneyra.



CAPITULO XLV.

Como se desfaz hum Esquadram.

Determino de me nam ficar nada por lembrar daquillo, que me parece ser necessario saberse, ainda que muytos dizem, que nam vay nada nisso, e estarem Esquadram; porque, que me custa a mim a fazer tudo bem feito, e por ordem, e que pareça melhor; porque alguns querem dizer, que nam releva nada, que o Soldado, que vay em fileyra da banda de fora, leva sua arma da banda de fora, nem que a leve assim, mas assim, senam corno quizer, nem faz ao cazo desfazer hum Esquadram com ordem, senam que cada hum saya delle, como lhe melhor parecer, e eu sou contra tudo isto pelas razoens, que a traz dou, onde mostro como se ham de levar as ar-

mas; e quanto a se desfazer hum Esquadram sem ordem parece he ainda peyor, que tudo, e por isso a dou aqui; e porque bons costumes nunca sam mãos, os quaes sempre uzey na minha Companhia, e nam me achey mal disso, nem me arrependo.

A traz digo, como se deve fazer hum Esquadram de muytas bandeyras, e a maneyra, que cada Capitam ha de ter, para que fique com a sua gente toda junta nelle, e esteja com sua vanguardia na fileyra dos Capitaens; para se desfazer este Esquadram em ordem, deve de começar a caminhar o Capitam, que estiver no Cabo da mam direyta, e o da esquerda juntamente com elle, cada hum sobre a mam, onde estiver, e como chegar a retaguardia de cada huma destas Companhias ao Capitam, que está logo chegado a elle, começará logo a caminhar com a sua sobre a mam, que a outra Companhia leva, e desta maneyra faram todos os mais Capitaens, que estiverem em hum Esquadram, e sempre estará em ordem, e se desfará nella, e parece muito bem, e formozo, mais que cada hum sahir por onde quer, encontrando-se humas Companhias com outras, sem ordem, e com alvo-roço, quem primeyro sahirá.

Huma Companhia feyta em Esquadram se desfaz em ordem por esta maneyra seguinte: se o Capitam quer sahir em ordem de 3. ou 5. começará o Sargento della partir as fileyras de vanguardia, que caminhem traz o Capitam, e o Capitam deve caminhar ao longo do Esquadram, para que os arcabuzeyros daquela ilharga meta de vanguardia; e o Sargento partirá os piques na ordem, que levam os arcabuzes até à bandeyra, e como chegarem à vanguardia, meterá os outros pela mesma ordem, que leva, até que chegue a bandeyra, que caminhará traz elles, e o mesmo fará da bandeyra para traz, desfazendo, como hum rolo de candeas, e os arcabuzeyros, que ficam quedos de retaguardia, e da outra ilharga, fará caminhar traz os piques da mesma maneyra.

CAPITULO XLVI.

De como nam he forçado, que o Esquadram nam tenha mais armas em si, que piques, e arcabuzes.

Posto que estes Esquadroens, que aqui van pintados nam levem mais diversidades de armas, que piques, e arcabuzes, nam he regra forçada, que todos sejam somente formados delles; mas isto fica a discricção, e ardil do Capitam, segundo lhe parecer, que estará mais forte, e será necessário, metendo nelle a rodela dos besteyros nas partes, que lhe melhor parecer, segundo a gente, que tem por inimigo, sitio, conjunção, ou quer fazer algum assalto, ou empreza, para o qual se deve prover, segundo lhe parecer, e mais lhe convem; isto he ser Capitam, entender, e conhecer aquillo, que se

melhor pode proveyter do inimigo, e usar delle, e de tudo o mais que vir, que lhe he proveytozo; mas a forma do Esquadram sempre deve de ser esta, posto que leve outras armas nelle; porque com elle se pode caminhar para todas as partes, e o mesmo retirar para todas ellas, e se pode partir em quantas partes quizer, e assim abrir, e tornarse a cerrar sempre em ordem, o que nam tem o Esquadram redondo, nem o de cruz, nem o entriagulado, nem doutras maneyras, que os pintam, e também o Esquadram quadrado facilmente se pode ajuntar com outros, e se pode tornar a formar, sem se desmanchar; assim que tem grandes bens, e proveyos ser quadrado para tudo o quisedes fazer delle está aparelhado, o que nam podeis fazer d'outros, porque se nam podem mover sem se desmancharem, e sem grande perda sua, nem podem acudir em ordem a nenhuma parte, nem se podem retirar nella, que he a couza que mais vezes acontece, e he necessário; assim que quanto ao Esquadram deve ser quadrado, e as armas, que o Ca pitam vir, que lhe sam necessárias, e lhe convem.

E quanto a mim, sou nessa parte de parecer, que os piqueyros trouxessem todos rodela às costas, com seus tiracolos para lhe servirem depois de quebrado o pique, ou para quando se achar tam chegado, e junto do inimigo, que nam se pode servir delle, se aproveyte da rodela, e espada, que he hum arma muyto proveytoza, e muyto leve, e despejada, com a qual se pode hum homem cobrir, e arrojor por dentro de hum Esquadram por debayxo dos piques, o qual fica muyto da vantagem doutros com ella, e bastam poucos para o romper, e desbaratar, podendo entrar nelle, e também servem para outras couzas muytas, como he para entrada de hum Cidade, ou Fortaleza, onde os mais largam os piques, ou os cortam, e hum rodela nam embaraça nada; mas antes he arma ofensiva, e defensiva, e isto se uza muyto nas partes da India, onde ha muytas batalhas, e sempre se entram os inimigos, onde todo o homem, que traz pique, traz rodela, e pelejam com ella abraçada no braço esquerdo, e também muytos arcabuzeiros a trazem, e acham-se bel della para hum couza, e para outra. Também podem servir bestas, que he arma, que faz passada de perto, e muyto prestes, para depois de ferrado hum Esquadram com outro, fazer muyto nojo, e damno no inimigo. Tambem se costuma alabardas, que sam muyto proveytozas, e de muyto proveyto, e tudo assim que o Capitam se deve servir daquilo, que mais lhe arma, e for necessária.

CAPITULO XLVII.

De como se fazem os Caracões.

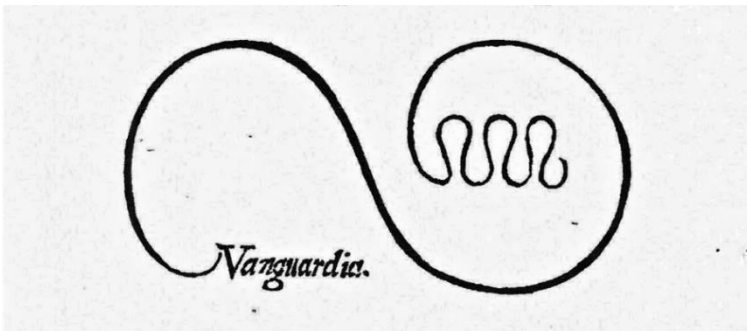
Puzme em obrigaçam de mostrar como se fazem os caracoos: Pois digo, que he hum dos exercícios, que ham de ter os Soldados para serem

destros, os quaes nam servem para outra couza, e para regozijo, e fazem-se de 3. Maneyras, que aqui aponto para quem os quizer aprender se o nam sabem fazer perluxo; porque sou mais miúdo do necessário; mas antes o quero parecer, que ser descuydado, e ficar alguma couza por entenderem aquelles, que nam tiverem tam claro juízo, como cuyda, que o tem hum murmurador.

CAPITULO XLVIII.

De como se faz o caracol de caminho.

Quanta mais gente leva huma Companhia, tanto mais formozo he o caracol, que se faz della, e muyto mais se leva muytos piques, e para melhor caminhar de 3. em 3. a fileyra com toda arcabuzaria de vanguardia, e a bandeyra antre os piques, e os arcabuzes indo desta maneyra. Para o Capitam fazer hum caracol de caminho, tornará com a vanguardia ao longo da ordem bem chegado a ella, sempre caminhando, e como chegar a hum quarto da ordem, pouco mais, ou menos, tornará a virar sobre a outra mam, pegado sempre com ella até chegar ao cotovelo, que a ordem traz, e logo tornaram a virar da mesma maneyra, até emparelhar com o outro cotovelo, e tornarám outra vez ao longo da ordem até o segundo cotovelo, e tornará da mesma maneyra até retaguardia, entam deve de cercar com a vanguardia toda esta gente, que vay caminhando huns contra outros, ate onde começou a cercalla, e logo virará sobre a outra mam em redondo, e largo, que fique hum S depois de desfeyto. Chama-se de caminho; porque vay sempre caminhando quasi em Esquadram, e sempre devem levar os piques calados, e a bandeyra nam se deve mudar donde vay. Por esta figura se entende melhor.



CAPITULO XLIX.

Como se faz o caracol cerrado por dentro.

Hum caracol cerrado por dentro se faz desta maneyra: vay caminhando pela ordem a traz dita de 3. em 3. em fileyra, faz volta em redondo, e vay demandar com vanguardia, a retaguardia entra por dentro della, com seu passo de tambor, até que seja cerrado, que nam fique mais dentro, que huma pequena praça: se for sobre a mam esquerda, virará sobre a direyta, e se for sobre a direyta, virará sobre a esquerda, sempre andando passo de tambor, e sahir-seha por antre os vãos, que vam antre ordem, e ordem huma fileyra a traz outra de vagar; como se achar fora, caminhará mais de preça hum pouco, e cercará com a vanguardia toda a gente, até onde sahia, e dalli virará sobre a outra mam em redondo, e largo, até se desfazer o caracol, e ficará hum S muyto bem feyto, mas neste caracol, e no cerrado por fora o Alferes ao tempo, que o Capitam quizer desfazer ha-se de furta com a bandeyra ao meyo delle, e os Soldados ham de hir seu caminho, e deve de estar quedo com ella, até que chegue a elle o lugar, donde a bandey- ra hia, e tornar-seha a meter nelle, e caminhar: este caracol se faz callado, e arvorado: o callado nam se deve cerrar muyto; o arvorado deve de começar a arvorar as primeyras fileyras de vanguardia, e humas traz outras, e nam todas juntas, nam ham de correr, nem estar quedos, nem gritar, senam tudo em seu compasso, porque o mais he de bizinhos. Tem esta forma, por onde se entenderá melhor.

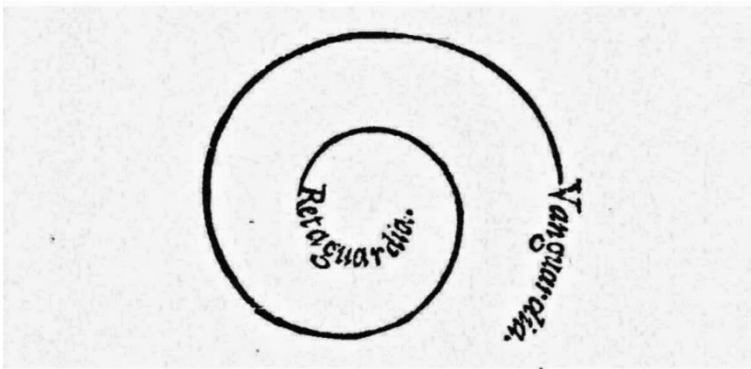


CAPITULO L.

De como se faz hum caracol cerrado por fora.

Se o Capitam for caminhando em ordenança de 3. em 3. ou de 5. em 5. fará volta larga em redondo, irá demandar com a vanguardia, a retaguardia, e chegando a ella, tornará pela banda de fora que lhe fique a retaguar-

dia dentro, e desta maneyra hira caminhando sempre bem junto à ordem, carregando nella para dentro, e o Sargento andarà por fora, e fará o mesmo nas partes, que vir ser necessario, carregará a gente para dentro para que se o caracol vá cerrando; porque se o Capitam nam carregar com a vanguardia sobre a outra gente, em que se encosta, e o Sargento fizer outro tanto donde vir ser necessario, nunca se cerrará o caracol, pelo que devem sempre de carregar ambos sobre a gente para dentro, até que nam fique mais dentro, que huma pequena praça: isto será pouco a pouco: o Capitam se ha de hir meter nella de preça, e dizer aos Soldados, que virem as arquas, e viradas de retaguardia, que he a que fica no meyo, fará vanguardia, e começará logo a desfazer o caracol, sahindo por antre os vãos dantre ordem, e ordem até sahir fora d'elle, e com a vanguardia, que traz, cercará toda a gente pela maneyra dos outros caracoes a traz, e desta maneyra fica o caracol cerrado huma vez d'arcabuzeyros, e outra de piqueyros, porque os arcabuzes ham de hir todos de vanguardia, como tenho dito a traz; e desta maneyra entram com a vanguardia de arcabuzes, e sahe com ella de piques, depois de desfeyto o caracol, o qual he mais embaraçado, e formozo, que todos, para que os Soldados devem d'estar primeyro prevênidos, que como o Capitam disser, que virem as caras, o façam de preça, e que nam percam as fileyras depois, que ham de hir, que ha de ser a que vay a traz d'elle, que ao sahir do caracol ha de ir diante tambem, nestes se deve furtar a bandeyra, como tenho dito. Este caracol nam se faz calado, senam arvorado pela ordem de cerrado por dentro. Tem esta forma.



Termeham por attrevido, pois me attrevi a escrever o que muytos Capitaens de muyta experiencia deyxáram de fazer; e pareceme, que a cauza disso foy; porque estes taes, que escreveram, nam tratáram senam de couzas utiles, e de proveyto para a guerra, como mais utiles para ella, do que eu sou, aos quaes deyxto toda a honra, que por isso se lhe deve, que

eu, como nam pode chegar lá minha baza, fiquey tanto a traz, que nam posso tratar senam de caracoos, e Galés, que nam servem de mais, que de regozijo, e passatempo: e porque tambem huma iguaria sempre enfastia, fiz isto para pôr appetite à melancolia, que em nós sempre reynaa; para o Capitam, que se quizer dezenfadar com seus Soldados, ter muyto, de que lançar mam, se se enfastiar de huma couza, tomar outra, sem embargo, que tambem serve para exercícios de Soldados aprenderem a nam perder fileyra, e desta maneyra, que aponto, de como se faz huma Galé de huma Companhia, e caminham com ella, e podem batalhar afferradas, e torna-se a retirar, ou passar huma por outra sempre em ordem, com os piques bayxos.

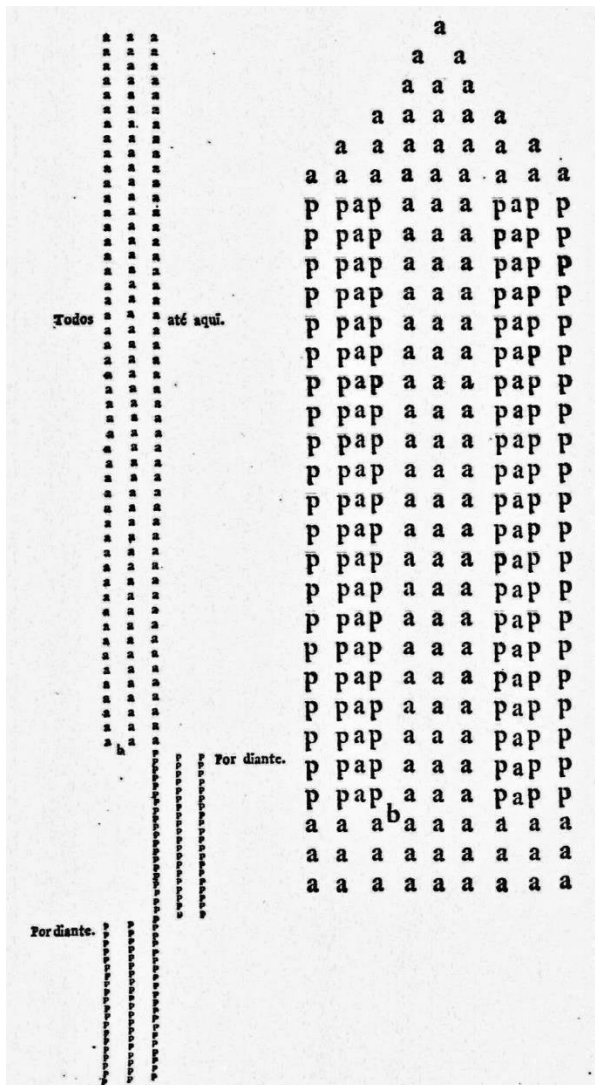
CAPITULO LI.

Como se faz huma Galé de huma Companhia.

Vay caminhando huma Companhia de 3. em 3. em ordenança pela maneyra a traz ditaa: se quereis fazer huma Galé della, contareis as fileyras dos piques, e partilosheis em duas partes iguaes, e caminhareis com huma dellas por huma ilharga dos arcabuzeyros de vanguardia, e o vosso Sargento, com outra parte pela outra banda, e assim ambos hireis contando as fileyras dos arcabuzeyros até chegar a outras tantas como trazeis de piqueyros, e alli fareis alto, emparelhando fileyra com fileyra, e desta maneyra ficarám a 9. por fileyra, 3. arcabuzeyros pelo meyo, e seis piques pelas ilhargas delles, e a bandeyra ficará de retaguardia, porque veyo caminhando antre os piques, e os arcabuzes, que esse he o seu lugar naquelle; feyto isto, fareis 3. ou 4. fileyras de retaguardia de traz da bandeyra, e da vanguardia 5. na primeyra 9. na segunda 7. na terceyra 5. na quarta 3. na quinta 2. e diante delles huma: em cada fileyra destes haveis de furta hum de cada banda, e fica parecendo esporam, e a retaguardia popa de Galé; e se vos sobejarem arcabuzeyros metereis hum, e hum antre fileyra, e fileyra de piques pelas ilhargas, entam fica a Galé formada, os do meyo por coxia; os piqueyros por remeyros, os que vam antre elles por Soldados de balhesteyra, de maneyra, que para dar huma salva, tocando arma os piques calem para banda de fora, e a coxia dispare toda junta depois os das balhesteyras.

Feytas assim 2. Galés, ou muytas, investirám humas com outras com os piques bayxos, huma ao longo da outra, e chegando huma com a proa à proa da outra, estejam quedas, e os da coxia disparem os arcabuzes todos juntos, e os das balhastreyras, ora huns, ora outros, até acabarem todos de tirar, assim de huma Galé como da outra; e depois disto levarem das espadas os arcabuzeyros sómente, e batalharem huns com outros com ellas, e depois de passar hum pedaço nisto passe huma Galé pela outra assim em

ordem com os piques bayxos, ou se retirem nella, he huma couza muyto para folgar de ver; he muito bom exercicio para Soldados. E tambem se fazem d'outra maneyra, estando hum Esquadram feyto de 9. piques em fileyra, e perlongando, calay 3. piques para huma ilharga, e 3. para outra, e 3. do meyo para diante, ou arvorados com mais invençam de popa, ou proa; mas nam he tam formoza, nem tam apropriada. Tem a forma seguinte, por onde se entenderá melhor.



CAPITULO LII.

De quam necessario he aos Capitaens serem confiados.

A couza, que a mim parece mais necessario aos Capitaens, he serem confiados de sua pessoa, e esforço, porque desconfiança fez dar muytas cabeçadas, e cometer couzas temerarias sem tempo, e sem concideraçam, sómente pelo que lhe dizem os seus Soldados, ou pelo que ouve, ou lhe dam a entender, os quaes Soldados como nam tem, que perder, querem ganhar honra de esforçados, à custa alhea, e quanto mais perigoza vem a couza, entam a fazem mais facil, e fallam mais largo; porque entendem, que se nam deve cometer, e se acertar, acertem; tem pouco que perder, e hum Capitam tudo pende sobre elle, assim sua honra, como a de seu Rey, e a sua vida, e de muytos; para o que deve ser tam confiado, que posto que ouça muyto, faça, que nam entende, e dissimule, nam se ponha a dar razoens, e desculpas aos seus Soldados; por que por ahi entra a desconfiança, e se vem a cometer grandes males, como tenho visto algumas vezes, cruzados do que a cima digo, e tem-se por experiencia, que os mais dos Capitaens, que se perdem, he por desconfiança do que ouvem, e nam do que fazem; porque nunca Soldados lhe parece, que tem Capitam valerozo, como he necessario; assim que lhe cumpre muyto ser confiado, assim no que manda, como no que comete, e isto se entende nos que tem dado de si experiencia, sendo Capitam, ou antes que o fosse, mas sempre tem lugar a confiança; porque nam faltará occaziam, onde se mostre cada hum quem he.

CAPITULO LIII.

Em como se nam deve de cometer nada com Soldados descontentes, e mal pagos.

Para mim tenho, e assim o tem muytos Capitaens excellentes, que se nam deve cometer nada com gente descontente, e mal paga, a que se nam sente animo de pelejar; e quando se isto conhece nos Soldados, se devia de escuzar a tal empreza até lhe sentirem vontade para qualquer feyto honrozo, a qual se cria com lhe pagar, e com boas palavras, e promessas; porque nunca gente forçada fez couza bem feyta, ainda que seja defender sua vida, e fazenda. As couzas nam se devem de cometer, senam a tempo occasionado, como he, quando os Soldados estam pagos, e contentes, e quando esperam gram premio de seu trabalho, como he na entrada de huma Cidade, ou Villa, donde cuydam haver grande proveyto, entam se lhe pode cometer; porque o interesse lhe dá animo dobrado, e lhe faz tudo parecer facil d'acabar, e assim facilmente cometem o que lhe mandam, ainda que seja sobir por pontas de piques, e por bocas de bombardas; porque cada hum faz conta, que lhe nam ha de cahir a sorte em o mata-

rem, senam em haver grande preza dentro; e com este interesse cometem ouzadamente; e tenho por certo, que nenhuma cauza leva a boya ao fundo, senam interesse; por isso nenhum Capitam deve cometer nada, senam donde o houver d'honra, ou de fazenda, mas o da honra he para poucas pessoas, segundo as necessidades sam grandes, os mais se debatem, e lançam ao dinheyro, pelo que sem elle se nam deve cometer nada, nem se deve cometer senam forçado, principalmente na guerra, que quem começa sem ella, faça conta nam acabar o que emprehende; porque está averiguado por Capitaens, que tem experiencia assaz, que sem muyto dinheyro, senam pode fazer guerra, nem outra couza de sustancia, e para ella he mais necessario, que para outra nenhuma couza, porque he a que mais a consume, e o que se mais asinha vence o inimigo.

CAPITULO LIV.

Da providencia, que deve ter hum Capitam.

O bom Capitam deve avizar aos Soldados, que tragam ao menos na bolsa sempre 30. pelouros: tenha muytos feytos em caza, e como for no Campo, lhe deve ver a bolsa, se os traz, e se traz o frasco cheyo de polvora, e assim o polvarim se he bom, e o murram, e aquelle, que nam achar bem provido, provelo pela primeyra, e pela segunda, castigallo; porque se nam deve confiar de seu Soldado, que andarás como deve, porque ha poucos, que tem conta com isso. Estas couzas todas pendem sobre o Capitam, em que o Capitam Mor, ou Geral descança, em que está a authoridade de hum sucesso, e assim deve de ver se traz as couzas a traz no Capitulo de bom arcabuzeyro. Tambem deve de olhar as armas, que cada hum traz, se andam bem apontadas, e os piques se sam de marca, ou nam, e se tem agrossura necessaria: tanto he honra trazer pique comprido, e grosso, que se dous Soldados, ou mais, se metem na fileyra de vanguardia para della pelejar, e se deve tirar algum, que sobeja, se medem os piques, e o que traz mais curto, ainda que seja hum dedo, o manda o Sargento Mor tirar da fileyra, e ficam os outros, que he hum grande afronta para hum Soldado, por onde trabalham todos de os trazerem muyto compridos, e grossos, e nisto, e em tudo o mais deve entender o Capitam, pois lhe vay sua honra.

CAPITULO LV.

De como se deve formar Hum Esquadram de poucos contra muytos

He regra muy trilhada, e costumada antre bons Capitaens, que se hum Esquadram de Soldados vem cometer outro, e traz mais gente, que o que está esperando, por se nam poder retirar, ou por confiado na sua gente ser

valeroza, que em tal cazo deve fazer do seu Esquadram pequeno tam grande fronte, como traz o inimigo, porque nam fique o inferior nas primeyras fileyras; por que nellas está a victoria de huma batalha, e nam se reforçando, assim que vem o inimigo, seria cauza de se romper facilmente, para o que deve ser todo o Capitam tam esperto, que antes que o inimigo chegue, se forme de maneyra, que nam fique com menos força da que traz o que vem cometer, e para isto se fazer com mais brevidade, se deve meter huma fileyra n'outra, assim como está o Esquadram, ou se partirá o Esquadram pelo meyo, e se emparelhará a parte, que vay de retaguardia, com a que está de vanguardia fileyra com fileyra, e as bandeyras se ham de meter no meyo do Esquadram, que ficará mais largo, que comprido, e se lhe nam for necessario tam grande fronte, pode tirar a terceyra parte do Esquadram da retaguardia, e com ella perlongar por huma ilharga do Esquadram, mandando a este terço, que virem as caras para aquella ilharga, onde deve entrar, e assim hir caminhando com ellas somente ao longo do Esquadram até vanguardia delle, emparelhando fileyra com fileyra, mas a arcabuzaria daquella ilharga se deve afastar para fóra, para que fique de guarniçam do terço, que entra antre elles, e os piques, que tudo isto se faz em muyto breve tempo, e he muyto facil de fazer, se os Soldados forem praticos; e dizem, que tem dous bens esta maneyra de representar batalha: huma, que o inimigo quando vê tam grande fronte de gente, parcelhe, que he muyta mais do que tinha por nova, e fica com a esperança, que trazia de vencer perdida, e os seus Soldados com menos animo; porque vem o que nam esperavam, nem lhe diziam. A outra, que lhe fica parecendo, que lhe veyo gente nova de socorro, e nam comete tam ousadamente, ou se retira com quebra sua, assim, que para huma couza, e outra, he bom ordenar.

CAPITULO LVI.

Do que deve fazer hum Esquadram acolhendo-se gente de cavallo a elle.

Se fosse cazo, que houvesse Cavallaria da nossa parte, e a do inimigo a tratasse mal, e se quizesse encostar ao Esquadram, e acolherse nelle, sou de parecer, que se lhe calem os piques, como aos inimigos, porque muytas vezes se rompe os Esquadroens, por querer favorecer a sua Cavallaria, e deyxalla meter dentro, e assim se perde huma couza, e outra, como se ha visto algumas vezes, e eu vi huma, e nam as reconhecendo, fazem da necessidade virtude, e pelejam valerozamente, e antes quero romper o inimigo, que o amigo.

CAPITULO LVII.

De quam necessario he conselho.

O bom Capitam sempre deve cometer qualquer empresa com conselho maduro de pessoas experimentadas, e confiadas, e deve ser de poucos, porque os muytos desvariam muyto, contradizendo huns aos outros, e nam assentam nada, porque este he hum humor dos homens nam aprovarem as razoens dos outros, e cada hum quer fazer a sua boa: hum conselho geral a todos se deve d'ouvir, mas tomarem em secreto assento com poucos.

Cometer gente dezesperada da vida, e d'algun remedio para se salvar, he gram perigo, porque poem a salvaçam nas armas, e pelejam valerozamente; pelo que o bom Capitam sempre deve deyxar a porta aberta ao inimigo, por onde tenha esperanza de se acolher, porque antre muytos, pela mayor parte os mais sam fracos, e estes como vem a briga travada, buscam remedio, e se acolhem, o que he cauza de se desbaratarem facilmente, por que dá animo aos que cometem, e falo perder aos que se defendem, vendo, que os seus fogem pelo que dizem, que ao inimigo fazerlhe a ponte de prata.

CAPITULO LVIII.

De quam necessario he serem os Soldados favorecidos de seus Capitaens.

Huns dos mores sinaes dos Capitaens serem os que devem, he ver como tratam os seus Soldados, e o que fazem por elles, e como os animam, e favorecem nos trabalhos, e ajuda em tudo aplacallos, para que tomem exemplo delles devem ser os primeyros, que se offereçam a elles, e lancem mam de qualquer couza de serviço, e no risco da pessoa seja o que se cometa, e se offereça a qualquer feyto honrozo, e perigozo, porque a faça facil aos Soldados, vendo, que o seu Capitam o nam teme, e com palavras lhe deve fazer crer o pouco perigo, e a muyta honra, interesse, que se disso pode tirar: tambem deve favorecer, gabar muyto a todo, a que vir fazer qualquer couza, ainda que pequena, fazerlhe conhecer, que he muyto môr, do que cuydam, que com isso lhe cria animo, opiniam para cometer couzas grandes, que acaballas, e assim como gabar huma virtude n'hum he invejada, e exercitada de muytos, assim he ao contrario nam se fazer cazo della, por onde nam deve de ficar sem este premio, que tam dezejado, e cobiçado he dos homens quererem ser gabados, e louvados, e com muyta razam, porque nam ha couza de môr gosto, que saber huma pessoa, que o tem em boa conta, principalmente he isto natural aos Portuguezes, senam opiniam, e honra, pelo que deve o bom Capitam seguir aquella

antiga regra do gram Capitam Gonçalo Fernandes, que nam se achou em sua boca chamar a ninguem cobardo, mas antes desculpava ao que via fazer fraqueza, e se a sabia d'outrem, se enformava de algum seu amigo, e lhe dizia: quereis saber quam má gente trago nesta Companhia, que me disseram, que vosso amigo Foam fizera tal fraqueza, como ue eu nam sey quam valente homem elle he; mas que havemos de fazer a más linguas, pois sabey, que se a mim cumprir alguma couza, que haja de encomendar algum Soldado esforçado, ha de ser a elle, para que se conheça para quanto elle he, e sayba a conta, em que o eu tenho: o amigo do outro contavalhe o que passara com o Capitam, e isto era couza de Soldado fazer maravilhas de sua pessoa, vendo, que o seu Capitam o tinha em boa conta, pelo que se deve guardar o Capitam discreto chamar ao seu Soldado cobardo, nem Judeo, ainda que lhe veja fazer huma fraqueza, mas antes o deve desculpar, e dar a entender, que a culpa nam foy sua; porque nam perca a vergonha de todo, que he hum grande mal, que tambem, razam para isso segundo temos visto, se vê muytas vezes, que nam podem os homens na guerra fazer sempre o que devem, porque succede bem, ora mal, e para isso dizem em França, quando hum Soldado seu sinala oje andou bem Foam, e nós nam julgamos, senam pelo que acerta de fazer cada hum ou de mal, ou de bem, e naquella conta se tem sempre; verdade he, que pelas obras se conhecem as pessoas, mas isto se entende, sendo todas, ou a môr parte dellas más, ou boas; mas se hoje andey mal, à manhã o farey bem, porque nam está a couza sempre n'hum ser; porque vemos homens de muyto esforço, e tudo lhe succede mal, e isto lhe faz perder o preço de sua pessoa: outros vemos de pouca experiencia, e menos animo, que tudo lhe succede bem, e acabam com assaz honra, e às vezes acomete outrem o que elle acaba sempre da sua parte nada, e fica com honra, sem a merecer, pelo que he certo o dito Francez, e tambem visto, e experimentado, que hoje vemos hum andar muyto esforçado, e outro dia nam anda tal: donde infiro, que com razam se nam pode chamar a ninguem cobardo, e por isso se diz, que o gram Capitam teve os melhores Soldados, que no seu tempo, e neste houve, tudo pelo tratamento, que lhe fazia assim de paga, como de favores, os quaes fazem aos Soldados animo; e para mim tenho, que duas couzas fazem os homens esforçados, muyto uzo da guerra, e muyto favor nella, e ainda me parece, que o favor precede nesta parte ao uzo; porque pessoa desfavorecida nam tem animo para nada; pelo que o bom Capitam deve de favorecer muyto a qualquer Soldado, e ao melhor mais favorecido, e assim todos terem sua parte; e por isso ha Soldados de muyto preço em Italia, porque ha muyto favor de ventagens naquelles, que se assignalam antre outros, e cada hum por alcançar aquella honra, e interesse trabalha pela alcançara; e com isto se faz a guerra, e se acham homens para ella, o que se devia d'uzar em

Africa, onde há muytos bons Soldados, e deyxam de ser melhores, por nam haver vantagens, e faltar favores, que animo, esforço, e habilidade lhe sobeja.

CAPITULO LIX.

De como se deyta hum bando pelo Tambor da Companhia.

O Tambor deve de hir tocando pelas ruas, e nas partes mais principaes dirá em alta voz com môr ímpeto, que puser, as palavras seguintes: *A' Senhores Soldados da Companhia do Senhor Capitam Foam, se façam prestes com, as suas armas para acompanhar a bandeyra, e rezenha, ou para paga, ou para o que o Capitam mandar, há de declarar sempre o Tambor o que o Capitam quer; e quando deytar bando para algumas Esquadras sahirem, e fazerem alguma couza, dirá o seguinte: A Soldados da companhia do Senhor Capitam Foam, e da Esquadra de Foam, e Foam, se façam prestes com suas armas, e se recolham a tal parte, para tal couza, como à porta do Sargento, para fazer guardia, e vigias, e outra parte qualquer, que for.*

CAPITULO LX.

Do remate deste Livro, em que pede o avizem de algumas faltas.

Bem sey, que nam faltarão Grozadores a esta obra; porque lhe falta o estylo de Orador, a rethorica necessária; mas como minha tençam nam há mostrar o que nam sou, senam o que entendo, me devem levar em conta todos os erros, que me acharem, e me avizar das faltas, que nella houver, porque eu me sobmeto a toda a correçam de melhor parecer, e nisso mostrará cada hum o zelo, que tem em me avizar do que nam estiver em seu lugar, e me fica por entender, que será para mim mais agradável merce, que outra nenhuma, que me possa fazer, porque nam trato senam, do que for mais proveytozo a todos, ainda que seja por roim estylo o mesmo zelo deve ter, quem me souber emendar para me avizar do que me falta por dizer, e entender, do que acima digo.

CAPITULO LXI.

Como se deve pôr hum homem à gineta a cavallo.

Muytas couzas se deyxam de saber, e aprender, por nam estarem escriptas, nem haver Mester dellas, como he saber cavalgar à gineta, e saber as particularidades, que se requerem para ser hum homem bom ginete, e bom cavalgador, o que poucos sabem fazer, huns por se correrem de o

perguntarem a quem o sabe, e outros por lhe parecer, que sabem tudo, e desta maneyra ficam nam sabendo huns, nem outros, e está huma Arte, como esta, perdida, e por se nam perder tam boa manha, determiney de mandar imprimir este Roteyro, ou Regra, que deyxou escripta hum muyto bom Cavalleyro, e Ginetairo, o qual da larga experiencia devia ter conhecimento do que assim deyxou escripto, quanto mais, que o aprenderia doutro, que melhor soubesse, que elle, o qual se chama Duarte da Costa, muy conhecido nesta terra, por este, e por sua Cavallaria, e virtude, de quem sem pejo nenhum se pode tomar a tal doutrina ao menos, e muy necessario a muytos, se quizerem ter conhecimento disso, no que toca à cerca desta materia, e por aqui julgará o zelo, que tenho de o servir aquelle, que se quizer aproveitar desta; e posto que elle diz, que isto nam se pode ensinar sem Mestre, tantas vezes o pode hum homem fazer sem o ter, que o acerte em tudo, e fique Mestre para ensinar a outros, quanto mais, que ainda que lhe nam fique tudo o que ensina, alguma couza lhe ficará do uzo delle, que este he o meu principal intento.

*Partes, que deve ter o que se pôde chamar bom Ginete,
e sem ellas nam lhe cabe este nome, nem o tem.*

Primeyramente ao sobir na sella, deve tomar primeyro a redea na mam esquerda, e ha-se de pôr de rosto com o estribo, e antes que lance a mam o arçam dianteyro, ha de meter o pé no estribo, e em pondo o pé nelle puxar com o que tem do cham, e lançar a ruam ao arçam dianteyro, e assim o mais leve, que puder, e dá melhor graça tomar a sella.

CAPITULO LXII.

De como se ha de assentar na sella.

O assento da sella deve ser bem a traz, sempre pegado ao arçam trazeyro, assentado sobre as partes dianteyras, e o corpo direyto, e as coxas apertadas, as pernas cingidas, e os pés soltos nos estribos, e quebrados: o peyto do pé no meyo do estribo, e a ponta do pé à parte de fóra, e o calcanhar à parte de dentro, e derribado.

CAPITULO LXIII.

Como deve tomar a redea.

Quando tomar a redea estará bem apertado na sella sobre as coxas, encostado ao arçam trazeyro, e o pé do artelho para bayxo ha de jugar, e o mais deve de estar fixo, e metido na sella, nam levantado nos estribos nunca, e disto se deve sempre guardar, e ter muyta vigilância; porque de

mais de ser a postura levantada perigoza, he falsa, e muyto dezengraçada, mas deve trabalhar, que hande na sella toca nam toca, como dizem, nem erguido, nem assentado.

A mam esquerda com a redea ha sempre de andar bayxa sobre a coma, se o cavallo a sofrer, e nam apertada na redea, m as que corra, e aperte, como for necessario, a mam direyta levantada, com boa graça, e o cabo da redea nella, e colhela, ou alargalla, como for necessario, isto se entende, quando nam houver lança, e adarga, ou outra couza na mam; porque havendo-a ha de ficar a redea na mam esquerda, e dahi às vezes se ha de deyxar, e às vezes se ha de passar à outra, segundo o tempo, e a necessidade.

Correndo, e parando, o corpo deve sempre de andar direyto nam espetado, nem muyto tezo, mas de boa graça, e ar, e às vezes huma pouca inclinaçam a diante, que nam seja demaziada, nem sem tempo, e depois, que partir, ora seja em carreyra, ora lançando o cavallo, ainda que o cavallo afrouxe de correr, ou se queyra anteparar, tenha tempo, que nam se desconserte, mas em sua boa postura com a melhor graça, e semblante, que puder, apresse as esporas de maneyra, que o cavallo torne a sahir o melhor, que puder, e ainda que nam saya tam craro, ou se pare, todavia trabalhe por ficar em boa postura, sem fazer desgraça, nem mostrar disso pejo, porque mostre a culpa ser do cavallo, ou de acontecimento, e nam sua.

CAPITULO LXIV.

De como se ha de ferir com as esporas, que se chama Chaqueo.

O ferir das esporas, o botar dos pés, he parte muyto principal, e substancial da gineta, e para ter perfeyaçam, requiere muyta soltura, e destreza, porque nisto se mostra o que cada hum sabe.

Tres maneyras ha de ferir na sella geneta, ainda que quem cuyda, que sabe muyto as reparte em outras muytas, o que he muvto para rír; porque cuydam, que nam ha mais, que pedir, que o que elles fazem. A primeyra das sobreditas he mais commum a que se diz *Chaqueo* em Portugal, e em Castella *Matilexo*, e muyto polida, e bem ao prepozito, sendo bem feyto, e como deve ser, mas sam poucos, e muy poucos os que o sabem fazer, como deve ser, principalmente, porque querem bolar muyto sem saber o que fazem, nem entender o que ham de fazer, e damnam tudo o bom. Desta maneyra de ferir, a que chamam Chaqueo, e o bolir o pé, e o estribo pouco, e muyto a compasso dos trancos do cavallo, que nam erre huma pancada, porque nam menos se perde em dezentoar o genete, que perde na carreyra o som dos trancos do cavallo nos seus pés, e esporas, que o Muzico, que perde o com passo à estante, porque o bom, e certo tudo he Muzica.

Deve logo o que houver de acertar balir pouco, e a compasso dos troncos do cavallo, s. que se correr de preça, bata de preça, e se de vagar, de vagar bata; e digo bolir pouco, porque o cavallo com o correr faz bolir o estribo mais, do que o que nam sabe ha mister, em quanto homem nam está destro, e examinado: melhor seria posta em boa postura, assim do corpo, como de perna, e pés nos estribos, e apertar os pés, e coxas, e deyxarse hir, sem querer mostrar habilidade, e suficiencia se a nam tem, ao menos nam fará desgraça, nem dará a entender o que nam entende, antes que se vá entendendo.

Esta maneyra de ferir, que chamam *Chaqueo*, para bom, deve ser com o pé meyo dentro no estribo da melhor postura, e graça, que ser puder, e a espora de toda alçada, e nam froxa, mas apertada, e huma pouca inclinacam abayxo.

O bater ha de ser da postura, que o estribo leva, passeando o cavallo dalli a traz haveis de buscar a barriga delle no direyto da ponta da espada, nam mais a diante, nem a traz; porque alli he o seu lugar; e digo, que todavia se deve de fazer a compasso; por que nisso está o ponto, e nam se deve mover o estribo a diante para vir a traz, porque he desprepozito, e falso, e chama-se braquear, e hamse de dar as menos esporadas, que ser puder, e pequenas; porque o cavallo com sentir tocar as esporas no cabello, nam corre o que póde, quanto mais o ferirem, peyor o fará; e esta regra se ha de ter por certa, e verdadeyra; e estoutra, que he ferir muyto, e de chambam nam ferir nada, he de inhabel; ferir, quando he necessario, he de saber.

CAPITULO LXV.

Da segunda maneyra de ferir com espora, que se chama d'arrepia cabelo.

A segunda maaneyra de ferir, que se chama *d'arrepia cabelo*; esta uzam os Mouros muyto, he ferir aspero, e faz-se assentado na sella, e abrem as coxas, e pernas, metendo o calcanhar debayxo da barriga do cavallo, e rasgar para cima com a espora, e as esporadas sam em riscas debayxo para cima; outros nam fazem mais, que arrepia o cabello ao cavallo.

CAPITULO LXVI.

Da terceira maneyra de ferir com a espora, a que chamam rodeo.

A Terceya maneyra de ferir chamam *rodeo*, he muyto boa, e muyto prima para quem o sabe fazer; mas ha poucos, e muy poucos, que o entendam, e chambois cuydam, que o fazem, e damnam tudo, porque querem fazer o que nam sabem, nem entendem.

Para ser perfeyto o ferir de *rodeo*, ha de ser posto o corpo em sua boa postura, direyto, e as coxas, e os gíolhos apertados, recolhido na sella, os pés de ponta no estribo, e as esporas hum pouco derribadas, e ha de jugar o pé pelo artelho sómente, e o calcanhar bayxo para a barriga do cavallo, e darlhe volta para cima, e pára fóra, como em roda, nam direyta, mas debayxo para cima, e assim ao compasso dos trancos do cavallo, tantas vezes, quantos trancos der por mais miudo, e apressado, que seja, tantas vezes se deve virar o pé, e meter a espora debayxo da barriga do cavallo, e virar em roda para cima. Nenhuma maneyra destas de ferir se póde assim dar a entender por pratica quando he necessario, mas ha-se de contrafazer, como faz o que ensina as armas, que se poem no terreyro com a espada, e diz ao discípulo: pondevos nesta postura, e entrey assim com o pé, e com o braço de maneyra, que com o fazer o Mestre, o entende o discipulo, e entendido todo, tanto trabalha, até que o faz assim, nem mais, nem menos he a geneta, e quem a houver de ensinar, a ha de saber bem praticar, e melhor contrafazer, mas isto nam he parte principal para se deyxar aprender, continuando esta regra, que por isso se diz: Uza, serás Mestre; e esta he a cauza, porque eu nam dey a imprimir isto, que muito bem me pareceo.

Diz mais.

Tem esta arte de Geneta hum grande inconveniente, que he, que qualquer chambam a 2. vezes, que cavalga em cavallo se tem por Bolio, que foy hum Doutor da Geneta, e nam he nada presumir do que nam sabe: mas quer logo ler de cadeyra, e ensinar a outros, que sabem tam pouco como elle, e às vezes mais, e sem embargo disso nam sabe nada, e daqui vem tanta chamboice, como vay na terra; porque sendo esta Arte tam delicada, e requerendo tanto ser aprendida, e praticada, sem se aprender a querer saber, e ensinar, tendo ella mais necessidada de se aprender, e muyto tempo do que tem qual quer officio mecanico, que se nam sabe, senam em 5. annos, ou 6. e a geneta querem saber em 2. dias, e ensinar a outrem, fazendo eu isto com muyto pejo, com ter 50. annos d'uzo, e experiencia, nam ouzo a fallar nisso.

CAPITULO LXVII.

Como deve levar a lança, correndo a carreyra.

Correndo a carreyra com lança, ou remessam, a deve levar dalto, com braço dobrado, e affastado hum pouco do corpo: o ferro da lança ha de hir n'altura da orelha do cavallo, nem mais alto, nem mais bayxo, e a lança direyta, sem se apartar para huma parte, nem para a outra, com a melhor graça, que puder, e ao tempo do parar recolher a mam hum pouco na

mesma postura, com ar, e graça, que também se aprende, ainda que dizem, que nasce com a pessoa.

A ordem, que se tem em Valença, sobre gente darmas, que nella ha.

Sam todos os officios, que na dita Cidade ay, se repartem em 12. s. de dous pequenos fazem hum grande, que haja nelle huma Capitania, e do officio mayor fazem duas Capitancias; e cada officio tem sua Confraria, onde todos se ajuntam, e os Capitaens sam pessoas nobres, Fidalgos, e Cidadões, que a Cidade faz, os quaes nenhum delles leva sellario de o ser, mais que só honra, e no officio, que he grande, donde se ajuntam de 600. pessoas para cima.

Sam dous Capitaens, e quanto aos mais oifícios d'Alferes, Sargentos, Cabos de Esquadra, o Officio mesmo o elege entre si dos officios, que antre elles ay, mais para isso, e isto sem nenhum premia, que nenhum tenha.

A obrigaçam, que tem estes officios sam ter cada hum em sua caza arcabuz, o que o sabe atirar, ou pique, fazem no Veram cada mez duas vezes rezenha cada officio pela Cidade, em que sahe todo o officio, assim Mestres, como obreyros com o seu Capitam, e todos com suas armas; e se na Cidade vem algum rebate de haver Mouros, sam obrigados cada officio fazer guarda com seu Capitam seu dia, com suas armas, sem por isso haver nenhum premio, mais que a obrigaçam, que tem. E todos tem suas armas em sua caza, e se as pessoas, que estam na Cidade, nam acodem o dia da rezenha com suas armas, paga por isso sua pena, que tem, que o Juiz do Officio lhe faz levar.

E assim se he necessario em hum dia ajuntar 5. ou 6U. homens d'armas dá rebate à Cidade aos Capitaens, que tem elegido dos officios, e elles mandam recado ao Mordomo, Juiz do Officio, e estes tem seu Andador, que dá rebate com seu Tambor, que logo se ajuntam, e desta maneyra está a Cidade provida da gente d'armas; e nisto nam entra outra gente mais, que officiaes, e nam sam obrigados a mais, que a guardar a Cidade; e havendo rebate, que algum as Galés dam em algum Lugar, 4-5. 6. legoas, acodem alli, sem por isso haverem nenhum interesse de paga, a isto nam obrigam nenhuma pessoa, que passe de 60. annos.

A gente, que tem cada officio se sabe pela Confraria, que elles tem, donde cada hum paga cad'anno hum tanto para os gastos, que se fazem, quanto ao que dam ao Tambor, e pífaro, o mesmo officio o paga de suas compoziçoens, que ha antre elles, e as armas deytou à Cidade. Sabendo a gente, que cada officio tem, assim dam os arcabuzes, e piques, e o Juiz, e Mordomo do Officio tem cargo de buscar delles aquillo, que ElRey manda, que paguem, estando o officio obrigado a pagar.

Ay barreyra todo o anno de espingardeyros, e de bésteyros, aos quaes a Cidade dá 3. goias, s. huma de 25. cruzados, outra de 15. e outra de 10. a pessoa, que em todo o anno tem mais tiros bons, e o segundo dá 15. cruzados, e o terceyro dá dez cruzados; e assim nos bésteyros tem esta ordem, que tem hum Escrivam, que toma os tiros, que fazem, e os escreve, e ao cabo do anno, se determina o que ganhou com seu Juiz, que tem determinado para dar a goia a cada hum, conforme a merece. Isto he a cauza d'ha ver muytas pessoas na Cidade bons arcabuzeyros, e bésteyros, e o Escrivam, e o Juiz, que há na bandeyra ao tirar, e feyto cada anno de cada officio elegido antre eles, que lhe cabe.

Memoria para quem tiver carrego de Sargento Môr de formar Esquadroens muyto fácil de entender, sam 114. Números de Esquadroens, a fôrma deles nam sam mais de 6. ainda que quem for pratico destas formas, poderá tirar outras, deyxando á parte o juizo de cada hum para conhecer os sítios, onde se ham de formar, se forem os números dos terços diferentes, os Sargentos Môres se ajuntaram entre eles, conforme a quantidade de gente, que tiverem, faram a forma, que lhe parecer. Quando em algum sitio se houver de vir ajuntar alguns Terços, sendo iguaes de numero, se forem de dous, venham com huma largura de frente, e duas de largo ajuntados fazem quadro, se forem três venham em Terço por frente, e ajuntados fazem quadro, se forem quatro venham a quatro por frente, e ajuntados faram quadro.

TABOA DE QUADROS.

A 1	861	A 5	2209		A 8	441		
A 2	3721	A 5	2025		A 9	361		
A 3	400	A 6	1849		A 9	289		
A 4	3421	A 6	1681		A 9	225		
A 4	3249	A 6	1521		A 11	2883	A 14	867
A 4	3025	A 6	1369		A 11	2525	A 15	675
A 4	2809	A 7	1225		A 12	2187	A 15	507
A 5	2601	A 7	1089		A 12	1875	A 16	363
A 5	2401	A 7	961		A 13	1587	A 16	243
A 7	841	A 9	169		A 13	1223	A 17	147
A 8	729	A 10	121		A 14	1083		
A 8	625	A 10	81		A 18	3844	A 20	900
A 8	529	A 10	49		A 18	3364	A 20	676

3. PROLOGO DE RE MILITARI (TRANSCRIÇÃO DOCUMENTAL)

Paulo Paixão
Luís Costa e Sousa
(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

Transcrição do códice 1569 da Biblioteca Nacional de Portugal, disponível *online* através do link <https://purl.pt/24933>

Principais critérios de transcrição seguidos:

- 1) Transcrição do documento em linha contínua.
- 2) Respeito pela ortografia do texto original, mas normalizando o emprego de maiúsculas e minúsculas, pontuação original, etc., separando as palavras indevidamente unidas no original e reunindo as sílabas ou letras de uma mesma palavra que se encontrem separadas. Estabelecem-se para uma maior inteligibilidade do texto.
- 3) Desenvolvem-se as abreviaturas, sem assinalar as letras restituídas, mantendo-se a forma dos numerais.
- 4) Colocação entre parênteses rectos de tudo o que tenha sido interpretado ou acrescentado ao texto original, e da palavra [*sic*] a seguir aos erros do próprio texto.
- 5) Assinalam-se as partes ilegíveis do original por [...].
- 6) Colocou-se entre <> palavras ou linhas sobrescritas ou entrelinhadas.
- 7) Remete-se para nota de rodapé todas as indicações pertinentes que ajudem à leitura do documento.
- 8) As dúvidas de leitura assinalam-se por (?).

PROLOGO DE RE MILITARI

Grandes couzas sam e forão sempre em todo o tempo as deferencas que há entre as armas e as letras sobre se averiguar quais delas sejam as infiriores⁸⁹, alegão muitas autoridades a seu gosto mas as armas tem a propriedade da verdade que calando fala e ellas mesmas assim se defendem e tem dado a entender ao mundo que mediante as armas se sustentão os Reinos e senhorios delle e paz e justiça mas como em o nosso Portugal por a larga paz que logrou em tempos passados e entruduzise huma rudeza e desprezo da arte militar não somente tinhamos as armas em pouquo mas zombavamos e escarneciamos quoando viamos hum Capitão ou soldado e se acazo asertavamos ver hum homem armado com o hum pique ao hombro parecia couza tão fora de tempo que lhe apupavamos como touro.

Destes descuidos tão grandes sucedeu a quatro dias de Agosto do Anno de mil quinhentos e setenta e oito a mizeria [fl. 1v.] que todos experimentamos pois ning[u]em escapou a que pouquo ou muito não tocasse da jornada infelice del Rey Dom Sebastião em Africa e socedera em todas as mais que semelhante ordem tiverem e porem se o fidalgo e cavaleiro quizer entender que lhe he tão nescessario [sic] como a lança e o cavallo ter notícia das couzas da guerra, pois a semelhantes pessoas se costumão encomendar os cargos dela, e se o escudeiro quizer saber que [h]a tanto mister como a capa ter em sua caza humas armas e pique com que a defendão, e por q tudo digamos se o lavrador tivesse tido cuidado de ter hum arcabus e sabe-lo tirar pois anda no campo como de criar huma manada de gado, não socederião os desastres que ão socedido antes quando El Rey [h]ouvesse mister levantar alguma gente para serviço de Deos ou se acharia pratica nas armas e convenie[n]te para a g[u]erra.

Para remédio disto entenda o que não entende que com verdade o pode desenganar a nação espanhola pois ella he a que maior nessesidade tem da pratica da g[u]erra por ser tão aborrida. Por [fl. 2] todas as partes não somente entre emfieis mais dentre todas as mais nacois catolicas por as vitorias que de doze anos a esta parte tem alcansado e pois lhe he tão favorável o clima do ceo ao uso e exercicio militar não devem despreza-lo nem te-lo em pouquo por q não há penha tão immovel nem cidade tão forte no mundo que com o discurso do tempo não resida algum vaivem de

⁸⁹ Segue-se texto riscado: e como os letrados saibão mais que os soldados.

fortuna pelo que sempre será de proveito o exercissio da pratica e ordem das couzas da guerra porque sem isso não pode aver sucesso algum bom em as armas e para huma so ves q seja nescessario em toda a vida convem estar toda ella apercebido e chegando nos ao discurso de nossa pratica digamos assi.

AS PARTES QUE Á DE TER O BOM SOLDADO

O principal que há de ter o que quizer ser bom soldado he ser cristão temente a Deus e á [fl. 2v.] de guardar os preceitos de sua santa lei porque tendo isto vivera virtuosamente e não fara couza que não deva e não como alguns que cuidão que em tomando o pique ao hombro para fazer-se soldados [h]ão-de deixar de ser Cristãos por mostrar-se blasfemos, soberbos e mal acondisoados para parecer bravo. O que he ao contrário porque o bom soldado não blasfemando e sendo afabil e bem acondicionado o terão em mais e ainda por mais valente.

Alem disso quoando succeder entrar por força de armas em alguma terra ou em algum feito delas onde se costuma usar todo o rigor deve advertir que não se esqueça da clemencia militar matando molheres ou forçando-as, nem mininos, nem velhos, nem saqueando igrejas, nem outros lugares sacros que tudo isto em nenhu soldado [h]onroso cabe porque as armas emventarão-se para emparar os fracos e castigar os emcorrigeveis, depois de ser bom Cristão o em que mais deve ter conta he com a [h]onra. Porque nella consiste [fl. 3] toda a profissão deste abito há-de ser de maneira este guardar de [h]onra que não somente a tenha diante dos olhos para rever-se nella sempre mas dentro no lume deles para sentir-se nella lhe tocarem e não se entenda isto de maneira que aja de fazer o soldado de couzas de grasa e de zombaria casos de [h]onra, mas somente daquillo que com malícia perjudicar a sua [h]onra.

Porque dizem ser a [h]onra huma virtude do animo muito generosa e que não procede das forças do corpo senão das virtudes da alma e he mui claro argumento que o homem que na [h]onra não sofrer prejuízo na g[u]erra, antes consentira perder a vida que perjudica-la e por o contrario o que sofrer huma afronta e não sentir de sua [h]onra, nada lhe dará em qualquer batalha fugir e voltar as costas, e assim em Itália e em toda a parte onde há soldados não se consente que aja algum antre elles que foss[e] afrontado mormente em fronteiras e em castelos.

E na nação italiana se guarda mais [fl 3v] decoro neste caso de pontos de [h]onra e elles forão os que escreverão sobre o livro de duelo que quer dizer combate de dous o qual he já prohibido pelos escandalos que dele succederão, mas querendo resumir tudo o que sobre casos de [h]onra se

podia falar he o que agora se diz entre os soldados que a palavras, palavras, e a obras, obras. E quanto ao que toca aos mais cazos de [h]onra, todo o homem que ouver de ser soldado se guarde de huma vez perde-la nem tira-la a ning[u]em por que não custa menos que a vida e para cobrar hum sua [h]onra tem licença de valer-se e usar de qualquer género de treição e acompanhar-se de qualquern numero de amigos que puder levar consigo.

A IDADE EM QUE HUM DEVE COMESAR A SER SOLDADO

[fl. 4]

O soldado para vir a receber soldo e assentar-se nos livros delle he necessario que tenha emtendimento e que saiba quanto se asenta no livro do soldo que faz huma maneira de juramento, o qual os tudescos he a gente que com mais sirimonia o fazem de servir bem e fielmente a seu Rey, observar as ordens de seus officiaes e não apartar-se de sua bandeira hum so momento sem sua ordem[;] deve ser de idade de 20 ate 30 anos quoando comesar a servir e se fose possível até esta idade criado sempre na g[u]erra seria muito melhor ou ao menos [h]aver praticado as couzas da milícia pois sabemos que os Romanos que forão princípio da arte militar ordinariamente tinham em Roma escolas em que se lia e excersitava esta faculdade assi como as demais siencias, onde os soldados *titones*, que quer dizer Bisonhos ou modernos hião ouvir duas vezes ao dia e aos veteranos huma só. E se mais ao perto quizeramos ver [fl. 4v] o fruto que faz a milícia quando hum homem he criado nella ve-lo-emos em o traquo(?) ao qual de duzentos anos a esta parte sea feito senhor da maior parte do mundo mediante os geniseros que são a maior força de seus excersítos, a qual sorte de gente de pequenos são apertados para esta faculdade e criados sempre no excersisio della [;] mas que maior exemplo que hum Julião Romero que por não conhecer-lhe linagem lhe chamarão “filho de suas horas” o qual de moço de soldado veio a ser mestre de campo e tão conhecido de Reys e de Príncipes quanto se sabe[;]além desse há João de Urbina, hum Salinas, que de moços de soldados chegarão ao cume de [h]onra de maneira que podendo ser que todos os soldados se [h]ouvessem criado entre soldados e andando em g[u]erra serião mui melhores para o ser que não os da idade referida, mas não podendo ser por os inconvenientes que tem de vinte ate trinta anos he muy boa idade para comesar hum a ser soldado.[fl. 5]

DA MANEIRA QUE O SOLDADO GOVERNAR-SE E TRATAR A SUA PESSOA

[H]avendo dito a idade que o soldado ha-de ter será bom dizer o governo e conta que [h]am-de ter com sua pessoa e será dessa arte porque por huma de duas couzas saie o homem da sua patria a ser soldado ou porque o natural declina a isso ou por ser homem nobre e não ter património de que viver e como este seja hum abito que arme a todos ainda que a poucos venha bem tem nessessidade o que [h]ouver de receber, de moderar-se com seu soldo de sorte que a ning[u]em aja mister porque não há mais filice couza na vida que o dar nem mais miseria que o pidir. E para isto se deve considerar que o soldo que dá El Rey he pouco por não ser mais de quatro cruzados que mal governados não se pode viver com elles nem vestir hum mes. E para isto são de grande proveito os camaradas porque sendo quatro como devem ser de companhia aproveita melhor o soldado e com a ametade comem e a ametade vestem. [fl. 5v]

Mas [h]ãode ser estes camaradas tão conformes que [h]avendo de ser huma mesma mira a de todos que he o mais e o menos será ser tudo huma bolsa e hu trajo. Alem disto sam de grande proveito para huma emfermidade e ainda para fazer-se respeitar em huma companhia porque sendo de camarada quatro homens os mesmos officiaes que só em ser disulutos e desempeados não lhe ouzão perder o respeito e deve-se o soldado [h]onrado guardar que nenhuma vez lho percão, tambem deve ser o soldado muy regrado em seu comer dizia Dom Sancho de Londonho “*gran cosa es nuestra madre la vaca*” que a todos nos sustenta e em nenhuma maneira deve estar o soldado so porque demonstra ser monstruoso de condição ou vil de pesoa.

O ultimo que ao soldado para ser todo bom lhe falta he ser obidiente ao mandado de seus officiaes ou de outros quaisquer de todos os de hum exercito como seja em serviço D’el Rey e em nenhuma maneira [fl. 6] deve o soldado repisar o que qualquer oficial lhe mandar em tal sirviço ainda que lhe não toque faze-lo antes há-de e dispois de o aver feito tornar ao official e por bom termo dizer-lhe como não lhe tocava fazer aquilo que outro dia não lhe mande tal. Assi mesmo deve hum soldado trazer sua pessoa em boa ordem para poder chigar sem vergonha onde quizer e isto será o melhor que poder conforme a sua possibilidade ou paga. Mas quanto as armas que [h]ouver ter deixara de vestir bem e de comer porque sejam estremadas e boas e se assinalem antre as demais tendo grande conta com ellas para que andem lestes e conservadas sem que lhe falte couza e no serviço de sua bandeira sera tão ordinário e zelozo que posa pretender por assistências as ventageins que officios que a fortuna e favor lhe negarem. E

em nenhuma maneira deve o soldado honrado o dia que for de guarda saíjr della nem ainda a comer sem ordem [fl. 6v] de seu oficial nem partir-se do lugar onde sua bandeira estiver ainda que seja huma so legua sem licença de seu capitão. Os dous preceitos que o soldado mais deve guardar são ordem e obediência porque se dis que o que não souber obedecer não saberá mandar guardando todo o dito e o mais que com bom entendimento em breve compreenderá [que] poderia sem pejo algum pertender qualquer ofício [h]onrozoz na g[u]erra e será bom soldado que he hum titulo que o Emperador Carlos quinto tinha em muito e se prezava de jura-lo dizendo muitas vezes a fe de bom soldado tal couza e tal visto.

DA MANEIRA QUE HÁ-DE TER O SOLDADO PARA PASSAR A
ITÁLIA E QUAL PARTE HE MILHOR PARA O SOLDADO VIVER.

[fl. 7]

Em falta

[fl. 7v]

Em falta

[fl. 8] armas senão muy caras nem alojamento senão no chão nem paga senão de ano a ano porque todo elle andão embaraçados em Gales.

Os castelos destas partes em Frandes nemhum [h]á já que os diribarão os farmengos [sic], os dos estados de Milão são os milhores de todos e o de Milão o melhor deles por serem as pagas em todos de quatro cruzados e dão-lhe os mantimentos muy baratos, he escrito que faz grandíssimo frio em estas partes. Os do Reino de Nápoles são bons mas as pagas não são mais de a três cruzados, o de Castel Novo em Nápoles he o melhor. Os do Reino da Sicília são os piores de todos porem nenhum soldado [h]á de fazer conta de entrar em castelo a se-lo senão para ir morrer nelle ou por [h]aver afrontado alguém para estar seguro.

DO NOME QUE TEM AS COUZAS DA ORDENANÇA E O QUE
QUEREM DIZER.

[fl. 8v] Bem sera dizer neste lugar os nomes que tem as couzas em huma companhia ou em hum esquadrão e o que se uza nelle e o que querem dizer para que o soldado este[ja] avizado e entenda o que [h]á-de fazer.⁹⁰

Bando he quando o tambor dá algum recado da parte do capitão ao qual devem estar todos atentos para o comprirem tanto que se ouvir.

⁹⁰ Na margem esquerda: *isto he do sargento-mor Francisco Anrriques.*

Passa palavra he tomar a primeira fileira recado do capitão e da-lo a outra e assim de huma em outra ate chegar em hum instante aonde vai como dizer arcabuzeiros a vanguarda, passa palavra depresa de huma fileira em outra e de outra na outra e todos [h]ão-de dizer o mesmo e asim qualquer outro recado que o capitão mandar.

Vanguarda é a dianteira da ordenança ou esquadrão onde vai o capitão.

Retaguarda a traseira onde levão as costas os soldados.

Os **costados** e **alas** são ilhas do esquadrão.

[fl. 9] **Fazer de retaguarda vanguarda** he passar-se o capitão a retaguarda e virarem os soldados os rostos para onde o capitão vai, e o mesmo he das alas.

Virar as caras he virar os rostos e as armas atras ou para onde o capitão mandar.

Fileira he aquelles soldados que vão emparelhados em ordem, pouquos ou muitos.

Fazer alto he estar quedos; **arvorar** he erg[u]er os piques direitos.

Cala piques he dirruba-los e o ter nos ombros ou para pelejar segundo o tempo em que se mandão.

Dobra he que se faça esquadrão e se meta huma fileira na outra. **Marcha** he caminhar.

Forte he estar quedos e não se fazer mais o que se fazia.

Revira é tornar atrás com o rosto no inimigo se esta perto.

Arma arma he fazer prestes para pelejar.

Carga he quando se dá alguma sorriada de arcabuzeria toda junta. E tudo isto he obrigado a saber o bom soldado.

[fl. 9v] E entende-lo no tambor e o tambor saber tocar cada couza por si e o capitão sabe-lo mandar a seu tempo.

COMO SE DEVE LEVAR HUM PIQUE ARVORADO.

Quoando o capitão mandar caminhar com os piques arvorados deve o bom soldado levar o seu com o conto na mão direita encostado ao braço e ombro e se por cauza do vento não puder com elle abaixa-lo-á mais hum pouquo da mão que não vá muito chegado ao chão porque não toque em algua couza que o embarase.

COMO SE TRAS HUMA ALABARDA E HUM ARCABUZ.

Huma alabarda se tras no ombro direito atravezada hum pouquo e que lhe veja o que atrás o ferro por a banda esquerda com o conto della direito na mão e o braso afastado hum pouquo desta maneira vai hum homem airozo e com muita arte.

[fl. 10] E da mesma maneira se deve tomar o arcabus e trazer no hombro direito atravessado hum pouquo com o braso afastado para hu soldado caminhar com arte, não pareça isto pouquo nescessario porque vai muito para huma pessoa ser formosa ter ar e grasa que sem isso pouquo lhe aproveitão boas feisões e soldados bem tratados e bem postos parecem mais e dão mais operança de si e tem-se em mais conta que os desmasalados e desairosos, quanto a mim, o soldado que vai em ordenança e não vai atento e com muito ar e grasa pouquo espero dele porque toda a pesoa que se não presa de si e do que faz não pode asertar nem fazer couza boa quanto mais nas armas que aqueles a que ellas estão bem na cinta e não mão para ellas. [fl. 10v]

QUANTOS SOLDADOS A DE TER HUMA COMPANHIA

Huma companhia de soldados espanhóis será formar-se de duzentos e cincoenta soldados e daqui para baixo assim como ião faltando agora se fazem de menos numero de gente a cauza he porque se mandão e governão melhor. Nesta companhia sempre tres sortes de soldados huma que se dizem maltrapilhos, outra soldados ordinários, outra soldados particulares e porque comecemos. Pelo menos para vir ao mais os maltrapilhos são huma sorte de homens nem tem conta com sua onrra, nem com sua pesoa, nem com suas armas. E estes os que em suas terras erão homens de mau viver e viciozos e como dizem quem ruim he em sua villa ruim será em Sevilha e asim não há poder fazer deles bons nem servem em as companhias senão de vulto estes são os menos porque são mui reprehendidos e desterrados [fl. 11] de antre os homens de bem he se algum fica he como dizia Dom Lope[z] de Figueiroa para enforçar hum ruim pera desordem que fez hum bom.

A outra parte de soldados que se dizem ordinários são os mais que [h]á em huma companhia os quais posto cazo que são homens [h]onrados e vivem bem e fazem tudo o que lhes toca em serviço de sua companhia não aspiram, nem pretendem, nem sobem a mais que a ser soldados sempre e ganhar hum soldo de quatro escudos com hum arcabuz ao hombro. Estes tais soldados posto cazo que sejam mui valentes e [h]onrozos porque o natural os não inclina a mais ou por serem homens rudes e de pouqua

[h]abilidade nunca servem demais que fazer sentinelas, escoltas e todos os mais trabalhos que há no serviço de huma companhia.

A terceira e melhor partida de gente que há em huma companhia he a dos que chamão soldados particulares as quais são os homens [fl. 11v] nobres de bons pensamentos e de boas [h]abilidades estes são da esquadra do capitão porque nella estão todos os que tem ventagem no soldo. E estes ão de ser todos cosoletes porque como dizia o capitão *buena emsenha* o que quizer valer na g[u]erra nem tenha pontos com seu oficial nem deite arcabus ao hombro, nem saia a correr sem ordem de maneira que esta sorte de soldados he a que [h]onra huma companhia e a que soie assinalar-se em as vitorias e, destes tais soldados honrosos e apurados em a virtude, saem os officiais da g[u]erra.

Não tenho por bom soldado o que vai a g[u]erra e não procura ser hum destes porque de a pouqua ves(?) he contentar-se com pouquo e como dizem os italianos *si voli ser papa metelo in testa*. Assim que huma companhia destas tres formas de gentes se formava de duzentos e sincoenta soldados ao tempo que se fazia porque era o numero quatro de mil. [fl. 12]

DO CARGO DO CAPITÃO

He o nome e cargo de capitão huma couza de tanta honra quoaunto se poderá entender por a autoridade do nome e ofício pois se sabe que dos grandes capitães procederão emperadores e Reys.

Antre a nação espanhola ser capitão da infantaria he cargo mais [h]onroso que em outra nenhuma não porque entre as demais deixe de aver muitos e muy bons capitães senão porque entre espanhois a praça de capitão he provida por o mesmo rey estando o mesmo Rey presente e não estando por o capitão geral donde se achar a companhia e em as demais naçoins os coronéis provem os capitães asi que por esta cauza he entre espanhóis tão preminente cargo.

O capitão deve ser eleito e escolhido de antre os milhores soldados alferes porque o próprio sobir a capitão he de alferes e assim o Duque de Alva, Dom Fernão Alvarez de Toledo [fl. 12v] no Conselho de Guerra que nenhum fosse nomeado por capitão senão [h]ouvesse sido alferes polo menos dous anos de sorte que para ser hum capitão não se lhe [h]á-de olhar a calidade senão a [h]onra e espiriencia porque antes pode hum ser capitão com estas partes sos que com calidades so e sem ellas quanto mais que a nobreza donde procedeo senão das armas e de homens que se aventejarão em ellas mas podendo ter o tal capitão estas duas couzas que são calidade e prática tanto melhor porque não aja quem se desdenhe de ser mandado de seu inferior em lin[h]age ainda que sendo hum capitão e

nobre e gosa de todas as preminencias de nobreza. Portanto entenda toda a parte do soldado que a El Rey lhe toca ver o capitão que faz e ao capitão ver o oficial que cria e ao soldado obedese-los a todos seão quem forem que elle não deve olhar por isso senão os officiaes que tem.

O bom capitão sobre tudo deve de ser [fl. 13] vigilante diligente e zeloso do serviço de El Rey. Acerca disto dizia o Duque de Alva que tudo quanto se pode escrever da milícia se enserra em duas couzas: sofrimento e presteza, apos estas duas deve de ter o capitão, porque quem duvida que toda a destreza e bom fruto das armas consiste em a presteza e sofrimento, entender-se aqui que o capitão deve de ser considerado sofrendo os infortúnios e dificuldades do tempo aguardando o conveniente reconhecendo as fraudes do enemigo usando de sofrimento porque muitas vezes por lhe faltar isto se perde hum capitão.

Ao fazer de sua companhia deve o capitão olhar a gente que recebe que não seja de mau viver nem defeituosa de natureza conforme as inst[r]uições que de El Rey tem e procurava de fazer <a melhor gente> o que puder porque entenda que quanto melhor gente tiver em sua companhia tera a [h]onra a mais segura pois se aserta na g[u]erra fazer hum bom feito com sua companhia [fl. 13v] elle so leva a [h]onra e assim leva a infamia quando se perde. Portanto deve de ter reconhecidos seus soldados e sabido qual he para mais olhando-os sempre qual tras bem alistradas as armas especialmente a espada que o soldado que della não se preza se deve ter em pouquo porque nesta só arma faz ventajem a nação espanhola has mais, pois vemos que os alemains sam mais destros e animosos no pique e os italianos mais destros e diligentes no arcabuz e os franceses melhor gente de a cavallo, só em espada faz ventajem o espanhol porque he arma que mais manda o animo e que mais perto do contrario combate assim que na espada por a maior parte se reconhece o bom soldado ainda que dezia o Duque de Alva que de homem de espada muy ancha e de bigode muy largo faria pouquo. Alem disto deve ser o capitão mui afável e que sua gente lhe tenha afeição [fl. 14] porque às vezes peleja hum mais por amor de outro que por si próprio.

Deve assim mesmo o capitão juntar-se com esta afabilidade, ter serenidade para reprender e castigar às vezes com a espada as negligencias dos soldados guardando sempre a gravidade que nenhum se atreva a perder-lhe o repeito. E assim como tem licença para castigar o mau, [h]á-de premiar o bom e em vendo que hum soldado de sua companhia faz hum bom feito mete-lo antre o general e procurar que o vantagem e lhe fação mercês porque fazendo assi acudirá sempre boa gente a sua companhia. E a ele lhe sucederão bons sucessos na g[u]erra e nas couzas que lhe encomendarem. Finalmente tal deve ser o capitão com seus soldados qual deve

ser o [h]ortelão com sua [h]orta que sempre se esmera nella e procura apartar a má erva das prantas para que produção melhor.

As armas que o capitão lhe tocão são de infante, e seu pique e hum pagem com hua rodela. E a capitão de arcabuzeiros seu arcabuz, [fl. 14v] peito forte selada e rodela⁹¹. E em paz deve trazer qualquer capitão huma gineta que a perfeita ensi[g]nia de capitão para ser conhecido, e não se deve permitir que os sargentos a tragão como se mal costuma.

DO ALFEREZ

O ofício de Alferez he [h]onrosissimo toca-lhe ao capitão da-lo a quem tiver partes para o ser.

Fizerão os romanos este ofício de Alferez e chamão asim a todo o homem que levava a bandeira da ag[u]ia, o que se dizia aquilifero ainda que agora entre nos outros, roto o vocablo, se diz alferez este tal oficio se deve dar a homem nobre e de boa disposição e gentileza, ainda que não seia mui soldado bastará ter discrição porque elle não lhe toca governar a companhia senão em auzencia do capitão, e de ter as listas della de quantos soldados ha, e de todas [fl. 15] as contas do que o capitão [h]ouver resebido.

A ele não lhe toca despedir soldados, nem recebe-los, nem tirar nem por armas, porque tudo isto he oficio do capitão, senão estar sempre tão junto com sua bandeira como huma donzela com sua [h]onestidade porque a bandeira representa a autoridade do Rey que faz a g[u]erra, a qual El Rey da ao capitão que a faz e o capitão a encomenda a fia de seu alferez que he tanto como fiar-lhe sua [h]onra e vida e asim o tal alferez deve olhar por ella mais que por a sua própria pois he tudo hum, deve procurar ser o primeiro em por sua bandeira no lugar que se pretender dos enemigos e assim mesmo ser tão virtuoso e afabel que assim como os soldados o seg[u]em tras a bandeira que leva assim sigão e imitem seu viver.

Toqua-lhe ao alferez não entrando o capitão com a companhia, entrar diante, e entrando o capitão diante tomar a bandeira ao hombro, e reparar por onde veja seu general a batela huma vez e se for seu Rey duas. Em [fl. 15v] nenhuma maneira em paz nem em g[u]erra deve o alferez consentir que de noite nem de dia a bandeira este sem guarda por o bom respeito.

Serão as bandeiras dos espanhoins não mui grandes por que posão ser ligeiras de levar e não embarasosas nas remetidas. As cores soiem ser a vontade do capitão se elle não da licença ao alferez que serão a sua. O feito deve ser toda de flamas em os quatro quartos com sua crus ver-

⁹¹ Segue-se texto riscado: ~~E ao capitão de arcabuzeiro.~~

melha de esquina a esquina e bastos de Borgonha que todas as de mais gaiteras são de bandeiras italianas. O ferro da [h]astea deve ser pequeno por que não pese muito, e as borlas assim mesmo pequenas; e o conto da [h]aste grosso que é para que se posa abarcar na mão chumbado per cruzado ar e vento. Assim o mesmo deve ter no conto hum fiador que dizem que o alferes meta no colo do braso, porque em huma aremetida lha não tirem da mão que he o que em tais tempos se procura. E o abandeirado que El Rey paga ao [fl. 16] alferes para que lhe leve a bandeira por caminho deve procurar o tal alferes que seia mancebo bem disposto e traze-lo bem ataviado pois he [h]onra sua.

Entre a nação alemã jamais o alferes de caminho vai a cavalo nem solta a bandeira da mão mas antre a nação espanhola de caminho poderá ir o alferes a cavalo a par da sua bandeira pois he permitido procurando sempre sua bandeira va ao cabo da fileira das bandeiras, não as da mão direita porque he o lugar da bandeira do mestre de campo, e não [h]á-de ter descuido algum no prendonar de sua bandeira porque ainda que estas serão miudezas de pouco momento contudo atenta-se por ellas.

As armas que os alferes toção são de infante e sua bandeira no punho hum venablo lhe leva o seu abandeirado para ququando acazo se oferece ir diante da companhia.

E quanto a todo o demais sendo o alferes bemquisio e zeloso da companhia da sua bandeira procurara ter gratos seus soldados para que o sigão al minister. [fl. 16v]

DO SARGENTO

Assim mesmo fazer sargento de huma companhia toca ao capitão para este officio [h]á mister que o que o [h]ouver de exersitar seja forçosamente exercitado na g[u]erra e saiba ler e escrever e, sobretudo, convém que seja mui diligente porque he a chave e governo de huma companhia assim tem as próprias vezes que o capitão em mandar. E quanto as obrigações que tem, he ordenar a companhia ququando caminha ou marcha, repartir o alojamento e todas as quaisquer naçoins que derem a companhia. Mas ira entender e tomando primeiro ordem de seu capitão como o am de fazer assim mesmo lhe toca ir a saber do sargento-mor as ordens que [h]á e a tomar o nome, e a saber as partes donde [h]á de meter a guarda e metendo sua companhia de guarda e repartir as esquadras em os postos ou portas onde se [h]ouverem de fazer as sentinelas fique no corpo de guarda com a bandeira porque a elle toca [fl. 17] mandar os desta esquadras e depois de ter metidas as portas e sentinelas que lhe [h]ouverem ordenado provera as rondas e contra rondas se for nessario da gente da guarda do capitão.

E porque so se [h]aver debates quoando se encontra a ronda e contra ronda sobre a qual há-de de dar o nome, o qual se dira o melhor parecer dizem huns porque a ronda he ordinario e o contra ronda extraordinário, que deve de dar o nome o contra ronda ao ronda. Outros dizem que porquanto o contra ronda he de gente de mais confiança e mais particular se lhe deve de dar a elle, mas todos os mais concordão que assim o contra ronda o deve ao ronda excepto quando souberem que seus officiaes andão rondando.

Tornando ao do sargento a ella toca que alem da ronda e contra ronda elle próprio va visitar huma e muitas vezes as sentinelas uzando de todo o silencio e fraude para que não sintão [fl. 17v] e não achando vigilanc[i]a que convem castiga-lo há com o rigor nessario conforme ao perigo da parte aonde for.

E porque os sentinelas saibão da arte que ham de zelar porque os não colham em algum descuido que em semelhante cazo nenhuma desculpa os disculpara. Tomara o soldado que estiver de sentinela quando vir que vem gente para elle a vinte passos seu pique nas mãos se for piqueiro e tendo terçado perguntara quem vive toca-lhes aos que forem de ronda responder amigos; entam o sentinela se vir que he mais hum dira que fiquem os demais e se chegue hum a dar-lhe o nome, e quando o tal chegar advirta de ladear hum pouco o corpo e pique tirando o pe direito atrás de maneira que lhe não possam lançar mão e com vos baixa tornara a perguntar quem viver, o ronda lhe dara o nome e contrasenho que soe [h]aver com advertencia que nenhum o possa ouvir senão o sentinela; e não dando a esta segunda pergunta que o sentinela faz, o nome poderá usar de suas armas e pedir favor para que acuda gente.

[fl. 18] Se for arcabuzeiro sera por o mesmo termo e pondo sempre o morrão na serpe olhando que o arcabuz não se lhe despere sem tempo por se apresar e a dairta(?) todo o soldado que estiver de sentinela que ainda que claramente conheça que o que chega he seu capitão ou qualquer outro official mui conhecido não o am de deixar chegar assim sem lhe dar o nome. E se algum que não for conhecido vier a des[h]ora da noite a querer entrar no campo ainda que lhe de o nome, não o deve deixar entrar senão dete-lo e chamar seu cabo de esquadra ou outro official para que virão o recado que trás.

Deve o sargento saber o cuidado que tem os cabos de esquadra com seu soldados e se servem seus officios bem ou mal, asim mesmo olhar que todos os soldados sirvão bem e facão o que lhes toca e que tragão sempre suas armas mui lestes e esmeradas e [h]a-de ordenar que de dia nunca este o corpo de guarda sem hum official nelle, que de noite já he sabido que estando a bandeira de guarda [h]a-de estar com ella o capitam

e todos [fl. 18v] os mais de sua companhia dormindo vestidos, convem a saber os arcabuzeiros com as espadas e frascos na sinta e os cosoletes com as golas postas. E quanto as armas porque o sargento toca repartidas tomando primeiro ordem do seu capitão como e a quem diremos aqui da maneira que huma companhia se [h]á-de armar e armada como [h]á-de caminhar.

Se a companhia for do número referido de duzentos e sincoenta soldados sendo de piqueiro he comum opinião que deve deter duas partes de piques e huma de arcabuzes, estes piques que todos [h]ão-de ser cossoletes, se [h]ão-de dar a gente mais nobre da companhia porque o pique he hum muro e enparo de hum exersito e como se diz o Rei das armas e asim o devem de ter homens tão [h]onrados que por quão antes ave de que perde-lo da mão.

A forma do usar deste pique será estando em o esquadrão calandro para a parte donde os contrarios cometerem metendo o conto debaixo do pe direito, tirando o esquerdo diante e pondo a mão esquerda diante da direita se for necessário meter a mão a espada advirta q será por [fl. 19] fora do pique com a mão direita tendo com a esquerda firme o pique da maneira que estava. E se acazo estando um piqueiro de sentinela lhe soceder vir hum inimigo de cavalo atropela-lo uzara do pique de diferente maneira e será que tersando o pique cruzara os brasos, o direito por sima do esquerdo metendo a mão esquerda debaixo do sovaco direito e estendendo o braso direito por o pique o que poder pondo firmeza em os pés poderá resistir ao ímpeto de hum cavalo se o pique não quebrar.

Deve ser o pique de vinte e três ou vinte e quatro palmos de comprido mais grosso debaixo que da ponta; o ferro he melhor de ponta de diamante que o de ponta de lança.

E porque depois que os da esquadra do capitão forem caso feitos como devem ser [h]avera mister dos outros das outras esquadras cossoletes olhar-se-ha que seião os homens mais bem desposto e de melhor talhe e os arcabuzes se devem de dar aos mais destros em elles e que os entendam.

Os mosquetes de que por menos em huma companhia deve [h]aver vinte dar-se-ão aos homens mais robustos e de mais força não permitindo [fl. 19v] que os tirem de rosto senão de seus pontaletes os quais pontaletes serão conforme a estatura do homem que lhe de pella barba, terá a cada hum fiador que metido no colo do braso ao tempo do carregar do mosquete, o poderá deixar pender do colo do braço por o fiador porque o não embarace.

Enquanto as armas que o mesmo sargento deve ter será huma mui boa alabarda e huma celada e em tampo de g[u]erra hum peito forte, mas em

g[u]erra nem em paz não deve de estar sem hum rocim que lhe he nescessario para seu officio e porque a elle lhe toca ordenar quando caminha sua companhia o fará desta maneira.

Sendo a companhia grande fará a ordem de cinco em cinco soldados e se pequena de tres em tres procurando sempre que seião nones porque por ser numero díspar se tem por mais forte e como o capitam for caminhando ira elle formando fileiras em seu segmento.

Por a primeira caixa a tantas fileiras [fl. 20] em seu sigimento. Por a primeira caixa a tantas fileiras como soldados tiver huma fileira.

E logo que soseivamente ajam passado todos os arcabuzeiros em esta ordem metera a outra caixa pífaro e bandeira, e em seu sigimento todos os cosoletes na mesma ordem advertindo que os mosquetes vão sempre diante da arcabuzeria e os cabos de esquadra seram as ultimas fileiras dos arcabuzeiros. E que os soldados que forem em alguma couza desarmados, pequenos ou mal emroupados vam em meio das fileiras. Caminhando desta forma chegara aonde [h]ouver de meter a guardia ou parar e ali volvera o rosto o capitão, os arcabuzeiros se poram em duas fileiras a maneira de rua de cara huns para os outros e os piqueiros da maneira que vem entraram por esta rua [e] em chegando a primeira fileira onde o capitão estiver arvoraram os piques pondo os contos no chão a alapar todas as mais fileiras logo se lhes ordena ali o q [h]ão-de fazer.

[fl. 20v] Aconselharia ao q [h]ouver de ser sargento que procurase sempre ter grato a seu capitão porque entre soldados so em dizer capitam donde quer alferez, de quem quer sargento de seu amigo.

DO CABO DE ESQUOADRA

Tambem o cabo de esquadra he officio q prove o capitam e hum dos mais antigos e nescessarios para a g[u]erra he o primeiro numero sobre o qual todos os mais que ha em hum excersito se armão.

Tem huma esquadra vinte e quatro homes e com o cabo sam vinte e sinco. A nação espanhola lhe chama *cabo de esquadra*; a italiana *caporales*. Há-de ter huma companhia inteira do numero nove cabos de esquadra sem o da esquadra do capitão que este, tal como de ordinário, he hum official reformado ou huma pessoa tal não serve em a esquadra mais que de gozar da ventagem della que sam tres escudos. E em todo o mais como esta dito com a tal gente serve o sargento de cabo. Esta gente de es- [fl. 21] quoadra do capitão he a mais nobre da companhia por que nella estam os que [h]ão sido officiais e todos os que tem ventagem, nenhu capitão deve permitir que em sua esquadra [h]aja soldado que não seja cosoleta

pois he ordem de El Rey que nenhum tire ventagem senão for cosolete exceito algum que se jubile por velho ou por aleijado na g[u]erra toca-lhes aos de tal esquoadra a primeira noite que a companhia caminhar fazer guarda, a bandeira e todas as mais não.

Asim mesmo lhe toqua depois de alojados e apouentados os oficiais ser a primeira que se aloje e em o melhor. Asim mesmo he livre de fazer escoltas e outros serviços que fazem as demais esquoadras, mas fazem a ronda e sentinelas algumas vezes quoando há falta de gente. Os que já foram oficiais não são izentos do serviço da companhia por direito senão per huma boa consideração e respeito que seus oficiais lhes devem ter. Acerca disto o capitão Gama [h]avendo já sido capitão e tornando a servir de soldado em huma companhia sendo reprehendido de seus amigos porque servia de novo respondeo que “maior [h]onra que [fl. 21v] tinha e hum soldado devia ter era servir de novo” e que de hua fileira o tirou el Rey quando o fez capitão que nella o acharia quoando o quisesse tornar a prover.

Asi que cabo das demais esquoadras he hum officio mui [h]onroso e que para ser bem provido se há-de fazer de hum dos soldados da esquoadra do capitam e entenda o capitão quando fizer o cabo de esquadra que o [h]a-de fazer de homem que posa ser capitão faltando aos demais officios e indo elle sobindo em merecimento nisto nos deu notorio exemplo mestre de campo João Ozorio de Ulhoa que [h]avendo-lhe morto na g[u]erra a seu alferes tendo hum dia junta sua companhia para entrar de guarda que quando se soem [h]onrar os oficiais disse ao sargento: “Sargento, tomai esta bandeira e sereis meu alferes, e vos cabo de esquadra que sois mais antigo sede sargento, e vos mosqueteiro tomai essa esquadra e vos arcabuzeiro esse mosquete e tu a tambor toca a la ordem.” Foi emleição que a todos pareceu bem porque dantes porveitara a ordem em dar a bandeira a hum parente seu, de modo que sendo cabo de esquadra tal como he dito merecera qualquer couza de [h]onra.

Deve sobretudo ser homem de muito cuidado e ter conta com todos os soldados de sua esquadra e saber-lhes [fl. 22] as po[u]sadas porque a qualquer [h]ora que lhe mande o sargento a juntar sua esquadra para o que se oferecer o possa fazer facilmente.

E em o das guardias no posto em que o meterem com sua esquadra há-de entender que a elle se lhe encomenda e [h]am de dar conta delle. Não deve ser perigoso de noite no mudar das sentinelas nem premitir que o que estiver de sentinela [deixe]⁹² seu posto a outro se elle o não for

⁹² Suporte apresenta um pequeno buraco que impede a leitura, perante isto, e dentro do contexto, apresentamos uma sugestão de leitura.

meter nelle porque nisto faz dous erros o sentinela, hum em deixar o posto quando o deixa o cabo de esquoadra e o outro em dar o nome a quem vem fazer sentinelas, asim mesmo sem o cabo ainda que seia mui conhecido e de sua companhia em nenhuma maneira o sentinela deve de dar o nome a outro, mas todos lho [h]ão-de dar a elle. E se acaso polla parte donde o tal cabo de esquoadra estiver de guardiã soceder vir algum a des[h]ora da noite ainda que traga nome, dizendo que vem com algum recado, não o deve deixar entrar na terra ou no campo assim de supito senão mete-lo em seu corpo de guardia e mandar hum soldado a seu capitão com o recado que o tal trazer.

Não toca ao cabo de esquadra fazer sentinela em paz, nem em g[u]erra, senão ordenar o que he [fl. 22v] dito e guarde-ce de envelhecer no tal officio porque não digão os soldados como soem dizer:

No te hago tanto mal
la fortuna y sus reveses
como al pobre frexenal
que lo hizo caporal
trinta anos y treinta meses

DAS PRAÇAS MORTAS DE HUMA COMPANHIA

[H]avendo já formado a companhia com capitão e officiaes falta agora os instrumentos mediante os quais se entendem as ordens que os officiaes dão na g[u]erra, as quais não se poderião entender ditas por a boca por grande ruido das armas. Estes são os tambores e pífaro e asim deve de ter huma companhia dous tambores e hum pífaro dos quais em seu lugar dizemos suas obrigacoins.

Alem disto paga El Rei ao capitão hum capellam, hum cirurgião, hum furriel e hum abandeirado, estas se chamam as prasas mortas porque ainda que o capitam as não tenha todas como presente ao dia da mostra qualquer pessoa para ellas lhas pagão [fl. 23] estas praças mortas sam as que podem servir estrangeiros em companhias de espanhois mas de soldados nam porque seria possível servindo algum de outra nação por saber bem a língua se em sua pátria fizessem a g[u]erra od espanhois contra ella que o tal soldado vendesse hum excersito ou huma g[u]erra entendesse isto de estrangeiros nam tendo para isso particular licencia del Rey ou do general.

Asi mesmo deve de ter huma companhia por o menos trinta moços que são tão necessarios como os próprios soldados para o serviço de seus amos, e estes podendo ser naturaes sam muito milhores porque delles como [h]avemos dito se fazem os finos soldados e se forem estrangeiros advirtão seus amos que dai soem proceder as espias. Tambem he neces-

sario em huma companhia permitirem-se algumas molheres, algumas molheres com tal que estem livres e não amansebadas porque em as Republicas bem regidas de dous males se toma o menor.

O ultimo que huma companhia há mister he por o menos trinta cavalos e estes se entende que os tenham seus donos para as prestezas e expidicoins que soem suceder na g[u]erra e porque em hum caminho comprido não [fl. 23v] pode hum cosolete sendo homem nobre ir de contino a pe, devem ser estes cavalos pequenos e não embarasozos porque para o passo da bandeira qualquer cavalo basta e qualquer conserto que o infante quoado levar huma tamica por loro ira mais curioso pois sua profissão não he de acavallo senão de pe e a estes cavalos lhes manda El Rey dar o comer.

DE QUOANTAS COMPANHIAS HÁ-DE SER HUM TERÇO E QUE COUZA HE TERÇO

Formasse hum terço de doze companhias do numero já dito que vem a ser tres mil homens e da que lhe veio o nome de terço, a imitação das ligiões dos Romanos ainda que diferem em pouquo numero porque huma legião romana era de tres mil e trezentos e trinta e tres soldados. Chamasse entre a nação espanhola *terço*, entre [a] aleman e *ballona*, *Rigimento* entre a Italia e francesa *coronelia* por maneira que o terço [h]á-de ter doze companhias as onze com capitães e a huma sem elle [fl. 24] porque o mestre de campo he capitão della, a qual companhia serve seu alferes e de todas as doze esta he a demais prehemencias e asim acodem a elle todos os que [h]ão sido officiaes e gente mais aventajada toqua-lhe a esta companhia em qualquer lugar que estiver com outras comesar ella a fazer guardia e assim mesmo alojar em o melhor da terra: ser a primeira em receber quaisquer municoins. Esta companhia com outras nove das do terço sam de piques e as outras duas de arcabuzeiros tem huma esquadra de só cosoletes que trazem alabardas, os quais sam a gente principal della.

Sam estas companhias para os capitães mais [h]onrozos e para os soldados de mais trabalho porque a ellas lhes toca hum dia de vanguardia e outro de retaguardia, asim mesmo ir tomar postos, fazer escoltas, meter pontes, finalmente todas a[s] expidicoins e prestesas da g[u]erra e assim arcabuzeiros destas companhias devem ser os melhores e mais moços, mais levantados e soltos para poder sofrer os continuos trabalhos da g[u]erra e seus desasosegos.

Toqua-lhes a estas companhias em g[u]erra não fazer guardia de noite se não de dia, devem estar os soldados [fl. 24v] destas companhias destrisimos e apercebidos para recolher-se presto a qualquer [h]ora a sua bandeira quando ouvirem a caixa.

Ser capitam de arcabuzeiros he hum pouquo de mais [h]onra que de piques, não porque tenha mais soldo, senão porque corre mais perigo e asim fazem capitaes de arcabuzeiros os arcabuzeiros mais velhos. Tem nestas companhias todos os arcabuzeiros em geral a quatro cruzados de soldo e em a dos piques não senão a terça parte delles e os mais a três cruzados para que o capitao os reparta entre eles de ventagem.

Toqua-lhe ao capitão de arcabuzeiros em auzencia do mestre de campo se estiver com outras companhias governar e ser capitão a g[u]erra que dizem. E porque muitas vezes se oferece em huma g[u]erra de pouco numero não ser nescessario que o tal terço tenha todos os instrumentos e adereços que hum exersito os quais iremos dizendo por ordem ai diante declarada. [fl. 25]

DO CARGO DE MESTRE DE CAMPO

Ho mestre de campo o superior de hum terço a cujo cargo esta todo elle e asi faz nelle a própria figura que hum general em hum exercito de saber que poderá hum homem exercitar todos os cargos e officios de g[u]erra com mediana pratica de soldado e boa [h]abilidade mas para este vá mister ser nascido, criado e esprementado na g[u]erra por que o próprio nome o manifesta que mestre de campo nam quer dizer outra couza senão mestre da milícia.

He quanto ao primeiro justiça maior de todas as pessoas de qualquer calidade de seu terço para o qual he mui nescessario que juntamente com o conhecimento e pratica que [h]á de ter das g[u]erras e couzas della, tenha calidade de pessoa pois talvez pode vir que será nescessario reprehender e ainda castigar com a espada a humvcapitão que por via de justiça não podem sem ordem do geral e para isto há mister a calidade dita; toca-lhe entrar em Conselho de g[u]erra sendo chamado [fl. 25v] toca-lhe nomear todos os officiaes maiores de seu terço como sam:

- Sargento mor;
- Capitam de companhia;
- Auditor;
- Forriell maior;
- Tambor mor.

Estes officiaes nomea o mestre de campo para o seu terço e o capitam geral os confirma. Convem ao mestre de campo saber entender tudo quoanto se pode saber da g[u]erra assim em campo como em prisidio e porque ainda que delle ham-de nascer todas as ordens e não he licito nem convem a sua reputação que amde dando a boca para isso tem hum ins-

trumento proprio de sua língua e vontade que he o sargento-mor, o qual ordena e poem em efeito tudo o que lhe mandar.

Asim mesmo temos de mais officios nomeados cada qual para seu efeito os quais officiaes devem ter sempre junto a sy e no lugar onde residir para que os possa mandar mais depressa e quoadando se [fl. 26] dar alguma ordem a algum capitam que importe ao serviço de El Rei deve-lha dar por escrito firmada de seu nome porque o tal capitam não possa se fazer algum erro, negar o que [h]ouver mal feito. Em qualquer parte que o mestre de campo estiver pode ordenar em seu terço o que parecer ser mais conviniente o governo delle, pondo por escrito as ordens que prove e assi asinalados os utensílios e serviços que a gente de seu terço se lhe devem dar, e os mandados que elles devem observar em fim, he mestre de campo hum cargo que qaunto mais o for mais [h]aver que dizer e entender delle.

O que tambem deve deitar em conta he ver reconhecidos os officiaes e capitães de seu terço para o ocupar cada hum, segundo tiver a pratica de maneira que melhor aproveite no serviço del Rei e saber qual companhia de seu terço he demais e menos gente: e se for possível ter conhecimento da maior parte dos soldados e nomea-los por seu nome, que obriga muito a hum soldado quando o nomeão por seu nome e lhe mandão fazer alguma couza. Asi mesmo deve ordenar que todos os officiaes de seu terço sejam respeitados [fl. 26v] como sua própria pesoa desde o cabo de esquadra ate o capitão, e se algum se descomedir contra algum official castiga-lo irrimivelmente como asegoro la hum fidalgo em Frandes que lhe custou a cabeça a punhar para hum sargento. E pois se lhes há-de ter forcozo respeito, também se lhes deve de ordenar aos officiaes que seião bem quistos e pasificos e que a nenhum soldado tratem mal se não fizer porque especialmente no jogo e em outras partes fora do serviço del Rei onde poderiam perder seu direito sendo descomedidos e porque muitas vezes os soldados alegão despois de [h]aver-lhes perdido respeito que os não conheçião se deve mandar que todos os officiaes tragam consigo as armas que lhe tocarem. Se for sargento huma alabarda, se alferes hum venablo, se capitam huma gineta.

As armas que ao mestre de campo tocam sam na g[u]erra hum peito forte e andar sempre a cavalo com hum bastão na mão, o qual bastão será ferrado porque algum de baixo entendimento que fingir ser afronta dar o mestre de campo ao sargento-mor com o tal bastão que tras na mão [fl. 27] porque a sospeita pois se entende que qualquer bastão ou pao que tiver em si alguma couza de ferro dando a algem com ele, não são panquadas de pao porque já se tem por instrumento de armas como este ferrado.

Toqua-lhe mais ao mestre de campo trazer doze alabardeiros de guardiã, os quais lhe paga el Rei em paz e em g[u]erra.

DO SARGENTO-MOR

Sargento-mor, como esta dito, havendo de ser instrumento da lingoa e vontade do mestre de campo e dos mais officiaes supremos de hum exercito, deve ser nas couzas de g[u]erra tão pratico como o que o mais for e melhor se for possível, pois se sabe a diferença que há antre o praticar das armas e o uzar dellas, por maneira que o sargento-mor, que he o que [h]á-de por em efeito todas as feiçoins na g[u]erra e formar quaisquer esquadrões, deve por rezão ser mais pratico que o [h]á-de mandar. Nunca os Romanos ouzavão confiar de ningem este oficial senão o mesmo que era superior do exercito ouzava.

[fl. 27v] E quanto ao primeiro o sargento-mor deve saber ler e escrever e contar porque sabendo isto fará com facilidade qualquer diferença de esquadroins e o que mais tocar a seu officio, e não o sabendo lhe será difficuloso faze-lo. E de saber que tem liberdade para andar a cavallo por entre quaisquer esquadroins e ordens de soldados e pode tomar qualquer cavallo de infante que lhe parecer, estando o seu cansado. Há-de ter forçadamente hum ajudante, que dizem o qual se faz de hum sargento diligente. Este ajudante deve ser homem que elle faça o officio e não o officio a elle porque sera melhor respeitado pois o deve ser tanto como o mesmo sargento-mor por ser sua feitura. E para que o sargento-mor asi mesmo seria melhor respeitado sendo como he officio tão prehemimente não se diviria fazer de alferez como se faz senão de capitão, e dos mais prácticos e antigos, dando-lhe mais soldo que o capitão porque se tivesse por maior cargo. Nem tão pouquo deviria ser o sargento-mor [fl. 28] como muitas vezes o he capitam e sargento-mor nem em a g[u]erra se deve premitir que hum tenha dous officios porque não soceda o que em a bateria de Alchemar que [h]avendo ferido o sargento-mor encomendaram o cargo ao Alferez Urtis e no dia do asalto como elle fose mais obrigado a sua bandeira que não ao officio e deixou o officio e tomou a bandeira. Fez tanta falta aquelle dia o sargento-mor que não somente não se tomou a terra, mas morrerão asas capitães e soldados. E quanto as obrigações do sargento-mor em prizidio deve em entrando nelle reconhecer, se for terra murada, a muralha e postos e olhar onde se [h]ão-de por os soldados se [h]ouver de ser de asento que se facão guaritas. E asim mesmo fazer aos governadores ou justica da terra que cada noite de lenha para o corpo da guardia e lanternas para os rondas e logo se for em auzencia do mestre de campo e o sargento-mor for capitão tocar-lhe-á governar as demais companhias que tiverem com a sua, fará de qualquer infantaria que no tal prizidio estiver três partes para que cada huma va per sua ordem, entrando cada noite de guardia comesando por a sua deve o sargento-mor ao tempo que a companhia [fl. 28v] ou companhias entrarem de guardia estar na

praça donde entrarem com seu bastão na mão, olhando os soldados que dispararem bem os arcabuzes com grasa e prestesa, que he o que hum bom arcabuzeiro deve ter e seu arcabus não for da munição de mestre Gaspar mandar-lho melhorar e asim mesmo entre os arcabuzeiros não deve consentir arcabus de pederneira, nem que arcabuzeiro entre de guardia sem morrião.

Aos piqueiros tambem olhara se lhe falta alguma peça reprehende-lo e castiga-lo-a, se for nescessario publicamente, para que os demais tomem exemplo porque dizia o sargento-mor Pero de Lapax todas as armas que na g[u]erra elle as procurara asi que não se deve premetir a nenhum soldado lhe falte peça de suas armas, nem serviço com as armas negras sujas nem molosas(?) porque na g[u]erra mais luzem as armas brancas e tudo o que se espaventa mais ao enemigo nos he de proveito e por isso os tudes-cos trazem aquella forma de carsas porque avultem mais em seus esquadroins as fundas e nos piques [fl. 29] sam nescessarios porque ajudam a leva-los ao hombro e parece melhor em esquadroins.

E já que a guardia seia metida onde o sargento-mor [h]ouver considerado e que se for em paz será ao sol posto, e se em g[u]erra dispôs de escurecer porque não veção os inimigos a que parte estão os guardas ou os sentinelas, advertir-se-á que em paz né[m] em g[u]erra não de o sargento-mor o nome ate serem serradas as portas da terra.

E se [h]ouver no tal prizidio mais nações que á espanhola, toca-lhe ao sargento-mor repartir os quartéis deste modo: os espanhóis terão todas as portas e partes mais fracas da terra a aos estrangeiros dará a parte mais forte da terra ordenando que huns e outros não saibam as noite[s] que lhes couber de guardia onde [h]ão-de estar senão que no corpo de guardia principal, que seia na prasa os esquadroes que são os que toca ir aos postos e farão entre si e com os dos dados postos a que [h]ão-de ir despois de lhe [h]aver cabido por sorte ao tal cabo de esquadra o posto onde [h]á-de fazer a guardiã, fará tambem rifas entre os tres soldados a que toca [fl. 29v] sua sentinela, a qual lhe cabe a prima a qual a modorra que se vela a noite e nisto aserca da companhia nenhum deve fazer caso de [h]onra pois por não [h]aver esta vigilança se perdeo Casar de Monferrara no Piamonte depois de feito isto ao ponto de selar das portas se achara o sargento-mor presente ordenando que todos os soldados que a tal porta estiverem de guardiã, em corpo e com suas armas nas mãos.

Despois de cerrada a porta tomara as chaves alguns arcabuzeiros de guardia as enviara com o sargento da guardia ao governador da terra se elle não for o qual sargento pediria o nome ao governador porque não he justo que o sargento-mor tome o nome senão ao capitão-geral ou o de seu mestre de campo. De noite tomara do corpo da guardia os soldados que

lhe parecer e com elles visitara os sentinelas em rondas e donde achar discuido reprehende-lo-á como vir ser rezão.

Em os corpo da guardia ordenara q [h]aja [fl. 30] sempre silencio e se tem vigilantes isto se entende em paz, mas se a tal terra estiver sitiada em toda a noite não devem dormir antes andar de huma em outra parte olhando e provendo o nescessario, especialmente noites tempestuozas e as de regozijo como sam das Pascoas e festas deve ser dobrada a guarda e o recato e quando os soldados entendão que o sargento-mor dorme, entam deve de acodir que como fazer huma vez entenderão que sempre [h]á-de ser assim e viverão recatados pella nem há ao abrir das portas da maneira já dita via, por as chaves, o sargento com guardia e ao abrir da porta antes que ning[u]em saia, tendo todos as armas nas mãos, se for em paz deixara alguns arcabuzeiros fora por a porta pequena e reconhecerão ao rededor da porta a campanha e vendo-a estar segura tornar-se-ão e abrir-se-há a porta grande, sahiram primeiro os carros e bagage[m] por ordem, e a mais gente que [h]ouver de sair, e dispois que os de dentro [h]ouverem saído, entrarão os que estiverem para entrar por a mesma ordem porque sendo de outra arte encontrar-se-ão homens [fl. 30v] por sair e outros por entrar e farião ali comfusão.

De dia tambem deve o sargento-mor visitar os corpos de guardia e olhar que sempre aja fogo asezo para as mechas dos arcabuzes. E que as armas estem lestes, penduradas em huns pregos que deve [h]aver no corpo da guardiã e visitar as portas olhando se há ali de redor da porta alguma gente de trenda reprehende-lo-á e ordenara que os que as tais portas estiverem de guardia tenham alguns espetos de ferro com que apalpem e tentem os carros de palha, feno ou ou outras couzas de volume que por a tal porta entrarem; dessa vigilância nos deu avizo César de Nápoles quando quis entrar em Turril com os carros de feno dentro delles a gente armada, o qual não saiu com seu intento.

Feito isto toca-lhe ao sargento-mor ser o g[u]ia e amparo de todos os soldados de seu terço provendo que aja espriteaes onde curem os que adoecerem e que se lhes de aossoldados os serviços que lhes dará e mandar El Rei e que a [fl. 31] a terra ponha almazeins de pam e vinho e carne sem sisas, nem imposisam ao preço que el Rei tem ordenado. E se padecerem os soldados nescessidade impossivelidade fazer que a terra empreste a boa conta emfim que como há-de castigar o mal viver do soldado, lhe deve tambem procurar dar-se-lhe com que viva porque faltando-lhe isso ao soldado couza desavergonhar-se e não ha rezão para estrovar-lho.

Em querendo o sargento-mor sair a campanha com o seu terço pideria o dia antes a justiça da terra que o proveja das bestas e bagagem que for nescessario de sorte que lhe sobeje e não lhe falte: assim mesmo pidira g[u]ias que saibão o caminho que [h]ouverem de fazer.

Repartira a bagage deste modo: apartara, primeiro, para as monições e artelheria, se a [h]ouver. Logo para o hospital e assim mesmo para seu mêt-re de campo e para si, e as demais repartira aos capitães em partes iguaes conforme ao numero que cada qual tiver. E aquella noite mandara ao atambor-mor que deste bando que todos se apercebam [fl. 31v] para marchar ao outro dia pela manhã e ordenara o capitão de campanha a cujo cargo isto esta que faça carregar a bagage, em amanhecendo, dará ao forriell-mor por escrito a parte onde aquele dia se há-de ir alojar e assi mesmo nomeara os que com elle [h]ouverem de ir e dará ordem a companhia ou companhias de arcabuzeiros que for de vanguardia ordenando-lhe que faça alto a quinhentos passos e dali não deixe passar ning[u]em senão os que forem com alguma ordem ou recado logo mandara sair o bagage e em sendo todo fora da terra toquando a caminhar sairão as bandeiras, farão alto a saída da terra em parte espaçosa e asi emquanto se acaba de juntar o bagage formara hum esquadrão, dos quaes esquadrões aqui trataremos por ser seu lugar.

He esquadrão huma forma de emparo em muralha onde todo o fraco de hum exercito se recolhe e debaixo da proteção do pique.

[fl. 32] As demais armas saem a escaramuça, diz-se esquadrão porque mediante estar todas as forças em ordem unidas em elle, assim pelejam os fraquos como os fortes porque se ajudam huns aos outros. Entende-se o formar dos esquadrões com os piques sos dos quais há muitas sortes as que de ordenança mais usa á nação espanhola sam quatro:

- Esquadram quadrado;
- Esquadrão prolongado;
- Esquadrão de grão forte;
- Esquadrão quoadro de terreno.

O que por a melhor parte he tido por melhor he o quoadrado, do qual se deve de uzar em campo chão tem-se por melhor e mais forte porque he igual por todas as partes e assim há-de ter tantos soldados de frente como de costado, como de fundo para poder formar esta sorte de esquadroins bem e facilmente deve saber o sargento-mor o rex quadro, ao qual rex quadro chamão os Aris[t]meticos o numero maior de quatro que de por si se murtiplica desta maneira.

[fl. 32v] Se quizessemos fazer esquadram quadrado de mil e seiscentos piques, que sam os que deve ter hum terço, tomaríamos o rex quadrado deste numero que he quatro, e diríamos quatro vezes quatro sam dezasseis, quereria tanto como dizer quarenta vezes corenta sam mil e seiscentos, e assim saira este esquadrão de corenta fileiras e de corenta

soldados cada fileira e será quadrado porque tera corenta homens por frente e corenta por cada costado e corenta para o fundo ou espalda, mas se quizesemos o fazer o próprio esquoadram quadrado de mil e trezentos piques que não tem esse numero rex quadro chegar-nos-íamos ao mais chegado que o tem que he o de mil e seiscentos e os de trezentos piques que sobejão demenui-los hiamos desta maneira e lhe tirariamos de comprimento quatro fileiras de corenta soldados, e dos trinta e seis ou três ou quatro soldados de cada fileira assim ficaria este esquoadram quadrado porem faltar-lhe-ião logo em huma fileira quatro soldados por não ter perfeição este numero o rex quadro outra ves querendo fazer o mesmo esquoadram de dous mil e quinhentos piques tomaríamos [fl. 33] rex quadro desse numero que he sinco diríamos sinco vezes sinco sam vinte e sinco que he o proprio que dizer cincoenta vezes cincoenta sam dous mil e quinhentos e asim ficaria quoadrado de cincoenta fileiras de cincoenta soldados cada huma.

Mas se quizesemos fazer de tres mil piques que não tem rex quadro arimar-nos-íamos ao mais chegado que o tem que he o de dous mil e quinhentos e os quinhentos demais por a ordem que no outro capitulo asima os fomos diminuindo os iremos acrescentando, ajuntando ao comprimento sinco fileiras de cincoenta soldados cada huma e as cincoenta primeiras sinco soldados a cada huma ficaria o esquoadrão quoadrado mas faltaria huma fileira vinte e sinco soldados, a qual fileira se pora diante das bandeiras que he o lugar próprio para toda a fileira falta ou arma curta e todas as vezes que não poder ser o esquadrão quadrado mais val que leve hum soldado a mais de frente que não ao comprido pois por a maior parte sam os esquadrões cometidos por as frentes e se acazo sobejar alguns soldados como sejam poucos [fl. 33v] mete-los-am na ultima fileira que he o seu lugar e asim desta maneira per esta ordem desde sem⁹³ piques ate des mil se formara esquoadrão quadrado como dizer des vezes des cento, vinte vezes vinte quatrocentos, trinta vezes trinta novecentos, todos os mais que tivessem rex quadro per a ordem referida e os que não tiverem feito o demais facilmente se fará o menos he chegando-se ao numero mais profinquo que o tiver o que sobejar ou faltar se compartira por a ordem do exemplo dito com grande facilidade que he o maior primor que a isto se deve ter.

Dita a maneira como se faz o esquoadrão quadrado, diremos como se forma o esquadrão prolongado e a diferença que tem que he ter duas vezes tanto costado como frente, se tem vinte soldados por fileira defronte há-de ter quarenta fileiras deste numero. Esta forma de esquoadrão se faz de

⁹³ Deve ler-se “cem” (número).

duas maneiras: a huma, he se o numero de soldados vier justo a metade do que tiver rex quadro ordena-lo daquela sorte como dizer a metade de mil e seiscentos são oitocentos, os quais virão a sair justos dizendo vinte vezes corenta que sam os mesmos oitocentos por maneira [fl. 34] que se quizermos fazer esquadrão prolongado desse numero se faria por esta conta porque que vinte vezes corenta sam oitocentos e assim teria corenta fileiras de vinte soldados cada huma com doud tanto de comprido como de frente, de outra maneira se forma que he tomando a doplicação por g[u]ia e para os números que não vierem cheos nesta doplicação iguala-los desta maneira que vão fazer esquadrão prolongado dos mesmos mil e seiscentos piques que não tem duplicação cabal chegar-me ai ao mais profimquo que a tem dizendo “trinta vezes sesenta sam mil e oitocentos e os duzentos sobejão toca-los-ei desta maneira duas partes do comprimento e huma de largura, e assim tocando sinco fileiras de comprimento e dous soldados de cada fileira do largo vira a ficar esquoadram prolongado de sincoenta e sinco fileiras e vinte e oito soldados em cada fileira, por não ser numero cabal não poderá ficar igualado.

Porem se quizesemos fazer o proprio esquadram de dous mil piques que tão pouco tem o numero cabal chegando-nos ao de mil e oitocentos que he o mais profinquo da maneira que acolá fomos diminuindo iremos [fl. 34v] ca aumentando ajuntando duas partes do comprido e huma do largo deste modo que ajuntando três fileiras de trinta e hum soldados cada huma que sam noventa e três soldados e em as sesenta primeiras dous soldados em cada fileira que sam sento e vinte vira em boa preporsão ainda que faltara a huma fileira treze soldados, a qual se porá no lugar referido e assim se fará por esta ordem, esta sorte de esquadram de todos os mais numeros.

O esquadrão de grão frente não faz mais diferença ao prolongado que ter duas partes de frente e huma de comprido de modo que querendo fazer do esquadrão prolongado e esquadrão de grão frente não há mais que fazer que fazer-lhe de costado frente e de frente costado, e por o contrario querendo fazer de grão frente prolongado se fará fazendo de frente costado e do costado frente.

O quarto esquadrão he quadro de terreno he extraordinário e que raras vezes se uza, e quando se uza he onde ai enffinita cavalaria enemiga, então se faz o esquadrão masiso ate o sentro e do sentro o meio vazio, por maneira que ainda que se o quadrado [fl. 35] o sitio que ocupa não he o de gente não se porem aqui por extenso sua maneira ensinar a contar senão a huma prontidão de memoria que com presteza se efeiture para qual diviria o sargento-mor antes de o ir ao efeito ter feito na memoria hum [h]abito geral de todo numero de soldados para toda a diferença de esquadrões.

Outras formas de esquadrões ha que sam triangulado, lunado, oval e em crus, dos quais uza a nação esgenisera e jamais a espanhola porem não teria a mal que o sargento-mor soubesse todo a maneira de usar dos esquadrões asinalados a disposição da terra e o sargento-mor deve entender.

Em o demais acerca da guarnição ning[u]em deve ignorar que o esquadrão dos piques há-de ser guarnecido de arcabuzeria e guarnese-se desta maneira pondo a cada lado das fileiras dos piques, outras tantas fileiras de arcabuzeiros que alapar este iguaes dos piques e estas fileiras de arcabuzeiros serão de sinco ou sete cada huma porque cada lado não deve ter mais porque o pique não pode emparar mais arcabuzeiros esta guarnição será das companhias de arcabuzeiros porque he a arcabuzeria [fl. 35v] mais destra e melhor dos demais novecentos arcabuzeiros que sobejão far-se-ham quatro mangas cada huma das quais se deve por a esquina do esquadrão da forma que estão os quatro baluartes em hum castelo e porque muitas vezes socede que em hum terço de espanhois há muito menos piques que os ditos e despois de ser guarnecido o esquadrão e feitas as quatro mangas de duzentos e sincoenta arcabuzeiros que não devem ser maiores sobejam todavia muita arcabuzeria, esta arcabuzeria que sobeja he opinião de todos os que niso [h]ão praticado que se ponha em ordem no centro do esquadrão primeiro que se comece a formar e ali este não arcabuzeiros antes piqueiros, senão os arcabuzeiros juntos guarnecidos com seus piques e dali podem disparar seus arcabuzes abaixando os piques dianteiros, hum pouco o corpo e também poderão sair quando fose nescessario e tornar-se a recolher a seu posto pois os romanos em tempo antigo fazião de toda a sua gente três esquadrões ou falanges que chamavam e se acazo o primeiro que aremetia era roto e desbaratado abrindo-se o segundo o recolhia em si e pelejava todo abrindo-se o segundo e recolhia em si desordenar-se: e se os dous nem mais nem menos [fl. 36] erão rotos, o terceiro os recolhia a ambos em si sem confundir a ordem porque tinham já muito uso e exersisio della.

E porque não he todas as vezes o caminho tão largo que posa caminhar por elle o esquadrão he fazendo a ordem com toda sua frente e tambem porque va a gente mais a seu prazer e desafogada, o ordinário caminhar do esquadrão he fazendo a ordem do numero dos soldados que há-de ter a terça parte do esquadrão despois de formado *verbi gratia* ha-de ter trinta fileiras de trinta soldados, sera a ordem de des soldados que he a terça parte de tritna e se [h]ouver de ter corenta soldados será de treze que he a terça parte chegando-nos ao numero mais profinquo e perfeito.

Agora que esta dita a forma dos esquadrões e do caminhar, comese-se a caminhar com o terço tornando adonde nos partimos já a companhia de arcabuzeiros vai diante a quinhentos passos, como fica dito a folhas

corenta e três; o capitam de campanha com seu estendarte vai em seu sigimento (a qual bandeira segue logo o bagagem e gente do sirviço do terço); o sargento-mor a demais arcabuzeria, exceito as companhias de arcabuzeiros [fl. 36v] [h]avera feito duas partes e asim mesmo dos mosquetes e em sigimento do bagagem comesara a huma parte destes arcabuzeiros a caminhar no numero da ordem que [h]ouverem de vir os piques, e em sigimento desta parte de arcabuzeiros entravam logo os piques por a ordem dita advertindo que a terceira parte do numero de fileiras que fizerem com a tal ordem vam a metade das bandeiras; e logo em sigimento dellas vam outra terça parte de piques donde entrara logo a outra ametade de bandeiras e sucessivamente atras as segundas bandeiras, vira a terceira parte de piques e em seu sigimento a outra ametade da arcabuzeria; e he de entender que sempre os mosquetes am de ir diante dos arcabuzeiros e ha-de ser a arma mais forana e apartada do esquadram.

Indo caminhando esta gente desta maneira tornara o sargento-mor a terra donde [h]ouver saído [h]aver se com a partida se fazem algumas desordens das que soem ou se algum soldado for nigligente em sair com a bandeira ou se alguma bagagem ou outra couza fica por carregar; todos estes discuidos reprehendera com rigor apercebendo que outro dia nam socedam.

[fl. 37] Logo mandara a outra companhia de arcabuzeiros que fica de retaguardia que saia do lugar se ainda nam for saída e que va sempre outros quinhentos passos atrás do esquadram sem deixar alguma couza por o caminho que não leve diante porque a retaguardia serve disto então se tornara o sargento-mor a pasar ao esquadram e mandara sobir a cavalo os capitães, alferez e os mais soldados, que tiverem cavalos e ate que o sargento-mor lho mande, não devem cavalgar, e compartira os soldados desse modo: tres delles com a arcabuzeria de vanguardia, outros tres com a vanguardia dos piques, outros tres com a vanguardia da arcabuzeria da retaguardia, outro capitam com os infantes que forem a cavalo, os quais viam as espaldas dos piques se forem piqueiros e dos arcabuzeiros se forem os moços dos soldados que vam a cavalo iram nas derradeiras fileiras no lugar de seus amos com os piques na mesma ordem. Deste modo caminhara o esquadram, e iram os sargentos das companhias por os lados olhando que não se desordenem.

Quando seja ja alto dia em lugar donde [h]ouver agoa em ordem como forem, parara a gente e comeram do que levarem. Logo caminharão o que lhe faltar da jornada [fl. 37v] tendo cuidado o sargento maior de fazer alguns altos de quoando em quoando porque a gente não desfaça a ordem nem va com trabalho. A palavra quando passar, deve passar com cuidado e sem se grasejar com ella, como mal se costuma. Estando já hum quarto

de legua do lugar donde aquella noite ham-de parar se apearam os capitães porque de[e]m o exemplo aos soldados e todos os que forem a cavallo e tomaram suas armas e chegados ao lugar na parte mais commoda formara o sargento-mor o esquadram emquanto se descarrega a bagagem e se reconhecem os quartéis e sera desta maneira.

O terço dos piques que for diante formar-se-há e parara em lugar conveniente logo as primeiras bandeiras sairão com o segundo terço dos piques e por a mão direita se ajuntarão com o primeiro igualando humas fileiras com as outras; saíram depois as segundas bandeiras e entrarão por a mão esquerda com o terceiro terço dos piques e juntando-se com os dous demais e igoalando asim mesmo as fileiras ficaria o esquadram coadrado do numero que for. Os alferez entam terem cuidado de meter-se com suas bandeiras em seu lugar **[fl. 38]** que he sempre na terceira parte do numero das fileiras de qualquer forma de esquadram.

Para guarnercer-se apartar-se-ão as duas ametades de arcabuzeria cada huma por hum lado do esquadrão e a companhia de arcabuzeiros que for de vanguardia entrara guarneendo o lado direito dos piques igualando cada fileira de arcabuzeiros com cada huma dos piques, logo a companhia dos arcabuzeiros de retaguardia entrara guarneendo sinestro por a mesma ordem as duas partidas de arcabuzeria dos lados por-se-ham em a proporçam das mangas.

Estando asim formado para entrar no alojamento ou para tornar a caminhar se fará por a ordem que se fez, que será saindo a companhia de arcabuzeiros da guarniçam da mão direita e cobrando seu posto diante: logo a manga da ametade da arcabuzeria assim mesmo direita e porá em vanguardia e hum terço dos piques a suas espaldas e como dantes as primeias bandeiras; os outros dous terços de piques com a outra ametade **[fl. 38v]** de bandeiras por a ordem referida sahira a companhia de arcabuzeiros da guarnição do lado sinestro e tomara sua retaguardia e as espaldas de todos os piques se porá a outra manga sinistra e ira como vinha antes que formarem o esquadram, advertir-se-ha que sempre no fazer ou desfazer estas ordens se começe por a mão direita não porque tenha mais ventagem que a sinistra senão porque levem todos os actos mais perfeição.

Mas formando o esquadrão na ordem asima dita, entrara no alojamento ate a praça do lugar e ali o sargento-mor alçando o bastam em alto os licencera que se vam a seus quarteis avendo apercebido primeiro o alferez as suas companhias a que aquella noite tocar a guardiã, irá logo o sargento-mor a saber do mestre de campo geral, se for em campanha donde ha-de meter guardia de seu terço e se há algumas monicoes que reseber e o caminho que se [h]á-de fazer o outro dia, para isso se deve ajudar o primeiro de seu ajudante para o das monições do forriell maior para reco-

nhecer os caminhos e buscar g[u]ias e bagagem [fl. 39] do capitão de campanha para aperceber as companhias que forem de guarda do tambor maior tem este officio huma prehemencia muito grande e he que na g[u]erra para o sargento-mor na tenda del Rei ou do general não há-de [h]aver porteiro, asim mesmo em seu terço nenhuma couza se há-de fazer, nem acabar, nem deitar bando, nem outra couza que seia de g[u]erra sem ordem do sargento-mor.

E por a confusam grande que soe [h]aver no caminhar dos terços, he desta maneira que [h]avendo mais que hum ou muitos asim de naturaes como de estrangeiros juntos, os huns com os outros, fazem três partes; e o primeiro dia que [h]ouverem de caminhar deitarão sortes sobre a qual parte das tres lhe toca a vanguardia, a qual a batalha e a qual a retaguardia; dali por diante já fica sabido que o que [h]oje for de vanguardia, amanhã he de batalha, e o que de batalha de vanguardia.

Em o caminhar de hum terço quouando caminha so também há differenças porque alguns soldados [fl. 39v] querem ir sempre de vanguardia, para isto ordenara o sargento-mor ao tempo que faz duas fileiras das bandeiras, que os soldados daquelas bandeiras que aquelle dia forem de vanguardia, vão ao outro de retaguardia e os que aquelle dia forem de retaguardia vam ao outro de vanguardia, exceito que a primeira fileira de piques de todo o esquadrão toqua aos que o [h]ouverem sido capitães, e a fileira que estiver em vanguardia das bandeiras toqua aos que [h]ouverem sido alferes, e a que asim mesmo estiver atrás das bandeiras toqua aos sargentos e gente aventajada: entendesse isto vindo bem armados e que não lhes falte peça e trazendo piques compridos, porque faltando-lhes alguma destas couzas perderam seu lugar e direito, e entrara nelle o que lhe nada faltar.

Ao sargento-mor na g[u]erra tocar-lhe-á para andar ordenando; hum peito forte e selada e hum venablo na mão, porem podendo-o escusar nam deve pelejar porque poderá fazer por hum e se se perder, perde a muitos. Fique por dizer que deve ser o sargento-mor em tudo tam diligente e certo que nunca [fl. 40] se lhe reconheça erro porque dizia Joham Romero que não se podia dizer pequeno qualquer erro que fizer o sargento-mor pois esta aos olhos do seu general e de todo o excersito.

DO CAPITAM DE CAMPANHA

O capitão de camapnha que por outro nome se diz bacharel, he officio honrado e poderá sirvi-lo hum sargento que seia pratico, porem nenhum que aja sido alferes porque de capitam de companhia pode vir a alferes e não se perder nada. Esta conta se deve ter na g[u]erra que nenhum de officio maior descenda a menor que he grande infâmia, nem consinta o que

for oficial que em elle se preverta a ordem como seria se foi sargento e faltar alferez não lhe darem a bandeira, e se alferez e faltar capitam não lhe darem a companhia porque alem de ser cazo de desprezo, sospeitasse que não merese o officio que lhe tiram nam [h]avendo de ser asim que pois mereceo ser sargento também merece ser alferes, de modo que melhor lhe esta ao tal oficial tornar a servir de soldado que não o oficial que tinha [fl. 40v] quando lhe não dam o que lhe cabe.

Tornando ao capitam de campanha he o próprio em hum terço que hum meirinho em huma cidade elle pode prender toda a sorte de oficial e soldado, sua caza há-de ser casere, deve ter prizões em que meter os dilynquentes ou os que romperem algum bando ainda que algumas vezes no campo he juiz absoluto e pode tirar a vida ao que achar em fragante dilito e como isto se deve fazer se dirá em seu lugar a folhas oitenta.

Tem o capitam de campanha hum tenente e para ir fazer qualquer prisam ou correr a campanha ou por guardar aos prezos lhe deve dar o sargento-mor quaisquer arcabuzeiros ou gente de cavalo que pedir e [h]ouver mister. Toqua-lhe ter conta com bagagem de seu terço e faze-lo sair quoando caminhar e leva-lo a seu cargo em ordem desta maneira, já se tem dito que há-de ter hum estandarte pequeno, com o tal saira diante do seu tenente, fará alto a saída da terra em parte espaçosa onde o veja toda a gente de serviço e bagagem do campo se recolha, e em vendo que esta recolhida começara a caminhar [fl. 41] o estandarte diante nam permitindo que alguém passe diante delle e logo em seu sigimento iram todas as mulheres que forem a cavalo e a mais gente de serviço, apos isso todos os carros, nas costas dos carros as bestas de carga, o ultimo será as municoes e artilheria.

Andara o capitam de campanha huma e muitas vezes olhando nam desfaçam esta ordem, nam atravessemos trigos com os cavalos, nem entrem em jardins, nem [h]ortas, quoando por ellas passarem que tudo isto toqua ao bom governo, e se alguma molher, viandeiro ou moço de soldado achar fora desta ordem pode desbatisa-lo e deixa-lo nu tomando para si os despojos.

Toqua-lhe ajudar a tomar as municoes de seu terço e dizer aos preços que [h]am de ter os mantimentos no campo aos que os vendem e escrevendo-os em hum papel onde os tenham a vista, e se vir que quebram a taxa do preço que lhes for posto. Poderá apermia-los mas moderadamente e por isso há-de cobrar cada semana estando em prizidio dos que venderem qualquer mantimento hum certum quis se lhe ordena. [fl. 41v]

DO AUDITOR

O auditor de hum terço ha-de ser letrado, porem mais soldado que letrado, porque ainda que [h]aja de determinar as couzas siveis que socedem entre soldados e os crimes, quando em pax lhos remetem, he nescessario que considere que as leis para a gente de g[u]erra nam ham de ter tam graves, nem severas como para a cidadam que não anda na g[u]erra por as liberdades que de contino trás contaijo a mesma g[u]erra e se lhes premitem nem menos [h]a-de deixar de fazer justiça, mas se a fizer seja de arte que nam passe os limites da clemência, pois o direito diz que aquelle vai contra a lei que seg[u]e o rigor da lei.

Ao tal auditor lhe pagão El Rei hum meirinho e hum escrivão que elle nomear, o qual escrivão pode fazer quaisquer instrumentos e escrituras publicas e testamentos que socederem antre soldados com a autoridade do auditor, o qual não pode dar sentença alguma sivil, nem crime, sem o comunicar com o seu mestre de campo, que he o seu juiz supremo. [fl. 42]

DO FORRIEL MAIOR

O forriell maior, que he tanto como aposentador maior de hum terço, deve ser soldado pratico que saiba alojar hum terço e, se nescessario for, excersito que se o sabe fazer bem feito não fara pouquo há-de saber por força ler e escrever asim mesmo há-de ter noticia do numero da gente que tem cada huma companhia das do terço para sabe-la acomodar quando se dividir o terço e quando o terço caminhar alojara desta maneira. Se for alojando por povoado tomara o transito ou parte esquerda para isso e hum dia antes tomara g[u]ias que saibam a terra aonde há-de ir alojar e com os demais forrieis menores e outras gentes, se for nescessaria mais recato ira ao lugar que lhe assinalarem chegando pedir a justiça o padram dos vizinhos da terra por onde pagão sisas ou imposições despois de [h]averem apresentado a ordem que leva senão [h]ouver cazas naquelle lugar que bastem para agasalhar o tercio, já no caminho atrás por onde se [h]ouverem de apartar [fl. 42v] as companhias que forem alojar a outra parte deixara posto papel em hum pão alto que diga as companhias que [h]ão-de ir alojar a outra parte e ao pe delle huma g[u]ia que os g[u]ie [h]avendo já avizado ao lugar a que forem que tenha feito alojamento para tantas bocas e seja de maneira que antes sobeje que falte, não para aproveitar-se disso, senão para escuzar a gente pobre e para dar o alojamento amplio a alguma pessoa particular.

No lugar onde o tal forriell estiver presente despois que lhe tenham dado o alojamento que [h]ouver pedido reparti-lo-há deste modo: sempre no

milhor lugar deve alojar o mestre de campo; a segunda boa e mais chegada a ella para o sargento-mor, logo para os mais officiaes mores do terço e para os criados do mestre de campo, que todas estas couzas [h]ão-de ser perto donde o mestre de campo, que os tenha [h]a mão para pode-los mandar logo antre todo o alojamento mandara escolher tantas cazas milhores como capitães tiver o terço, entrando com elles o alferez do mestre de campo que lhe toqua.

[fl. 43] Feito isto meterão em hum sombreiro as polices donde estiverem escritas estas cazas para estes officiaes e chegara a cada forriell e tomara para seu capitam a que aventura lhe der logo todo o mais alojamento, que o forriell maior tera na mão, ira repartindo por os forrieis, começando por o do mestre de campo, dando lhes tantas boquas como soldados tiverem suas companhias, advertindo que as companhias de arcabuzeiros [h]am de aposentar-se nas entradas e saídas de tal lugar por esta ordem: que a companhia que aquelle dia estiver de vanguardia alojara o mesmo dia a entrada do lugar por onde entrar, porque lhe toqua a retaguardia ao outro dia; e a que for de retaguardia alojara a saída do lugar por onde o outro dia [h]ouver de ser o caminho porque lhe toqua a vanguardia.

Os mais forrieis repartirão o alojamento cada hum a sua companhia desta maneira: informar-se-ão de alguns da terra e a melhor caza das que lhe [h]ouverem cabido apartara para seu alferez e bandeiras procurando que [fl. 43v] seia na praça: a caza para os atambores a mais chegada a bandeira escolhera assim mesmo caza para o sargento, para os cabos de esquadra e para a gente da esquadra do capitam; e os demais compartira por as esquadras conforme cada huma tiver numero de soldados; e logo ira reconhecer a caza do capitam, alferez e sargento para que se não forem boas lhes procure outras milhores; e saira a esperar a bandeira que cheg[u]e para g[u]ia-la a caza donde há-de estar, estando aposentada a bandeira, dará a cada cabo de esquadra o alojmento da sua esquadra por junto para que elle o reparta e ao sargento o da esquadra do capitam para que lho de.

Deve o forriell maior assim mesmo dar pouzadas e tendas aos que trazem que vender ao terço. Toqua-lhe no lugar donde estiver as cazas do cura, do ferrador, e do panadeiro, que as pode reservar como lhe parecer.

Tudo o que he dito se entende quando alojar o seu terço em despovoado, mas se for em exersito [fl. 44] cem campo formado ira ao forriell geral que lhe asinale o quartel que lhe cabe ao seu terço, e, em recolhendo, o midira a largura a passos e logo dara a cada bandeira e companhia os que lhe tocarem, feito isto ira a ver se há algumas munições, ajuda-las-há a reseber para as trazer ao seu terço.

DO ATAMBOR MAIOR

O atambor-mor deve ser escolhido antre todos os de hum terço que melhor saiba fazer seu officio e seja mais homem de bem, o qual atambor deve saber toquar quaisquer ordens como sam a recolher, a caminhar, dar el arma a bateria, a retirar, ao chamar de huma terra e isto deve-o saber melhor que todos os mais pois elle há-de ser o mestre dos que o não fizerem bem.

Ao atambor-mor [h]a-de acodir o sargento-mor com os bandos que se [h]ouverem de deitar, dando-lhos por escrito e o atambor-mor há-de ajuntar os atambores que lhe parecer e ir deita-los comesando ante o corpo da guarda principal, onde como elle for lendo ira outro pregoando.

[fl. 44v] E depois de o [h]aver deitado por outras partes da terra trara o papel em que estiver escrito e o fixara no próprio corpo de guardia. He de sua obrigação em paz e g[u]erra saber do sargento-mor as companhias a que aquelle dia couber a guarda e dize-lo aos alferes das tais companhias.

Caminhando com o terço elle se livre de tocar caixa, mas ira com hum pao na mão repartindo os tambores em partes iguaes onde devem ir, que he em vanguardia diante das bandeiras, no meio do esquadrão, na retaguardia, toquem huns e outros, serem para compartir o trabalho.

E aos abandeirados que levão as bandeiras assim mesmo ordenara que sem vão com a bandeira solta e as demais emroladas por fastio do leva-las e que se vão revesando de quando em quando no emrolar e no desemrolar por sua ordem, mas em nenhuma maneira, bandeira alguma deve entrar em alojamento ou quartel emrolada senão [fl. 45] desemrolada para a que a conhecão ser de amigos. E quanto a ir de hum prezidio de amigos a hum de inimigos tratar do resgate de algum prezo ou algum outro negocio, toqua ao atambor-mor ou a outro dos atambores ira deste modo.”

Levara sua caixa as costas porque levando-a qualquer atambor por ella he livre e pode atravezar por toda a terra de inimigos como va a algum recado, e chegando a terra donde o mandarem tam perto que possam ouvir a caixa, toquara a chamar quando dizem e parara ate que saião da terra a elle, o que sair o levara a terra e, antes que entre a porta, lhe tapara os olhos com hum lenço e asim o g[u]iara ate a caza do governador, onde o destaparão e dará seu recado, e sendo respondido, tapado como de primeiro o tiraram da terra e o deixarão ir.

Aqui he de saber que qualquer atambor ou trombeta ou qualquer outro mensageiro que for enviado na g[u]erra he livre, sem merecer pena alguma por ruim mensage que leve, e nenhum capitão poderá fazer tam grande baixesa, [fl. 45v] como seria trata-lo mal, nem dar-lhe castigo alguma,

nem por as mãos nas tais pessoas assim que ainda que o tambor-mor he na g[u]erra officio baixo, he nescesario e devia ser o tambor-mor, homem de bem e que estimativa tuvesse para reconhecer em terra de inimigos quando se descuidasse alguma couza que fose de exercito.

Estes sinco officios maiores que sam sargento-mor, capitão de campanha, auditor, forriell-mor e tambor maior os prove o mestre de campo como esta dito e o general os confirma.

DA FORMA E TAMANHO QUE DEVE SER HUM EXERSITO COM OS DEMAIS ADHERENTES E COUZAS TOQUANTES A ELLE

[H]avendo já dito da maneira que deve ser hum terço, com todo seu menester perseguindo a obrigação prometida, se dize a grandeza que há de ter hum exersito e logo por sua ordem as obrigações que tem os ministros delle: asim o capitão-geral como os mais officiais geraes adherentes petrechos e as demais couzas pretensentes ao tal exersito.

[fl. 46] Digo pois que exersito ou [h]oste se entende ser huma multidão de gente de g[u]erra que com as armas mediante a ordem e bom governo do império militar sustentam [h]oje no mundo as monarquias e Reinos delle, muitos ham sido os exersitos que por ser de infinita grandeza se ham perdido em diversas partes se elles asim mesmos desbaratado[s] porque não alcansão vitoria as muitas gentes sem ordem senão as que com moderado exersito e boa ordem pelejão. Asim esta claro que hum exersito demasiadamente grande padece muitas faltas: o primeiro em não achar sempre vitualhas com que se sustente, e asim mesmo na passagem de hum rio e no enfermar que nunca falte entre multidam de gente algum mal contagioso que advirta asim mesmo no caminhar que logo se desordena, pois no pelejar corre maior perigo que em tudo que se comesa a perder-se não há maneira de tornar a recuperar-se. Todas estas ventagens tem hum exersito pequeno de boa gente e pratica ao muy grande e desordenado.

Os romanos a quem o dia de [h]oje em todas as [fl. 46v] couzas de g[u]erra imitamos quando se lhes ofrecia alguma g[u]erra pequena e ordinária enviarião apazig[u]a-la hum campo de mil infantes e dous mil cavalos: esta g[u]erra era de mais cabedal e contra gente mais bilicosa dobrvão a parada e em tal cazo enviavão a ella hum exersito de vinte mil homens e seis mil cavalos, e quando a g[u]erra se levantava era do maior cabedal que podia ser metido então como se diz todo no resto enviando hum exersito de trinta mil homens e oito mil cavalos, o qual numero se tinha por o maior que podia ser nam porque lhes faltasse gente para ser maior senão por lhes parecer ser conveniente grandeza para acabar qualquer g[u]erra este numero he tamanho de exersito sendo bem governado

se tem o dia de [h]oje por o mais copioso que pode ser e a g[u]erra que com este tal exersito não tiver fim não o poderá ter com outro maior também he de saber que o Rei ou príncipe que quizer emprender alguma empreza podendo a emprender com gente que toda seja sua lhe socedera melhor e custara menos porque da a entender a seus [fl. 47] contrarios o grande poder que tem pois não [h]ouve mister outra gente mais que a sua e tambem porque os estrangeiros nam vem servir a Rei estranho senão por interesses que em semelhantes cazos não faz couza boa.

E quando ao que toca a hum exersito e o que mais ha mister dizia o Emperador Carlo quinto que “três nervos tinha hum exersito”, os quais sam gente, dinheiro e vitualhas, porem faltando os dous que erão dinheiro e vitualhas antes se atreveria a por ellos sofrer com soldados velhos hum mes que com novos hum dia, portanto deve considerar o Rei que emprender huma g[u]erra que não lhe falte dinheiro nem vitualhas para o qual antes de vir ao efeito fará grande junta de provisões e mantimentos. O que mais [h]a mister he artelheria grosa e miuda e bons cavalos ou bufanos que atirem, tem nescessidade de multidão de munições, como sam polvora, murões, pilouros de artilheria, chumbo, piques, barris de pilouros de arcabuz e de mosquete, piquões, emxadas, sertos e todos os mais preterchos que soem servir de tudo isto não deve levar so o que [h]á mister mas dobrado porque antes sobeje que falte, levava assim mesmo polo menos três mil gastadores homens de enxada [fl. 47v] huma dozia de barquas, de tal tamanho que cada huma caiba em hum carro sobre as quais já va feita a traza de huma ou duas pontes com suas cadeas e mais couzas nescessarias para que se tiver nescessidade de passar algum rio facilmente se posam armar asim mesmo taboas grandes para fazer esplanadas em algum rium o pasom por onde [h]ouver de pasar artelharia, bombas, lanças, panelas e outros instrumentos de fogo com as demais escalas e outras maquinas que soem ser nescessarias.

Levar assim mesmo consigo hum excersito engenheosos pedreiros, carpinteiros, ferreiros, armeiros e todos os mais ofícios toquantes a g[u]erra, tem assim mesmo nescessidade de acarescear e emparar todo o género de mercadores e gente que o abastesse.

E se, como dito he, o tal Rei tiver nescesidade de valer-se de gente estrangeira. a nassão italiana he a que [h]á dado de si grandes provas na g[u]erra e he asaz soficiente sobre que foi esta nassão em hum tempo senhora do mundo.

Depois desta a francesa he mui boa gente ainda [fl. 48] que muito melhor he de cavalo que de pe, porque toda a nobreza acode a cavalaria e a infantaria pouqua ou nenhuma, o que he diferente em a nassão espanhola porque antre a infantaria esta a maior parte da nobreza e em a cavalaria a

menor. A nação alemã he gente que na g[u]erra mais guarda a ordem e mais sofre os trabalhos das armas em campanha. Os egu[i]seros se sam católicos he huma gente de guarda e grande fidelidade a quem servem e ainda dizem que delles teve principio a ordem e esquadrões assim que destas nações alemã e egisera, que sam livres a quem lhes paga mediante o dinheiro, podera o Rei que as [h]ouver mister busca-las, e a italiana e francesa por ser gente afeiçoadíssima na g[u]erra asoem ir aonde sam chamados, com licença do seu Rei, e podendo ser [h]avidos serão de proveito, o que daqui se enfere he que o maior exersito será de 30 mil homens, oito mil cavalos, três mil gastadores, vinte pesas de artilheria grossa, corenta de meuda [fl. 48v] com todos os demais adherentes nomeados sendo a impreza justa no sirvico de Deos terá bom sucesso o Rei cujo for e o general que o g[u]iar.

DO CAPITÃO GENERAL

[H]avendo de estar debaixo do governo e mando do capitão-geral estas tam grandes couzas e mais as que estão por dizer deve o capitão-geral ser geral em tudo e senhor de titulo e ter grande magestade em sua pessoa e sirviço para que com mais vontade seja dos amigos respeitado e dos inimigos temido.

Deve assim mesmo governar a g[u]erra e a paz na próvincia ou reino onde se fizer a g[u]erra para que tudo estivesse a sua vontade e mando e com mais facilidade podese prover qualquer couza sem guardar pontos nem decoro a outrem mais que a seu Rei.

Toqua-lhe ao capitão-geral o nome de exelencia pode trazer g[u]ião como rei ter guarda de pe e de cavalo, alabardeiros e archeiros e onde quer [fl. 49] que estiver há-de ter sempre em seu palácio huma companhia de guarda.

Quanto ao primeiro deve de ser afabil e amigo dos mais e melhores pareceres e inimigo do seu, so no conselho de g[u]erra escutara aos do tal conselho e não contente com isto chamara os capitães mais velhos e ainda aos soldados se for nescessario os podera ouvir e logo com os melhores pareceres e de pessoas de mais autoridade se determinara.

Em paz procurara governar de sorte que em g[u]erra todos o queirão e sirvão com vontade, será liberal especialmente com os exploradores e espias que com estes já mais deve ser avaro, porque hum avizo as vezes reserva a vida a hum exersito e huma boa conjunção val muitas vezes mais que as armas. Aos estrangeiros súbditos gratificara seus sirviços nam somente aos que começam a servir. Aserca disto dizia o senhor Dom João de Áustria que a huns se [h]avia de fazer merçe por o que [h]avião sirvido

[fl. 49v] e a outros sem o merecer por insita-los a servir, mas devem ser feitas estas merções com atençam que não falte o dinheiro porque fica manqua a g[u]erra de tudo e assim será a huns com dinheiros e a outros com esperanças e a outros com honras.

Deve o capitão-geral em saindo em campo deitar bando de três couzas a huma que ninguem tinha pendencia velha nem nova; a outra que nenhum saia da ordem nem va a correr sem ella; a terceira que ninguem perjudique nem tome por força couza alguma a qualquer sorte de homem que tras mantimentos ao campo sob pena de vida; e estes bandos castiga-los invisivelmente porque de os ter é pouquo, vem muitas vezes grande prejuízo a hum exersito.

Seu lugar do capitão-geral he alojar quando assentar o campo no embigo de todo elle. E quando [h]ouver batalha deve rodear todos seus esquadrões dispois de estarem formados com rosto alegre, incitando os soldados a peleja com as mais breves rezões e amigáveis que posão ser.

Depois que o capitão geral [h]aja exortado sua gente e dado a toda a sorte de homem a ordem que há-de [fl. 50] guardar se se [h]ouver de dar batalha recolher-se-á em seu lugar na parte mais segura do campo com todo o corpo de homens de armas, a cavallo se o [h]ouver, ou de outros cavalos alguns, gente de sua corte e cavaleiros e outras pessoas de respeito e de grande confiança, assim para a guarda de sua pessoa como para os ocupar no que se for oferecendo, deve ser este posto onde o capitão-geral esta firme e quedo em tal parte que tudo possa ver e que todos os officiaes saibam donde esta para acudir por remédio onde se innovar.

Deve o tal capitão geral ter hum peito tam terribel e inteiro que ainda que todo o mundo se venha abaixo não se descomponha senão que aos maiores inpetos e perigos, este mais em si para mandar. E mais vitorias se deve governar com tal temperança que nunca deixe de cuidar que poderá ter por contraria a fortuna e não ao fado per os cabelos, uzando antes de clemencia com os rendidos que de rigor nem castigo.

Com os soldados deve ser em todo o tempo tam urbano que mostre alegrar-se quando elles passão bem e pezar-lhe quando passão mal. Disto era grande [fl. 50v] mestre o Duque de Alva Dom Fernando Alvarez de Toledo, como de tudo o mais e assim estando seu exersito em [H]olanda sobre Arle, padeciam necessidade os soldados e por ser na força do inverno [h]avia feito huma noite terribilíssimo frio levantou-se o bom duque, em amanhecendo não podendo remedeia-lo com outra couza senão com palavras, se foi as trincheiras donde estavam duas companhias de soldados de guardiã que com estarem enterrados em esterquo ate a sinta, estavam quasi congelados de frio entrou levando cuberto so hum ferrigo-

zo⁹⁴ singelo e hum sombreiro na cabeça podendo levar muitas e mui boas mantas começou a dizer estas palavras “Deus vos de bons dias filhos e elle he testemunha quam diferentemente ei sintido eu o frio que esta noite [h]aveis passado, porque vos outros o sintais no corpo e eu no corasão mas já vedes que não pode ser menos e tambem sabeis que he maior gloria sofrendo semelhantes trabalhos oprimir o inimigo a render-se que não rende-lo ao primeiro ímpeto com as armas nas mãos ficar com Deus e praza a Elle dar-me tantas pagas, que dar-vos como vos a mim me [h]aveis dado vitorias”.

[fl. 51] Foi esta huma couza que a todos desafligio ainda que não faltou quem nas suas costas dise-o a que bom tempo veio a paga, digo a pratica asim que com semelhantes couzas se entretem os soldados nam impossibilidades e também aventajando-os que não se aventajão com ordem que sem ella ainda que soceda bem e [h]aja sido de proveito a tal desordem, deve ser o que a fazer ainda que a premiado reprimido.

Com todas estas partes e outras muitas que hum capitão-geral deve ter as quais o próprio cargo mostra chegara o que ouzar a ter hum nome immortal como hum gram capitão, hum Fernão Cortez, hum Marques de Pescara, que forão espelho da milícia.

Pode o capitão-geral dar governo de terras na província que governar, prover de capitães as companhias que vagarem, fazer merções, dar ventagens a quem vir que as merece; porem prover os castelos, nem fazer mestres de campo e outros officios dos geraes, ainda que vag[u]em, nam pode mais de encomenda-los porque so El Rei os prove. [fl. 51v]

DO MESTRE DE CAMPO GERAL.

Depois de capitam geral de hum exersito ha nelle quatro officios supremos e gerais, o maior de todos he mestre de campo geral porque há-de ser mestre de todo o exersito e há-de governar no caminho e lhe há-de buscar bom sitio onde acampe, há-de repartir hos postos, há-de asinalar as praças de armas, de artilheria, de munições e de todas as que mais que ordinariamente se soem [a]sinalar as partes onde se ham-de meter as guardiãs, asim de pe como de cavallo, que forem nescessarias e se [h]ouver de fortificar o campo há-de asinalar por onde e como.

Toqua-lhe dar principio as batalhas, estar a provisam dellas, [a]sinalar as baterias e fazer outras quaisquer feiçois que se fazem na g[u]erra, para o qual se há-de ajudar dos demais mestres de campo, coronéis e sargentos-

⁹⁴ Riscado: euberto.

-mores, asim naturaes como de outras nacoes e todos devem estar [fl. 52] a seu governo e ordem e elle so a do geral. [H]avendo isto de ser asim he nescessario que seia o que o tal cargo [h]ouver de excerssitar pessoa de muita confiança e credito que este cer tido na g[u]erra e saiba muito e [h]aja visto muito em ella.

Deve asim mesmo ser senhor de titulo porque lhe toqua na g[u]erra governar o excersito por ausencia do capitão geral vem-lhe o nome de senhoria.

Para asertar melhor no g[u]iar de hum excersito em campanha deve ter noticia da província ou Reino por onde [h]ouver de campear e terá em hum painel a discripsam della, com todos seus rios e bosques, serras e embarasos e lugares fraudelozos para hum exercito.

Asim mesmo deve de ter entendido qual parte de tal provincia he a mais fértil de milhores passos e pastos e de mais disto há-de ter noticia e avizo da qualidade dos inimigos das armas com que combatem de artilheria ou cavalaria que trazem da destreza e pratica que tem [fl. 52v] na g[u]erra para prover contra aquillo o que melhor entender, e saber conhecer os desenhos dos contrários.

Em paz e em g[u]erra he juiz supremo de toda a infantaria, provedor e procurador della. Deve em paz ter cuidado que esta bem tratada e aposentada para que em g[u]erra possa sofrer os trabalhos que se padecem.

Toqua-lhe entrar em conselho de g[u]erra e he o primeiro voto depois do general nelle. Obrigado he o capitão general partir sua honra com o tal mestre de campo geral e te-lo em grande custodia e veneração pois sempre por a maior parte sam a g[u]ia de todas as couzas da g[u]erra.

O GENERAL DA CAVALERIA

O general da cavalaria he cargo de grão prehiminência por a grande nobreza e antiguidade della. O que [h]ouver de ser general da cavalaria deve ter grande pratica de g[u]erra e muito mais na da cavalaria para sabella entender [fl. 53] porque há muito que entender nella.

Em g[u]erra e em paz toda a cavalaria que [h]ouver no tal reino ou província onde se fizer a g[u]erra, assim de homens de armas como de cavalos ligeiros ou arcabuzeiros de cavalo nacionaes ou estrangeiros, [h]am de estar debaixo do governo e ordem sua. A elle toqua muda-la em os alojamentos quando estiver em paz procurando que sempre passem bem os cavavolos para quando saírem a campanha alojar. Em g[u]erra a ele toqua sua cavalaria onde lhe parecer e sempre he juiz supremo em toda ella, porem, de continuo deve de estar a ordem e governo do capitão

general, e elle e sua cavaleria para qualquer momento que com ella [h]ouver de fazer.

Ser capitão de cavalos he mais calidade que de infantes, de homens de armas maior que tudo de cavalos ligeiros, melhor que de arcabuzeiros de cavalo, e assim como como por esta ordem os capitães sam maiores sam pella mesma ordem os soldados.

[fl. 53v]

A diferença que há antre esta sorte de cavaleria he que os homens de armas andam armados des da ponta do pe ate a cabeça, e elles e os cavalos, os quais sam obrigados a ter dous, hum tam bom como o outro, trazem sua lança de riste seu estoque no arcam e facha de armas.

Os cavalos ligeiros vem armados no mais que da sinta ariba, sua espada na cinta e sua lança de ristre. Estas duas sortes de cavaleria seguem e tem estandarte.

Os arcabuzeiros de acavalo não o tem sempre em g[u]erra podendo ser há-de alojar a cavaleria em povoado. Os homens de armas são os que alojão sempre mais perto do campo.

Os cavalos ligeiros mais longe.

Os arcabuzeiro de cavalo no meio.

Dizem os soldados por rifão, cavalo ligeiro em g[u]erra, homem de armas em paz infante, nunca já mais porem comtudo isto entre **[fl. 54]** a infantaria espanhola se tem por menos preço, ser soldado de cavalo não porque não seja couza muy [h]onrosa, senão por o que esta dito, e também porque na cavaleria nenhum chega a ser capitão della por serem pessoas tam altas mormente as dos capitães de homens de armas, alem disso há pouquas ventagens entre a gente de acavalo, esta-lhe bem ser homem de cavalo o soldado que já por velho não pode sofrer os trabalhos da infantaria.

Os ministros que tem hum general de cavalos he maior o que chamão comissario-geral da cavaleria, o qual serve do próprio que o sargento-mor “ordenar os esquadrões de cavalos, asinalar as companhias que [h]ouverem de vir fazer algum efeito, ensinar-lhe os alojamentos ou em muda-los delle.

Deve o tal comissario-geral ser mui entendido em este excersisio e não premitir que as lanças andasem veletas que avultão muito em hum esquadrão, nem os soldados sem suas divizas para que serão conhecidos cada hum da companhia que he.

O segundo instrumento que hum geral de cavaleria tem he hum auditor que serve em toda **[fl. 54v]** a cavaleria do que em hum terço serve o auditor delle.

Asim mesmo tem hum furriel-mor de toda a cavaleria que deve ser nisso homem muito pratico. As companhias tem cada huma capitão-tenente e alferez exceito a de arcabuzeiros.

Toqua-lhe ao geral da cavaleria tambem o nome de senhoria entrar em Conselho de G[u]erra estar junto a pessoa real do capitão-geral.

DO GENERAL DA ARTILHERIA

O cargo do general da artilheria he tão honroso e priminente que se não fosse porque a nobreza da cavaleria he tão antiga, seria mais cargo que o do general della, a couza he porque toda a reputação de huma g[u]erra he artilheria e não he excersito nem tem autoridade o que não tras artilheria, e assim por não perder huma peça de artilheria se soe aventurar hum excersito, o que não se faz por nenhum esquo- [fl. 55] -adrão de cavalos sendo isto assim ja se entendera a calidade e partes que será nesessario comcorra no que tal cargo [h]ouver de excersitar assim convem que seja homem de muita autoridade e se aja achado em muitas jornadas, visto muitas baterias e que entenda muito bem toda a sorte de artilheria, e tenha muita estima e entendimento de geometria, porque há-de ter a seu cargo toda a artilheria do Reino ou província donde se [h]ouver de fazer g[u]erra assim a dos castellos como a das camaras. Alem disto [h]ão-de estar a seu cargo todas e quaisquer munições de pólvora, murrões, pelouros e todos os apetrechos e maquinas de hum excersito estão debaixo de seu dominio.

Sam os instrumentos que tem hum capitão que tenha conhecimento da artilheria e ande sempre em campanha com ella. Asim mesmo lhe aprição alguns soldados velhos e praticos em ella que se chamão gentis-homens da artilheria, os quais sam [fl. 55v] pessoas de reputação e que [h]ão sido oficiais e assim tem aventajadas pagas. Demais disto todos os artilheiros engenhenhosos estão debaixo do seu domínio; assim mesmo todos os gastadores e a mais gente do serviço da artilheria. Todos os cavalos ou bufanos que atirão e os demais bagagens nescessarios as munições para o qual tem hum comisario que entende em elles.

Em g[u]erra elle sempre a [h]a-de encaminhar a artilheria por a parte mais segura e de milhores passos dando-lhe toda a guardiã que para elles se pedir.

Deve sempre o caminhar da artilheria ir com cada pesa hum gentil homem que a leve a seu cargo e dous artilheiros para o que lhe soceder. E os carreteiros e carpinteiros para se se quebrar [fl. 56] alguma roda assim mesmo devem de levar muitas rodas de respeito, devem ir ali todos os gastadores nescessarios para fazer alguma esplanada que se aja mister onde alojar a artilheria, deve de ser o alojamento do general della e de

todos seus adherentes e ministros quando se bater lhe toqua acharse no reconhecer da bateria e seu voto deve de ser o mais prehemimente nisso.

Deve compartir as peças de sorte que fação mais efeito; estara sempre presente algumas vezes <ao bater dando dadivas> ao artilheiro que melhor tiro fizer e que for mais diligente em desparar sua camarada.

A paga de todas estas gentes nomeadas se há-de dar ao general da artheria e que elle a dê a todos seus ministros. O que mais lhe toqua se dirá em seu lugar. [fl. 56v]

DO COMISSARIO-GERAL

O cargo de comisario geral he de muita reputação e confiança. Deve dar-se este officio para que este bem provido a homem natural do pais donde se [h]ouver de fazer a g[u]erra, para que tenha mais conhecimento e fação mais confiança delle em toda a terra e todos lhe acudão e ajudem a conduzir as vidualhas e mantimentos do tal excersito há parte, por onde [h]ouver de andar para o qual se lhe da huma patente mui amplia para que todos lhe acudão com a carriage, bestas de carga, g[u]ias, gente de guarda e as mais couzas neccessarias.

A seu cargo esta prover de todas as munições e polvora e armas e os mais preterchos e maquinas de hum excersito. Assim mesmo todo o mantimento para a bagagem, para o qual tem muitos officiaes menores que são pessoas de confiança e os quais ordena o salário [fl. 57] que lhe parece para que o ajudem ao conduzir todas estas couzas são repartimento dellas e fazer outros serviços de menor importância que a reputação de sua pessoa não convem faze-los.

Toqua-lhe no campo por o preço, pezo e medida a quaisquer mantimentos, e seus officiaes terão cuidado de olhar que não se quebrante, nem altere o preso e ordem que nisto [h]ouverem dado e ao que o quebrantar apena-lo-a o bom alvidrio entendesse isto [h]avendo muita abundância de vidualhas que se a não [h]ouver não deve [h]aver postura e para isto a pesoa que este cargo [h]ouver de ter há-de ser homem de muito cabedal e credito e que saiba dar conta e rezão do que lhe entregarem por que [h]ão-de entrar em seu poder muitos milhares de cruzados.

DOS DO CONSELHO DE G[U]JERRA

Dispois dos quatro cargos nomeados que sam maiores em hum excersito, todos os que forem do Conselho de G[u]jerra precederão e devem ser [fl. 57v] escolhidos entre os milhores soldados de qualidade que se acharem e este tal cargo soe andar em pessoas que forão ja mestres de campo e deixarão de

ter outros ofícios preheminentes, e em a g[u]erra homens de boas [h]abilidades e ja jubilados por a idade e que seijão mui atentados e [h]ajão dado grande prova de suas pessoas as quais partes e muitas mais que tam calificado cargo ha mister diviria ter o que a elle fosse aplicado para que as couzas que em o tal Conselho se provessem tivessem na g]erra bom fim.

Deve esta sorte de pessoas achar-se sempre junto a pessoa do general e ter bastante entretenimento para sustentar a qualidade de suas pessoas.

E quando as couzas do Conselho de G[u]erra] sivis, que devem ser aconselhadas por muitos e mui bons pareceres e postas em efeito e guiadas por huma so pessoa por que não ha mor confusão que muitas ordenações em hum caso de armas. [fl. 58]

DOS GENTIS HOMENS QUE SERVEM JUNTO A PESSOA DO GENERAL

Tambem esta sorte de gentes que se nomeão gentis-homens junto a pesoa do general deve ser homens de conta que [h]ajão sido muitos anos soldados e que já os tem mui reconhecidos na g[u]erra e não possuem servir em ella e tambem deve [h]aver entre os tais homens nobres e de qualidade para andar com a pessoa do general e que tenham trassos e talento para que eles posam ampliar em algumas couzas que se oferecem no sirviço da g[u]erra, as quais sam diligenceadas por as tais pessoas e estes gentis-homes se fazem de pessoas que ja forão capitães ou ao menos alferez mas tem-se por mal entre a infantaria quando algum, sendo moço, e podendo servir, aseita esta sorte de serviço ainda que seia com muito entretenimento e soldo, porque estas prasa tais enventarão-se para homens aleijados e velhos e não para moços e [fl. 58v] e tão moços como as vezes ha em ellas entende-se isto não tendo a qualidade e partes referidas assim que muito mais [h]onrrada couza he deixando hum de ser capitão ou alferez sendo moço e estando sam vir a servir huma companhia entre a infantaria com menos soldo que huma prasa de gentilico com mais e ainda isto mesmo o entendem assim os generais.

DOS OFICIAIS DO SOLDADO MAIORES

Ning[u]em deve ignorar que hum exersito há-de ser pago e que para couza de tão grande confiança e conta, como he de pagar hum excersito da bolsa del Rei e que tanta copia de dinheiros [h]á-de-o beber, he nescessario que estas pessoas que isto [h]ouverem de fazer seijão acreditadas e tenham partes para isso, assim que há em hum exersito quatro pessoas por cuja mão corre todo o pagamento delle, as quais sam veador-geral, dous contadores-maior, hum pagador-geral.

O mais prehemimente de todos he vedor-geral, esse nome de seu officio manifesta

[fl. 59] ser o veador huma pessoa posta por parte del Rei para que veja como se distribue sua Real Fazenda e que os officiaes que a distribuem fação seu officio fielmente e os soldados que a levão a mereção e os capitães não desfraudem no numero, nem na conta do pagamento aos officiaes do soldo, para isto deve o veador ser pessoa nobre e particular como a calidade do officio o requiere para guardar a confiança que delle se faz. Os dous contadores assim mesmo [h]ão-de ser pessoas de maneira que [h]ajão andado na g[u]erra e sirvido em este menester muitos anos.

A estes dous contadores maiores lhes toca a cada hum de per si ter as listas de todo o numero de soldados assim de pe, como de cavallo e estrangeiros de castelos e forças e de toda a mais gente de g[u]erra e de sirvico que em o tal exsersito servir.

Devem os contadores ou os seus officiaes achar-se ao tempo de dar as mostras para toma-las porque a eles lhes toqua reconhecer se he o tal soldado que passa o que esta ali escrito e assentado, olhando os sinaes que tem, se conformão com os da lista, olhado as armas com que serve olhando se são estrangeiros [fl. 59v] ou defeituosos; todas estas couzas devem olhar para fazer bem e fielmente seu officio assim que cada hum de por si deve de ter toda a conta do dado e recebido a gente de g[u]erra para que todas as vezes que lhe for tomada posão, com mais facilidade, da-la.

O outro officio geral aserca do soldo he o pagador-geral em cujo poder entra todo o dinheiro e tizouro que na g[u]erra se consume por cuja mão he dado o soldo a toda a gente sendo primeiro provido do tal vedor e contadores.

E porque como esta calidade de pessoas [h]aja de tratar com tantas gentes para fazer bem e fielmente seu officio de força [h]averão de ser de alguns odiados, convem que seião mui respeitados, assim como a pessoa do general e não se diz isto quanto ao que toca suas pessoas porque eles poucas vezes lhes perdem o respeito senão por os seus officiaes, aos quais a gente de g[u]erra chama perdularios que as vezes por te-los em pouquo tem custado a mais de hum a vida, e por que aqui vem bem isto advirta todo soldado que em Italia costuma algum que comesa servir por não ir onde os tais officiaes estão asentar sua praça [fl. 60] servir em nome de outro e em praça alhea entendão os que tal fazem que ainda que levão o soldo licitamente por servir, o tempo que servem em praça alhea perdem o sirvico para não pretender por elle cargo algum com El Rei.

No demais, os tais officiaes do soldo [h]ão-de assistir na Corte, onde o general estiver, e ser liberaes em despachar os soldados que vierem a nego-

cear com elles para que não se gastem e despendam e perquão o sirvicio de duas companhias.

DO VIGARIO-GERAL DE HUM EXERCITO

Asim como em o temporal ha-de [h]aver quem tenha cuidado de cada couza das que toquão ao exersito, asim para o ispiritual he nescessario que [h]aja huma pesoa eclesiastica que administre, o qual chamão Vigario-Geral; faz-se de hum homem douto que seja tido em grão figura e de sua vida não se tenha suspeita, esta tal pesoa ha-de ser eclesiástica quanto demais [fl. 60v] autoridade melhor toqua-lhe ter cuidado de saber se as pesoas eclesiasticas que andão em hum exersito sam irrregulares desterralos d'elle, e que os que andarem seião com ordem de seus ministros, examinando-os do que sabem e saber se tem facultade para dizer missa; reprehende-os-á, e senão viverem [h]onestamente asim mesmo deve de ter conta com os ispiritais da g[u]erra e com os administradores delles procurando com o general que proveja com o nescessario para as nescessidades que se soem padecer. Tambem deve dar avizo aos capitães no tempo que a igreja ordena que fação com seus soldados que se confesem e que em nenhum tempo vivão amancebados, nem seião blasfemos, isto e tudo mais que toca as consiensias dos soldados, convem que o vigário o emmende e tenha cuidado de prove-lo. [fl. 61]

DOS QUATRO INSTRUMENTOS GERAIS DE HUM CAMPO

Asim como hum terço tem quatro instrumentos maiores para o sirvicio d'elle que sam capitam de campanha, auditor, furriel e tambor, assim o exersito tem os proprios quatro ofícios que se nomeão geraes a quem todos os mais destes tais cargos sam infiores.

O principal officio dos quatro he capitão de campanha geral, o qual officio pudera ajeitar qualquer que o [h]ouver sido capitão, mas não deixara de o ser para toma-lo porque ainda o que he officio muy [h]onroso por ser geral, enfim he couza odiosa ao tal capitão de campanha lhe toca andar sempre junto a pesoa do general porque todos os bando que deitão geraes se lhe notifiquem a elle, que os faça guardar e lhe prometido trazer seis alabardeiros que se lhe pagão os vinte homes escopeteiros de cavallo para sua guarda. [fl. 61v]

Assim mesmo lhe pagão hum capelão e hum verdugo que quando sae a campanha sempre [h]ão de vir com elle. Estão a sua obidiencia não so os capitães de campanha da infantaria, mas os provestes e os mais ofícios de justicia dos estrangeiros.

Em saindo o exercito em campanha arvora o tal capitão sua bandeira e os mais de seu officio se desarvoram; vai com ella seu tenente e por ella seg[u]ia todo o bagagem do campo e para ella seg[u]ia-o todo o bagagem do campo que se perde reputação se os inimigos saqueão algum, delle se fará da maneira seg[u]inte: sempre o lugar ordinário de todo o bagagem assim em hum excersito como em hum terço he ir diante com mui boa guarda de cavaleria e de infantaria; e se [h]ouver novas que ha enemigos adiante ficara atras com dobrada guarda; e se em ambas as partes nomeadas [h]ouver enemigos ira a hum dos lados dos esquadrões, porem, se toda a campanha não estiver deles segura comparti-lo-ão por o centro dos esquadrões, recolhendo o mais que posa ser porque ocupe menos lugar fazendo [fl. 62] que toda a gente de siriviço va com elle nas encavalgadas para que não se soltem e desfação a ordem.

Em o demais o capitão de campanha compartira os mais capitães desta officio que vão por o campo atrazando-o a castigar as dezordens que fazem e porque elle he sempre juiz absoluto no castigo dos males da g[u]erra guardara hum bom meio e não pasara os limites da rezão, e so em tal cazo topar alguma quadrilha de soldados que ajão quebrantado algum bando ou estem fazendo alguma desordem deve castigar ao official que [h]ouver antre elles ou algum que tiver ventagem. E se, como algumas vezes socede, for necessario que se rife entre elles para tirar a algum a vida, [h]avendo entre os tais algum defeituozo de natureza ou mal agestado em elle se deve de executar o casitgo porque a fortuna he tão enemiga do bom que por a ventura cae a sorte ma no homem mais virtuoso e he de saber o soldado na g[u]erra não deve ter mais de dous modos de castigos ou de seu capitão com a espada ou da justicia tirando-lhe a vida e não se deve estropear nem [fl. 62v] afrontar soldado algum senão for para desterra-lo perpetuamente da milícia.

Há-de ter o tal capitão de campanha seu carcere e avogado para dar algumas sentenças; em campanha tambem lhe toqua ter cuidado das vitualhas e por-lhes o preço e executar os que o não guardarem.

O auditor-geral se for de hum dos outros auditores e de milhores letras e melhor sorte há-de andar tambem sempre donde andar a pesoa do general. Deve conhecer de todos os pleitos que tiverem os naturaes da terra com os soldados; e asim mesmo em grao de apelação das cauzas, assim civis como crimes, que pasão antre os outros auditores de infantaria e cavaleria. Tem hum augazil maior e dous escrivães maiores que lhe paga El Rei. He officio de muita qualidade, he seu inferior em alguns cazos o capitão de campanha.

[fl. 63] O forriell geral deve de ser soldado mui pratico e que aja sirvido muitos anos em este cargo, o qual he supremo de todos os mais forrieis maiores e menores.

Toqua-lhe alojar a pessoa do general e sua corte e receber os quartéis que lhe forem assinalados por o mestre de campo geral e reparti-los aos demais forrieis-mores por a ordem que lhe for mandado.

He officio que a gente principal deve estar bem com ella porque muitas vezes soem ser de proveito só hum palmo de caza que dá em campanha. Tem assim mesmo conta de ajudar ao da carruage e munições.

O tambor geral convem que saiba toquar todas as ordens ainda que jamais toqua; há-de ser homem de bem e de boa sorte que se aja achado em muitas g[u]erras e que tenha com entendimento a explicar quaisquer bandos gerais que lhe [fl. 63v] mandarem deitar.

He supremo de todos tambores trombetas. Quando se deita algum bando geral pode asinalar e chamar os que lhe bem parecer. E a sorte do deita-lo he toquando tres toques de trombetas fazendo parada em cada hum, e assim mesmo tres toques de caixas fazendo parada em cada hum, elle há-de vir lendo o bando e outro apregoando há-de andar sempre junto a pesoa do general.

De maneira que [h]avendo comedido este discurso por soldado acaba por tambor e não vai nuito fora de caminho, pois com tambor se faz o soldado e com soldados e tambores a g[u]erra. [fl. 64]

A MANEIRA QUE HÁ-DE TER HUM EXERSITO EM CAMINHAR E CAMPEAR-SE.

Sendo o exersito do tamanho referido ou menor segundo a g[u]erra o pedir, terá no caminhar esta ordem ir a diante cantidade de cavalaria ligeira, a que for necessária, para ir reconhecendo o caminho que se faz logo apos ella, o mestre de campo geral com outra parte de cavalaria, com alguns sargentos mores e com hum forriel geral a reconhecer o sitio donde se há-de alojar o campo do qual já deve de ter noticia antes que parta; para isto levara g[u]ias se a terra for espaçosa e de maneira que posam os esquadrões caminhar em forma ordinaria sera melhor, e não podendo ser virão caminhando por terços guardando a ordem que nenhum saia della e que cada couza [fl. 64v] va em seu lugar porque não ha mais que saber em a g[u]erra que saber bem caminhar com hum campo bem ordenado.

Se acazo [h]ouver algum rio que passar que tiver ponte antes que o exersito parta deve ser ja cantidade de cavaleira partido diante a toma-la e a infantaria necessaria e terá a tal ponte ate que passe o exersito e se acazo não tiver ponte nem vão para armar os pentes que o exersito leva consigo, sera nessessario que se procura modo, sendo o rio mui fundo, como mediante alguma artilheria que plantarão a borda delle, se [h]ouver inimigos que o queirão estrovar deitem as barquas a agua com gente que

as defenda e armarão o pente. E a primeira gente que pasar sera de cavalo para provar a fortaleza della, logo hum par de terços de gente que formem esquadrão e atras disso passara o bagagem e a maior parte do exersito e quando [fl. 65] se tenha muita confiança do pente passara a artilheria; ficarão de retaguardia sempre ao passo de hum rio por o menos mil cavalos, arcabuzeiros e lanças.

E se o tal rio tiver vao baixo e que não seja nescessario usar destes pentes ou de outros que se soem fazer pasarão gente de cavalo diante com alguma infantaria nas anquas e comesarão a formar esquadrão. E despois de estar da outra parte ametade do exersito ja em ordem podendo passar a artilheria sobre seus carros, passara e não podendo farão algum engenho com que se passe segurando-a de maneira que antes que o provem tenham mui serto o passo.

Já se vio em o rio Muça em Frandes pos o principe de Orange des mil cavalos que trazia em ala a soslaio do rio a maneira de preza para deter o corrente que o rio levava e passou sua infantaria a agoa menos do joelho, sendo o fundo do vao mais da cintura; talvez poderia ser que fosse isto de proveito, entendesse o dito não podendo [fl. 65v] achar meo para deixar de pasar hum rio que se há algum campo de enenmigos que o defendão corre o exersito grandissimo perigo na passagem.

Se caminhar por quebradas e espesuras ira sempre gente de cavalo reconhecendo por os lados, e a retaguardia va sempre alerta que he a que procurão de contin[u]o piquar os enenmigos, e porque soem fazer emboscadas algum tanto afastadas do caminho e logo mostrar-se aos enenmigos, para que quando forem atraz [d]eles, eles fação que fogem e metão aos que os seg[u]em nas silladas⁹⁵, deve olhar o que aos tais enenmigos sair como vai e considerar e entender muitos generos de fraudes que em tais silladas soe [h]aver.

Ao pasar de algum bosque ou selva se deve de ter recado considerando o que aos Romanos aconteceu em a Galia e foi que sabendo os franceses que o exersito Romano de força [h]avia de pasar por huma selva serrarão por todos os pes dos maiores arvores por baixo [fl. 66] deixando a cada hum hum pouquo por sarrar, quanto bastava para se terem em pe e pose-rao-se em sillada a entrada e saida da selva, e quando virão que ja todo o exersito estava dentro sairao os huns e os outros e comesarão a empurrar os primeiros arvores que têm serrado e [h]ouve mister pouquo para que os huns ciando sobre os outros viessem a terra e colhendo debaixo a gente a despedacarão.

⁹⁵ Ciladas.

[H]avendo ja passado per todos estes perigos se os [h]ouver asentar-se-ha por esta ordem: “já o mestre de campo geral tera escolhido o sitio que não se contentara que seia bom podendo ser melhor, o qual sitio de força há-de ter agoa que baste para o campo, e sendo o tal posto em lugar eminente e de pouqua altura que tinha mui facil entrada e saída a elle sera muito melhor e aqui se [h]avera de asentar o campo em redondo e, se for em campo, chão se asentara em quadro, deve fugir o campo de se asentar em vales [fl. 66v] nem em montanhas nem em outros lugares paludosos e embarasosos.

A forma de como se há-de asentar se já o mestre de campo geral terá noticia [h]avendo mais de huma nação qual he a mais fraqua que outra e quais sam as armas com que cada nasão combate para pode-las compartilhar melhor e assim por as entradas e saídas em os demais quartéis a roda misturara as nasoes e gente de maneira que huns a outros se ajudem.

Despois de [h]aver asinalado o sitio do general que sera no meio de toda a praça ou prasas de artilheria que sera donde pos a fazer melhor e feito a prasa de armas principal que sera <na parte> menos embaraçosa praça das monicões que sera em meio e as de pracas do sirviço de hum campo por-se-ão as bandeiras [fl. 67] ao redor de todo elle de maneira que recolhendo dentro em si a todo exersito, ellas em toda a roda do exersito sirvão do que servem a muralha em huma cidade, estando recolhidas em suas artes e fincadas por o conto em a terra de modo que cada bandeira determine o sitio da companhia sendo partes iguaes por ambos os lados e por a parte de dentro saiba-se que diante das bandeiras e por fora dellas não há-de [h]aver choça, nem tenda, nem outra alguma couza de enbaraso.

Asentado por esta ordem: o campo, as companhias que a noite dantes [h]ouverão sido de guardia, tornarão a suas guardias em asentado o campo ate que cumprão com as vinte e quatro [h]oras, elles toqua estar de guardia.

Sendo alojada a infantaria deste modo a cavalaria avendo povoado a redor, se alojara nelle de maneira que todo o exersito este em redondo, cuberto com cavalaria e não [h]avendo povoado alojara em os lugares mais comodos e mais chegados onde os [fl. 67v] tenham que comer advertindo que os homens d’armas [h]ão-de ser os que estem alojados mais perto do campo.

Ao meter das guardias a noite se terão reconhecidas as partes que ao redor do campo sam perigozas para meter ali guardia e assim mesmo se [h]ouver ao de redor algumas eminencias ou altos ocupados com gente e as saídas e entradas do campo meter as guardias ordinarias.

Logo cada bandeira diante de si metera huma esquadra de guardia por esta ordem:

- huma sentinela a bandeira;
- a trinta passos diante outra;
- e diante desta outra, sentinela dobrada;

– e diante daquella outra assim mesmo dobre de sorte que fique todo o campo abrasado com tres sercos de sentinelas postas em a distancia que a disposição da terra der [fl. 68] a entender as quais se devem dar em redondo quasi as mãos huns aos outros. Alem disto os guardas que estão por outra parte e as postas de cavalo que correm a campanha. Contudo isto se soem deitar outras sentinelas a que chamão perdidas as quais não ham-de levar armas nem o nome que o campo tem senão hum serto contra-senho; estas servem com gente que faz menos ruido de escuctar se soa algum em toda a roda.

As sentinelas dobres devem estar vigilantes porque mais ve[e]m quatro olhos que dous: e se acazo ouvirem algum rumor como não seia muito nam devem tocar arma que he couza de perigo em hum campo, senam dizerem alerta, que he tanto como dizer que se apercebão que há ruído; porem se virem que sam enemigos disparara seu arcabuz e tocara arma recolhendo-se ao seu corpo de guardia primeiro.

Todo o homem no quartel em que estiver quando se toca arma deve assistir a defende-lo sem ir socorrer a outro, senão se lho mandarem [fl. 68v] e assi mesmo deve todo soldado em qualquer tempo sair a arma, com a maior brevidade que poder e não podendo sair com as armas defensivas que sam cossoletes e seladas, sairão com as ofensivas que sam piques e arcabuzes, levando as demais em as mãos que no esquadrão se pode acabar de armar.

Entende-se esta sorte de alojamento de campo não tendo outro de inimigos ao oposito que se o tem, cada noite se deve fortificar ao redor com huma trincheira ordinária de cinco pasos de cava ao menos, por fora que fazendo cada hum em seu quartel o que lhe couber, que seia muito pouco, se fará em breve e ainda, alem disto, se soem por quando o enemigo he superior em cavalaria humas que chamam *redes* ou *trampas de pao* com humas cordas que he couza mui forte para a cavalaria.

Asim que em nenhum tempo, nem em [fl. 69] nenhuma parte o capitão general se quer ter seguro seu exercito lhe deve parecer couza alguma supérflua, nem demasiada, assim nos reparios como em os sentinelas sem ter conta com os dizeres dos soldados que lhes parece que qualquer couza basta.

COMO PREZENTA HUM EXERSITO HUMA BATALHA
E COMO SE HA EM ELLA

O capitão-geral que g[u]iar hum exersito e andar perseguindo outro deve batalhar todo o posivel por não chegar a batalha nem por a cauza por justa que seia em o discrimen della, asim por o muito que nisso se aventura como por ser mais [h]onra e gloria vencer huma batalha sem sang[u]e que com elle e para isto procurara ter grandes avisos de que menester parece a parte contraria.

[fl. 69v] Muitas vezes se presenta huma batalha mais por a nescessidade que hum exersito padece que por vontade que tenha de a dar e asim se se entender que ha as tais necessidades, ainda que muitas vezes presenta a batalha, se lhe deve recusar e perseg[u]i-lo de novo, inquietando-o de noite e de dia, dando-lhe em sua vanguardia e retaguardia para ver se por alguma porta de sua desordem se podia entrar a destrui-lo.

Mas quando ja não pos[s]a ser menos que vir a batalha deve o general, quanto ao primeiro, deixar a mil passos donde se [h]ouver de dar a batalha todo a carriage, gente de sirviço e os mais embarasos do excersito debaixo de alguma guardia. Isto he de muito proveito asim para com isso sevar ao enemigo como para tirar a algum animo fraco que não ache aparelho donde recolher-se de medo e de covardia. E ja se entendera que não corre risco o exersito por isso, porque poucas vezes se chega a batalha que fiquem [fl. 70] os dous poderes por bons senão que o hum perqua⁹⁶ e o outro ganhe, pois sendo isto asim o que for vensedor sera senhor de hum e outro bagagem e o que for vencido nenhum ha mister.

A forma do batalhar he que de qualquer numero de gentes e esquadrões se fazem tres partes iguaes pondo huma diante, e esta a melhor a qual chamam vanguardia; o segundo corpo se põem a espalda algum tanto apartado do primeiro que se chama batalha; o terceiro detrás destes dous, asim mesmo asinalando distancia, o qual se chama retaguardia.

Costuma-se quando de algumas nações estrangeiras se tem alguma sospeita desfazer todas as ordens que se trazem e compartir todo o campo nas três partidas nomeadas fazendo as fileiras do esquadrão misturadas de toda a gente. Mas quando isto não ha cada nação vem com os esquadrões que tem de rigimentos e compartidos como dito he todos os esquadrões em tres partes mesturando-os que [h]aja em cada hum delles de boa e nam tal gente advertindo [fl. 70v] que a melhor seia para a vanguardia se presente a batalha como pondo por figura que se em hum exersito vem

⁹⁶ Perca (perder).

quinze terços ou regimentos cada hum [h]a-de fazer de por si esquadrão e compartilhando os grandes com os pequenos e os fortes com os fracos, cabem em partes iguaes a sinco esquadrões por cada parte das referidas e a esta conta serão os demais e menos advertindo que estem iguaes as frentes e que se reconheção com huma pouqua de distancia.

O lugar da artilheria o dia da batalha he de toda a grosa diante, deixando algumas pesas para a retaguardia e toda a meuda por os lados por fora das mangas, e toda a cavalaria por guarniçam dos esquadrões e os carros das monições compartilhados em as praças que há antre a vanguardia e a batalha e antre a batalha e a retaguarda.

Ja que este isto em esta perfeição o capitão general saira no menor cavallo que tiver [fl. 71] visitara seus esquadrões com alegre semblante vindo o mais luzido que posa, sinalando a cada hum seu lugar para huma pratica a sua gente.

A pratica mais compendiosa que em ultimo tranze se fez na g[u]erra foi a que mestre de campo Julian Romero fez a entrada de Anverez onde estando nam ainda tres mil soldados espanhois para remeter com a villa na qual estavam mais de sincoenta mil combatentes para defende-la disse: “Irmãos, daqui a duas [h]oras, ou aqui ou ali”, mostrando com huma mão a villa, com outra o ceo, pode tanto esta boa determinação que aquelle dia [h]ouverão vitoria os espanhois.

E assim a imitação do seu general toda a gente de hum exersito o dia de huma batalha deve por-se o mais luzida que posa sem algum encubrir a calidade que tem porque não há-de imaginar o tal dia senão morrer ou vencer e assim dizia Dom Alvaro de Sande “no ai buen rendir o soldado que o tal dia pede polvora ou murrão, perto esta da fugir deve mata-lo o que o ouvir e estiver mais perto.

[fl. 71v] Estando tudo neste ponto fará sua carga a artilheria e comesara a travar-se as escaramuças sem acelerar-se no movimento senão com bom passo por que todas as couzas que comesão e entrão com movimento e rijas tiverão pouquo.

Como a escaramuça se for aqueitando irão com o que pedir ou infantes ou cavalos e em vendo lugar oportuno para ver que porta tem prometida a fortuna dará o general o Santiago. Dar Santiago se entende licençar aos esquadrões de vanguardia, para que cada hum com a melhor ordem que puder uze de toda a sua diligencia e animo passando por sima⁹⁷ do que não quizer andar e, asim mesmo, Santiago he dizer aos demais dous corpos da batalha que se melhiorem mas vendo que com o primeiro cabedal que

⁹⁷ Cima.

aventura há que baste e que mete em fugida ao inimigo redobrara cargando o esquadrão de batalha com a mais forte parte da cavalaria [fl. 72] porque o segundo dano he o que acaba de desbaratar a hum exersito que começa a fugir.

O terceiro corpo de gente da retaguardia he o que em todas maneiras se deve g[u]ardar e ter inteiro em sua ordem, porque socede refazer-se o inimigo e acontecer o que no jogo de emxadres [*sic*] que ao menor dis-cuido quando mais ganhado se perde, porem vendo que de todo vam já os inimigos desfeitos carragara de toda a terceira gente para de todo desfaze-los.

O saber vencer he couza de muita importância. E assim se deve seguir a vitoria sem que o soldado goze do despojo pois lhe fica tempo para elle e o capitão-geral atras huma vitoria senão podera ter muitas que ao rendido todo o mundo lhe he odioso; e por não usar do vencimento alguns gene-rais alargam a g[u]erra e ainda a vem as vezes perder. [fl. 72v]

A MANEIRA QUE HA DE TER HUM EXERSITO EM POR CERCO A HUMA TERRA.

O mais que há por saber em qualquer cazo de armas he encobrir o desenho delle porque não sendo recatada e secreta a jornada ou efeito que se vai fazer he tanto como avizar aos inimigos que se apercebam; assim deve qualquer general por todo o cuidado possivel em entender o desenho do contrario e encobrir o seu; e quando se [h]ouver de sircoir alguma terra he nessesario usar disto mais que em algum outro feito de armas a cauza que o inimigo da tal parte donde se pretende ir a não proveja de gente, nem a repaire senão que quanto mais descuido se ache em elle sera melhor para o que a for pretender.

E porque o formar a massa de hum campo e fazer movimento com elle não se pode fazer sem que se saiba por o ruido e embarasso de hum exer-sito [fl. 73] [h]avera o general quando pretender cerquar huma terra e dar-lhe combate, furtar o corpo a tal terra fazendo movimento com seu campo e mais ao reves que possa da tal terra, donde há-de vir e se for possivel apartar alguma gente para que faça diferente movimento a outra parte mui remota será melhor, mas logo que o tal campo [h]ouver cami-nhado tres ou quatro jornadas por a forma dita parara; e o inimigo vendo a parte onde ameaça carregara ali com todo seu socorro e repario, e ainda as vezes o tirara do que se pretende e pora nisso discuido, tanto que o general que for a sercar a terra mediante suas diligencias tiver entendido que o contrario se ha embaraçado nisto, quoando melhor lhe parecer po-derá sobre a tarde mandar caminhar tres mil cavalos, os milhores, com tres

mil arcabuzeiros nas anquas e que a toda a presa caminhem e tomem o sitio. Apos estes mandara outra partida de gente e cavalos com menos diligencia e logo elle com todo seu campo caminhara em seu sigimento que fazendo-se isto com diligencia não poderá o enemigo prover ja o seu dis-cuido [fl. 73v] que por muito cuidado que nisso ponha, chegada a primeira gente a terra donde se vai, tomara os principaes postos do campo especialmente as portas da terra atrincheirando-se ante ellas, não dando lugar a que depois de chegados couza alguma lhe entre asim de socorro como de mantimento nem menos saia alguém da terra a talhar, nem cortar couza alguma das que [h]ouver mister, o campo que há-de vir correndo a cavalleria em esta provisam.

Logo que for chegado todo o demais exersito cercara a terra toda ao redor, pondo a nação que [h]ouver de remeter no quartel por onde [h]ouver de ser a bateria ou baterias advertindo de deixar alguma parte da terra por sercar para que se o enemigo se quizer sair lhe faça ponte de prata.

E se tal terra tiver rio ou algum braço de agoa por onde lhe possa entrar socorro isto he oportuno em que se há-de por remedeo fazendo dous fortes hum em hum cabo de hum rio e outro do outro, e do hum ao outro forte em toda a largura [fl. 74] fazer huma ponte de barquas que para o efeito estarão prevenidas postas as proas adiante para a parte para onde poderá vir o contrario, e as barcas humas com as outras unidas e travadas de sorte, que ante huma e a outra não posa passar couza alguma cheas de gente e asim mesmo algumas peças e muitos intrumentos de fogo, de sorte que tudo isto aja de assistir em ellas emquoanto o serco durar, isto podera ser sendo o rio de pouca travesia que se for mais copioso e grande sera necessario de baixes e gales que o resistão.

Nam tendo esta dificuldade a terra ja que este sercada a primeira couza em que asi nisto como no mais se deve usar he convidar com a paz ao enemigo.

Nam tendo esta dificuldade a terra ja que este cercada e para isto se deve enviar hum trombeta que va toquando e, chegando a serca da tal terra, pergunte por o governador e lhe diga da parte do general que renda a terra oferecendo-lhe quais- [fl. 74v] quer partidos que o enemigo pedir se a quizer render com tal que seião licitos e não querendo, dira o general o que dizia Dom Fadrique de Toledo quando não se lhe queria render alguma terra que pedia “*vengam mis llaves que hazem a qualquiera puerta de azero*”, estas chaves erão artilheria.

E assim visto que o enemigo esta rebelde e posto em defender a terra aperta-la há-de todo e sem perder tempo mandara plantar a artilheria, a

qual [h]avendo aparelho para isso seria por duas partes para que os enenmigos se espalhem para a defensão dellas e não estem tão fortes em huma e tambem porque aterrece muito aos contrarios quando se lhes da o asalto por mais de huma parte, imaginar que ja os pretender a entrada [h]averão entrado por a outra parte.

O reconhecer destas baterias has pesoas nomeadas que lhes toqua sera como he ordinário que por huma de duas partes se deve bater a terra, a primeira por onde for mais fraca [fl. 75] e asim mesmo por onde a muralha não não tiver traveses que sam as esquinas ou baluartes⁹⁸ que saem por os lados a fazer sombra e emparo ao lanço da muralha; estes sam de grande dano o dia de huma remetida porque como a gente a remete e esta arrimada ao pe de huma bateria sem poder entrar destes traveses os aseteão o que da mesma muralha não podem por esta a gente ja pegada a ella.

Alem disto se a terra tem ao redor alguns padrastos ou eminencias perto que lhe sejam supiriores, nelles tambem se planta artilheria para derubar-lhes as cazas; antes que esta artilheria tal se plantem devem de [h]aver-se chegado com as trincheiras por as partes por onde [h]ouver de ser a bateria o mais perto que se puder.

O fazer de trincheiras sera de noite; desta arte convem a saber se for parte onde [h]aja artilheria que as possa ofender serão de sestoins e sarzos cheos de terra com sua cava, por dentro e por fora de sete pes em ancho e a terra que destas cavas sair deitada em sima dos sarzos ou sestoins.

[fl. 75v] Se forem trincheiras das que se arimão a terra serem asim mesmo feitas humas sanjas que não trepando e fazendo valado por onde se posa cubrir a gente e onde a trincheira [h]ouver de parar fara fronteira do espaço que parecer nescessaria tam alta como pelos pertos, pondo por sima saquetes de terra ou areia e outras couzas que fação ceteiras por antre as quais veião os sentinelas e tirem os arcabuzeiros e destes saquetes, deve ter hum exersito grande quantidade serão de três quartos de comprido e huma de largo, fazem-se de calhamaço ou de lenço basto e quando se há-de fazer huma trincheira os levão cheos de terra cada gastador, dous ou tres porque sobre elles se comesa a armar a trincheira para mais brevidade e tambem servem do que esta dito.

Ja que as trincheiras estam feitas em as partes onde [h]ouverem de ser as baterias se porão tantos sestois, como for nescessario para que antre cada dous [h]aja huma pesa. Estes sestois sam de [fl. 76] rama verde armados sobre estacas grosas de altura de sinco varas e que o posam abarquar quatro homes. Estes cheos de terra e impinados fazem emparo e

⁹⁸ Definição de “traveses”.

pilar onde a artilheria estriba ao bater. E os artilheiros lhe serve de reparo para a carregar.

Por o chão estara a tal bateria cuberta e alastrada de taboas que para este efeito se levão para que por sima dellas corram melhor as rodas das peças; chamão-se estas taboas plataformas.

Estara a artilheria distante da terra o que comvinha e chegada o possível guardando em elle sua proporsam.

A melhor artilheria para bater sohiam ser canhões reforçados e agora se tem per milhores huns que se chamam artilharia manrique, os quais sendo a metade menos de comprido ainda que da mesma largura com a ametade menos de polvora batem mais forte e fazem o proprio efeito; assim mesmo se devem por algumas colobrinhas que batão de traves e sem fastio a terra comesando sempre a bater por os traveses.

[fl. 76v] Com cada peça estara ao bater hum gentil-homem, dous artilheiros e os gastadores necessario para o salhar.

He de saber que o fazer das trincheiras, o encher dos sestois o fazer das plataformas, o cegar de hum fosso e outros sirviços desta forma he officio de gastadores, mas quouando a necessidade do tempo o pedir deve a ello ajudar qualquer soldado sem desdenhar-se disso comesando o proprio general e capitães para que os demais o fação com muito amor.

Plantada a bateria baterão por suas camaradas as peças, deixando sempre huma por derradeiro para que quando os inimigos se repairão por dentro aquella camarada ultima os prijudique.

Os artilherios mais certos vão com as culebrinas cortando a muralha ao direito, como quem vão com hum sinsel cortando huma prancha de ferro, e em estando assinalado hum pedaço de muralha darão por baixo os canhões grossos que a fazem [fl. 77] desgarrar e vir a terra a pedaços e sendo de outra maneira desorde<na>da gastar-se-ha mais tempo e moniços e fara menos proveito.

E quanto ao remeter se a terra tiver cava ou fosso che[i]o de agoa, que he o que resta por remedear, seia desta maneira, sendo pouqua a agoa com quantidade de rama terra e outras couzas cegar-se-ha o fosso por onde se [h]ouver de remeter; e se for mais quantidade de agoa da que se posa segar, sangrar-se-ha o foso desta maneira:

Ver-se-ha por onde lhe entra a agoa e tapa-lo-ham abrindo sanjas(?), por onde a tal agoa g[u]ie por diferente caminho e por a parte que o foso estiver algum tanto pendente lhe abrirão tambem sanjas por onde a agoa se esgote, ou, ao menos, parte della com que a demais soffra cegar-se e quando o tal foso for mui fundo e a entrada da agoa tiverem os inimigos e

não poder ser sangrado, far-se-ham pontes os demais aprovados sam deste modo: [fl. 77v] de noite duas pessoas de companhia que o entendão, por a parte da arremetida, entrando a nado no fosso ate chegar a muralha e medirão a largura que tiver com hum corda e logo comesarse-ão a fazer as pontes desta maneira: tomarão pipas vazias e furadas por os meios dos fundos meter-lhes-ão paos da fortaleza conviniente sobre os quais rodem como huma roda sobre hum eixo; e em estes paos que por de fora de cada fundo sobejara como mea vara de cada hum, armar-se-ão huns pilares que subão sobre as pipas nam mais distansia que quanto posão rodar por debaixo folgadoamente, sendo estes pilares fixos e com seus traveses de hum ao outro por o ancho e a mais fortaleza nescessaria armar-se-ha sobre elles de taboas a ponte com suas varandas, por os lados ficara de mameira que metidos dous homens por debaixo do taboado em puxando a cada pipa todos os que forem necessarios alapar rodara a ponte donde ativerem ate mete-la na agoa.

[fl. 78] Estes tais que a [h]ouverem de meter na agoa serão nadadores e por diante com duas cordas ou as nescessarias e indo cubertos os tais homens com hum repario de taboas que se lhe faz vão g[u]iando a ponte e os demais nadando e renpujando-a ate a arrumarem aonde há-de estar e estas tais pontes devem ser duas alapar por cada bateria e que [h]aja duas em cada parte, ter-se-há conta quando as fizerem que saião antes compridas que curtas meter-se-ão pouquo antes que se queira remeter, porque as não queimem os inimigos e com boa guardia de arcabuzeiros por que as não estorvem.

Porem, se a tal terra for forte e os de dentro tão engenhosos e soldados que se não posam entrar, se se puder minar, minar-se-á deste modo: deve-se olhar e reconheser per a parte que as minas se [h]ouverem de fazer que não seia penha e que seia o mais alto que a terra tiver ao redor para que com mais facilidade [fl. 78v] se faça a mina.

Logo, pola parte que [h]ouver de ser se fará huma trincheira mui grande em que se meta huma guardia debaixo dela; comesarão a abrir a terra e a fazer o concavo, e vão da mina pondo-lhe por o teto muito taboado e madeiros que a ponto de tal maneira a concavidade que se fizer não se aruine e caia desta maneira, e irão minando por debaixo da terra ate chegar ao pe da muralha que tambem se mina e ate chegar dentro da terra logo que esta no tal posto abrirão a mina o forno que dizem que he em o ultimo della hum ceo e espaço grande no qual se mete a polvora nescessaria, rotos alguns barris e os outros inteiros, logo vão deixando rig[u]eiras de pólvora ate a boca e deixão o murrão aseso mitaçando o tempo que querem que tarde em asender-se e isto feito tapam a boca da mina com albaneria para que a força da impuxão da polvora não ache [fl. 79] por onde respirar, deixando huma mui pequena parte por onde se atire.

E para que ao acender della faça mais efeito, se costuma usar de muitos ardis, o que melhor socedeu fique hum pouquo antes que a mina se asenda em todos os quartéis do exersito se levantara algum ruido de cotiladas fingidas de sorte que não [h]aja couza com couza que não peleje fazendo hu[n]s que caiem como mortos e outros que vão feridos, todos com muita dissimulação, entonces os amigos se asomão a muralha debaixo da qual esta a mina, porque naquella parte há-de ser o maior ruido e se ha fortuna he contraria aos enemigos saie a mina e faz voar a todos aquelles que pode alcançar, e por sima deste terror e espanto remete a nossa gente sem achar defensão por que he hum diabolico instrumento.

Mas não havendo couza com couza e não [h]avendo mina estando ja a terra batida [fl. 79v] e metidos os pontes ainda que a bateria seia mui a noso favor, se o enemigo se quizer render deve-se-lhe conseder e ainda incita-lo a isso, porque não soceda o que em Bomene, em Gelanda, onde estando a bateria neste ponto o governador da terra pediu que se queria render foi-lhe dado ruim resposta e com muita soberba, o qual respondeu a ella pois uzemos das armas que em hum bom pelejar esta huma boa fortuna e asimo fizerão elles de sorte que matarão aquelle dia muitos, capi-tães e muitos soldados e não se pode tomar a terra.

E a diferença disto muito melhor lhe socedeo a monsiór de Jerges no próprio cazo que estando sobre escavona e tendo a tal, que se via por a bateria os pes[s]oas de dentro pidirão partido que se querião render e o Jerges lho consedeo deixando ir os enemigos livres com suas bandeiras, caixas e armas como disto mofase, a grande do café não por o que sentião da reputação senão [fl. 80] por o do proveito. O general nomeado se ajuntou onde estava a maior parte da gente dizendo: “Senhores, ning[u]em deve pezar do feito que aquellas bandeiras e armas que eu aos enemigos poderá fazer que me deixarão era honra minha, a qual honra he a própria que tenho digo que darei todas as vezes que se me pedir, por não perder o menor soldado dos que trago em meu campo: de sorte que isto deve ser de grande exemplo em tais tempos aos generaes”.

Mas quando virem que ja o enemigo esta tão rebelde estando para o remeter usar-se-ha da arremetida por esta ordem. Primeiramente procurarão que nas trincheiras mais chegadas a terra este muita mosqueteria, a qual não sere de tirar quando se arremete enquanto durar a bateria aos que a defenderem e os que [h]ouverem de remeter seia alapare assim mesmo por os demais quartéis por onde a terra não [h]ouver de ser remetida, nem entrada dar-se-lhes-ha ordem aquella gente que alapar, que virem remeter re- [fl. 80v] -metão elles com escadas e outras couzas que cauzão temor fazendo hum a comitimento fingido para que os de dentro se divirtão e repartão por todas as partes com mais confusam e temor.

Logo toda a infantaria que estara por remeter em cada parte se repartira em tres partes: vanguardia, batalha e retaguardia, estando em a trincheira que mais perto estiver da bateria ao tempo que soar a trombeta, que he o sinal para que remetão alapar, disparara huma carga de peças sem balas e com o emparo do fumo delas remetera a vanguardia levando os alferez as bandeiras emroladas nas hasteas, assim mesmo levarão algumas escalas e piques de fogo e entenda todo o soldado que quanto mais pressa se der por chegar a bateria estará mais seguro.

Se esta primeira parte de gente pode entrar sera muito melhor porque nam socede [fl. 81] bem em a bateria que a primeira gente que comete não entra assim por o temor que os amigos cobrão como por o animo que cobrão os enemigos.

Asim que não podendo entrar a primeira parte cometera a segunda da batalha sem ritirar-se os primeiros e com novo ímpeto se dobrara o combate, mas quando se vir que os dous corpos de gente não entrão se deve ter roim esperança da bateria remetera o terceiro da retaguardia, e todos ala una procurarão a entrada, se entrarem nam deve ocupar-se algum em entrar-se em caza alguma porque o enemigo não se refaça.

Permitesse aos que entrão por força em huma terra que a saqueem soe durar o sacco hum dia ou o mais termo a<te> tres conforme a vontade do general.

Se a terra não se entra torne-se de novo a [com]bater⁹⁹ e a escolher as nações a mi[lhor]¹⁰⁰ gente para a remetida porque em os exer- [fl. 81v] -ersitos dos espanhois não pertence a remeter senão a espanhola nação e os demais estem em esquadrões emquanto se remete o principal que para tomar a terra mais forte do mundo se há mister he o que dizia o marques de Marinhão “*Dinare piu dinare*”, e por esta couza dizia o emperador Carlo quinto ao marques “Buen soldado sois marques pero sois mui costoso.

COMO SE HÁ DE DEFENDER HUMA TERRA OU HUMA FORTALEZA QUANDO LHE PUZEREM SERCO.

O governador de qualquer terra ou fortaleza ou castelão de qualquer castelo assim os que estiverem em fronteiras como os que o não estiverem em paz e em g[u]erra deve viver em tam grande vigilança que jamais se lhe note algum descuido. He de saber que a maior força de todas he a

⁹⁹ Palavra cortada por rasgão no suporte.

¹⁰⁰ Palavra cortada por rasgão no suporte.

gente e asim procurara estar sempre apercebido della a [fl. 82] melhor e mais pratica que ser possa e que não seja demaziada por não careser de virtualha mas somente aquella gente que a boa mente parecer conviniente para defender a tal praça por muito combate que se lhe de logo estando apercebido de gente estará apercebido de todos os bastimentos que forem nescessarios para a tal força advertindo que sempre nisto [h]aja abundancia e não taxa.

De artilheria e todas monições deve também estar prevenido e de ses-tois feitos de lenha de muita rama ou faxina finalmente de todo o menester possível, e disto em paz há-de estar prevenido para ququando o vierem a sercar e em a tal paz viveria o governador com grande recato e vigilância, fazendo as guardias e as mais diligencias com tanto cuidado como se estiver sercado, porque aos inimigos não incite a que lhe fação algum trato e os amigos estem destros e apercebidos [fl. 82v] para qualquer [h]ora e tempo que os sitiarem, o qual se acontecer deve o governador da tal terra, antes que venha sobre elle o campo, procura-lo saber e sair a descomezar todos os [ar]redores queimar e atalhar todas as couzas que forem de proveito ao campo que vier apeçonhendo as agoas. E o dia que o campo se lhe chegar jugara toda a artilheria por a parte que mais possa ofender de modo que cada palmo de terra que os contrários lhe entrarem, lhe custe muitas vidas.

E assim mesmo as trincheiras que lhe arrimarem devem sair com grande impeto a estrova-las e desfaze-las mostrando nisso tanto valor que aos contrários fação parar sem que ouzem chegar-se.

No tempo de frio e chuvas e o mais sobre tempo que poderem he a oportunidade que se deve buscar para as tais remetidas, porque saindo elles da terra emxutos tem grande ventagem [fl. 83] aos que estiverem nas trincheiras molhados e afligidos.

Deve também o governador no principio do serco comesar a regrar as virtualhas e atar o relógio que não soe e em nenhuma maneira escutar os contrarios porque se diz que o alcaide quando escuita entregar quer a força.

Asim mesmo tera muito cuidado de encobrir as couzas de que tiver necessidade, e se vir que lhe plantão a bateria, alem do que estiver fortificado, fortificara aquella parte com a maior pres[s]a que poder fazendo praça de armas e despovoando aquellas cazas que mais perto estiverem da muralha que se bate e estando sempre a guardia da bateria a melhor e mais parte da gente fortificando de noite o que de dia se bater e melhor repario que em tal cazo se há feito foi o que fizerão em Arle desta maneira: “Desde hum canto ao outro da muralha que abrio a bateria, por a parte de dentro

detras do escarpe que he a terra que [h]avia caído ao pe da bateria se fez huma sanja(?) ou cava em arco a modo de mea lua [fl. 83v] a volta para a parte de dentro e de tablones rijos feitos a prova de mosquete humas a maneira de ameas com suas ceteiras onde estivesse muita mosqueteria ao tempo de a remeter. Deve-se fazer isto de tal maneira que a gente este cuberta detras dos tais reparos sem que possa ser vista para que faça mor dano a carga que fizer.

Alem disto se poram sacas de lam e outras couzas fofas donde a artilheria se embarase e detenha ainda que, como dizia o marques de Pescara “de arcabuz e de ballesta detras del muro salveis esta de artilheria no te asseguro que traspassa todo muro” isto será quanto ao repairo das baterias.

Mas se entender que minam o que pouquo mais ou menos na frequên- cia que os enenmigos fizerem para aquella parte donde se mina o entende- rão, procurarão os de dentro para saber onde vai a mina sair, saber-se-há deste modo: tomarão hum tambor e i-lo-ão mudando polo chão [fl. 84] por todas as partes no direito onde se parecer que se faz a mina pondo em sima delle huns dados que quoando chegarem onde se faz a mina os dados se menearão sem ning[u]em tocar nelles. Entendendo isto procurarão contraminar saindo a ella ao traves fazendo todo o dano que poderem.

Asim mesmo se algum bastiam ou terraplano de monte de terra se lhe ar[r]imar a muralha como se soem se podera voar com huma mina como se fez no serco de Mazagão.

Tambem he couza de grande proveito o encravar da artilheria porque muitas vezes faz deixar de bater ou ao menos da termo para que os de dentro se fortifiquem, encravar-se-há desta maneira: já os de dentro entenderão por efeito que fez a artilheria quando lhes poderão dar o as[s]alto, antes que venhão a elle nem acabe de estar bem batida a muralha sahirão a encravar a artilheria a dezora da noite encamizados para que se reconhe- ção os de seu bando, quando mais o mao tempo ajudar será melhor sairão [fl. 84v] a isto os milhores e mais destros soldados fazendo o menos ruido que possam porque em os não sentir esta a importancia do negoceo, deixa- rão a mais gente a porta por onde saírem todo apercebida e em arma. Os capitães que a isso forem ou alferez levarão cada hum, hum cravo de aseiro da grossura e comprimento de hum fogão de artilheria, feito a boa discirisão, razo e estreito da cabeça porque não há-de ficar couza alguma por sima senão fundido mesmo no fogão de sorte, que nem com tenaz, nem com outra couza alguma o possão tirar por parte de fora, asim mesmo levava hum martelo prezo por hum fiador ao colo do braço, ir adiante alguma gente de g[u]erra que de de suspeto em os que estiverem na guar- dia da artilheria e com cada hum que levar os cravos e martelo irão seis homes que nam [h]ão-de entender em outra couza mais que em amparados

e defende-los enquanto fazem o efeito, o qual farão os que o forem [**fl. 85**] a fazer sem aprezurar-se e depois de feito darão o contrasenho que levam para que os amigos o entendam e se comesem a retirar a volta donde vierão. Assim mesmo levarão nome ou contrasenho, estes e todos os mais que de noite saírem a qualquer efeito.

E quando ja chegar o dia do asalto deve procurar o governador escolher toda a melhor gente e mais provada para defender as baterias, a menos parte e de menos prova compartira por a muralha nas estancias seguras, tendo em as baterias apersebidos quantos instrumentos de fogo puder para defender a entrada com muito azeite fervendo, que soe ser o que mais dano faz e assim mesmo semeada toda a bateria de abrolhos de ferro e feitas algumas minas tambem que voem os que forem entrando procurando resistir aquelle primeiro encontro aos contrarios que como se lhe resista elles irão cobrando medo e afroxando no combate; se a terra for entrada não há mais que fazer [**fl. 85v**] e senão irão sempre fortificando-se e ajuntando mal a mal os contrarios e pedindo socorro a seu príncipe deste modo: “Estando huma terra cercada os de dentro não tem lugar para avizar do que am mister sem grande risco de que os de fora tomem o avizo que der ou enviar, com o qual sabido socorreria gran perigo, pelo que quando huma terra esta com trabalho se costuma usar de sinaes para que os espias que andão no campo vendo os entendam e por o contrasenho que já o governador da terra com seu príncipe os venha a entender.

O primeiro quando huma terra esta em aperto, na torre mais alta, arvorara hum bandeira preta deixando-a ali estar.

E se não tiver nessesidade de socorro bandeiras coloradas e de outras cores.

Se [h]ouverem enviado cartas farão de dia huma fumaça.

Se as [h]ouverem resebido porão huma bandeira branca.

[**fl. 86**] Os dias que se puderem sustentar sinala-los-ão de noite com tantos fogos.

Quando se quis largar a terra pora huma bandeira mui comprida de huma peça de lenço inteira branco em comprido.

E para o escrever quando for nessesario em secreto, porque a sifra he já mui ordinária, escrever-se-ha por molde e para que a resposta venha segura sera desta arte: “sahira hum de noite da terra, o qual levava huma pomba ou duas, as quais na terra deixem os filhinhos nos ninhos e se ao sair tomarem este soltara as pombas e não se perde nada porque o mensagem da ida não he o que importa senão o da tomada, porque nellle há-de vir o avizo de quando vira socorro por onde e como, e para isto a estas

pombas que [h]ouverem ja chegado ao poder do que [h]ouver de socorrer a tal terra escrevera em dous pequenos bilhetes o que convenha e no vão de dous canos de pena cortado em o ciço metidos cada hum dos bilhetes arrolhados e tapados com sera e encastrados com hum fio cada hum destes [fl. 86v] canudos a cada pe de pomba solta-las-ão a cada huma por sua parte que ellas tornarão a buscar os seus pombinhos onde serão tomadas e se verão os recados que trouxeram. Este avizo se alcansou no cerco da villa de Sirquizeaonde asertou de vir huma pomba com hum recado destes por que estava a villa tam bem sercada que senão era por o ar não lhe podia entrar por outra parte socorro e os de dentro tinhão buscado este remedeo mas contudo veio as mãos dos espanhois, sitiadores da vila, porque a pomba cansada de atravessar hum braço de mar se pos em sima de huma caza das que estavam no quartel do serco e hum arcabuzeiro, sem saber o que ella trazia a aventura, lhe tirou e a matou vendo-se o segredo que tinha lhe acharão dous bilhetes em os canudos já ditos, em letra francesa que porque sirvão de testemunho se dira aqui o que dizião que era o que se segue:

“Senor Drobe”, que assim era o nome do governador de Sirqueza, “muito me aprouve saber o estado em que estão [fl. 87] as couzas desa villa, a qual me parto logo a Pichelingues para prover o socorro geral que a mais tardar vo-lo enviarei daqui a seis semanas e porque para o poder esperar este tempo tereis nescessidade de alguns bastimentos deixo recado al almiralha que, como pratico em o pais, vos proveja dellas, aviza-lo-eis porque parte os poderá meter mais seguras, saindo a ajuda-lo a meta-las que será bem nescessario, emcomendai-me aos senhores da villa e a vosa pessoa eu a tenho em grande sigura para ocupa-la em todo tempo em meu sirviço vosso bom amigo, Guilhelmo de Nacao, Principe de Orange”.

Asim que estes e outros avizos soem ser de muito proveito para os que estiverem sitiados e admitta o tal governador que para a ultima vontade há-de ter elle em algum secreto, que ning[u]em lho saiba senão elle, so algumas vitualhas e munições ocultas como socedeo no serco desta propria villa, que [h]avendo muitos dias que já ispirava de fome e em toda [fl. 87v] ella nam [h]avia couza alguma que comer, nem se podia achar por preço algum e chegou a valer hum quarto de cão hum cruzado, chegaram os da villa a querer-se render consedeu-se-lhe e para fazer e firmar as condioes armou-se de huma tenda antre a villa e o exersito do serco era nos últimos dias de Junho, sairão da parte dos espanhois quatro personagens e da villa, o governador e outros três de industria, os espanhois para entender mais por extenso a nescessidade que a terra padecia, nam comerarão a tratar o negocio indo pola manha senão dispois do meio-dia disse hum dos

capitães espanhóis “*parece-me que já era tempo de comermos porque no-lo não envião dos quartéis que he isto pegou-se-nos a fome da terra.*” Ao que o governador respondeu com muita dissimulação: “*como he isso eu me [h]avia discuidado entendendo que vossas mercês vinhão almosados como eu, pois não vem para que se veja a necessidade que na terra [fl. 88] temos, tragam de comer e tomar-se ha como vier*”, pois se acordarão tarde mandou dentro a terra que trouxesem de comer e traxerão de toda a sorte de caves e maneiras de vinho em tanta quantidade que sobejou muita parte de tudo, o qual deu admiração aos espanhóis e lhes fez conceder as condições mais amplias do que levavão em prepósito, vindo-se a saber depois não [h]avia em toda a villa outro tanto como aquilo que traxerão e aquillo o tinha guardado muitos dias avia o governador para aquella conjunção.

[H]avendo feitas todas as diligencias ditas qua[n]do o principe responder que não pode dar socorro sem nenhum temor dos dizeres das gentes se poderão render com os melhores partidos que poderem fazer porque não ha força nenhuma por forte que seia que não se perqua senão for socorrida a cauza da grande vantagem que tem os que sercão aos sercados.

Finis Laus dei.

O QUE TOCA A CADA HUM DOS DESPOJOS DA GUERRA

A la uzaña de Francia i de Castilla, el Reino la provincia e senhoria, el Rei captivo, la ciudad o villa es del que ha excedido em poderio del general es al que pierde podralo rescatar a su alvidrio qualquier otro prisionero es de qualquier de los nuestros que lo gana en la batalla i haze alferes que con el se acuerde la riqueza de dentro de muralla ganada por asalto o bateria puede qualquier soldado saquealla pero dando al supremo que logia todas las municiones e banderas con la pujante e gruesa artilleria.

[fl. 89] Las piezas que ni son medeanos ni enteras i sin ruedas estan descavalgadas, son del capitán dellas las maneras llevan los artilleros juntamente con todas las por ellas emboquadas. Dize el rebelde el uzo es excelente a lo menos a mi mucho me agrada, bien puede andar contente qualquier gente podia tener buen fin qualquier jornada asim quedise David no ser derecho mas de lo que se gana en el algarrada de correria un monton deve ser hecho, se ai algun prisionero rescatallo, dar para que se cure el que es contrecho pagar al dueño que pirdio cavallo lo que custo si dentro del año fuere sino lo que valia compraballo.

4. GLOSSÁRIO

Luís Costa e Sousa

Alabarda: arma de haste, cujo “*ferro*” combinava a lança e o machado.

Arcabuz: a arma de fogo (pirobalística) portátil mais comum entre os portugueses, no século XVI.

Arcabuzeiro: soldado equipado com arcabuz, arma de fogo (pirobalística) portátil típica do século XVI; podia combater a cavalo ou a pé.

Armar (o “*pique*”): posição de ataque, na qual o soldado colocava o “*pique*” na horizontal, apontado ao inimigo.

Bastião: obra de fortificação erguida na esquina da muralha.

Calar (o “*pique*”): posição de marcha, na qual o soldado colocava o pique ao ombro, na vertical.

Cava: fosso.

Cestão (sarzos ou sestoins, no texto “*prologo de re militari*”): cesto que se enchia com terra, destinado a reforçar as fortificações ou posições em campo aberto.

Cevar (o “*arcabuz*”): carregar a arma para disparar.

Colubrina: canhão de cano longo.

Conto: a parte inferior de uma arma de haste.

Companhia: ver bandeira. A estrutura organizativa mais comum na Europa do século XVI. Na segunda metade do século, possuía um efetivo de 250 homens, quantitativo estipulado pela legislação militar portuguesa, a partir de 1570.

Cossolete: soldado “*piqueiro*” protegido com armas defensivas. Peça de armadura destinada a proteger a frente do tronco do soldado.

Costado: ilharga, lado.

Couro(a) d’anta: Proteção do tronco, com ou sem mangas, feita de pele.

Encamisada: golpe de mão executado com um número limitado de efetivos, normalmente desferido durante a noite.

Escarpa: a face interior do fosso.

Esquadra: subunidade da companhia, que, de acordo com a ordenança portuguesa de 1570, devia consistir de 25 homens comandados por um “*cabos*” (ou “*caporal*”).

Esquadrão: formação tática da infantaria, constituída pelos soldados “*piqueiros*”, que podia envolver várias “*companhias*” de um ou mais “*terços*”.

Estância: posição defensiva, eventualmente reforçada com elementos fortificados.

Faxina: conjunto de ramos enfeixados, destinados a reforçar trabalhos de fortificação.

Ferro: aplicação metálica no extremo superior de uma arma de haste.

Gineta: espada nasrida; lança curta utilizada pelos oficiais de infantaria no século XVI; modo de montar à maneira árabe (de Marrocos), com as pernas fletidas.

Guarnição: soldados que defendiam um lugar fortificado. Soldados atiradores que, desde finais do século XV, protegiam os lados das grandes formaturas militares quadrangulares. A partir de meados do século XVI foram sendo substituídos pelas mangas, taticamente mais flexíveis.

Gibão (de Holanda): peça de vestuário destinada ao tronco.

Gola: peça articulada destinada a proteger o pescoço.

Manga: dispositivo tático vulgarizado a partir da segunda metade do século XVI, e que corresponde a um conjunto de atiradores colocado nos flancos do “*esquadrão*”.

Morrão: mecha que faz a ignição da pólvora para disparar o arcabuz ou mosquete.

Mosquete: arma de fogo (pirobalística) portátil, de maior poder e alcance que o arcabuz. A sua utilização requeria o uso de uma forquilha devido ao peso da arma.

Ordenança: soldados recrutados no reino; posicionamento ordenado dos soldados no campo de batalha.

Pelouro: projétil de uma arma de fogo pirobalística.

Pique ou pica: lança comprida com 4-5 metros, utilizada pelos soldados “*piqueiros*”, cuja origem poderá recuar à “*sarissa*” dos macedónios.

Presídio: cidade fortificada, normalmente associada com as posições ibéricas no Norte de África. Possuíam guarnições permanentes, de uma ou várias companhias de soldados.

Piqueiro: soldado armado com a “pica” ou “pique”. Podiam ter armas defensivas, nesse caso, eram designados por “cossoteles”. Quando não possuíam qualquer tipo de armadura (exceção feita ao capacete), designavam-se por “picas secas”.

Polvorinho: recipiente onde se trazia a pólvora destinada às armas de fogo (pirobalísticas) portáteis.

Polvorim: pólvora fina destinada a provocar a ignição e conseqüente disparo da arma.

Rodela: escudo de forma redonda.

Saca-pelouro, saca-trapo: peça que se introduzia na vareta da arma para limpar o interior do cano.

Sargento: oficial de topo da hierarquia militar quinhentista. Existia nas companhias, nos terços e no topo do comando de um exército.

Serpe: peça (móvel) do fecho de um arcabuz ou mosquete, onde se colocava a mecha.

Talabarte: forma de suspender a espada; até finais do século XVI, era normal ser colocado no cinto.

Terço: a designação portuguesa para *tercio*. O terço foi introduzido em Portugal, como unidade militar, por volta de 1572, no contexto das preparações militares que culminaram na batalha de Alcácer Quibir.

Terraplano: obra de fortificação que compreende a plataforma destinada à colocação das peças de artilharia, protegida por um parapeito.

Tiracolos: forma de suspender equipamento ao ombro, como os frascos de pólvora para recarga das armas de fogo portáteis, ou, a partir de finais do século XVI, as espadas.

Traveses (v. “*bastião*”): termo utilizado para referir os ângulos de dois panos de muralha; “sam as esquinas ou baluartes”, *prologo de re militari*, fl. 75.

Bibliografia

Albi de la Cuesta, Julio, *De Pavía a Rocroi. Los tercios de infantería española en los siglos XVI y XVII*, Madrid, Balkan Editores, 1999.

Armaria do Paço Ducal de Vila Viçosa, coord. Maria Jesus Monge, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 2001.

Bandeira, Luís Stubbs Saldanha Monteiro, *Glossário armeiro (séculos XI a XIX)*, Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 1993.

Conde De Valencia, *Catálogo histórico-descriptivo de la Real Armería de Madrid*, Madrid, Houser y Menet, 2008.

Fallows, Noel, *Jousting in Medieval and Renaissance Iberia*, Woodbridge, Boydell Press, 2010.

Guimarães, Natércia, *Algarve: castelos, cercas e fortalezas. As muralhas como património*, Faro, Letras Várias, 2008.

Nunes, António Lopes Pires, *Dicionário de arquitectura militar*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2005.

Rodrigues, Maria João Madeira *et al.*, *Vocabulário técnico e artístico de arquitectura*, Coimbra, Quimera, 1990.

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

Rua Major João Luís de Moura, Famões Park
– ARMAZEM AB – 1685 - 650 Famões
TELEFONE | (+351) **21 931 74 99**
www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt
